

ELSINORE

FERNANDA MELCHOR

Finalista do National Book Award e do International Booker Prize

TEMPORADA DE FURACÕES



«Um romance deslumbrante
de uma das mais entusiasmantes
novas vozes da literatura mexicana.»

The Guardian

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

FERNANDA MELCHOR

**TEMPORADA
DE FURACÕES**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: fevereiro de 2023

TEMPORADA DE FURACÕES

Título original: *Temporada de Huracanes*

Texto: © 2017, Fernanda Melchor; publicado por acordo com Michael Gaeb Literary Agency,
Berlim

Publicado por Penguin Random House Grupo Editorial, México.

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2023, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Elsinore é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*.
Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou
em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico,
nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso
público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Cristina Rodríguez e Artur Guerra

Revisão: Raquel Dutra Lopes

Capa: Wonder Studio

ISBN: 978-989-784-989-3

Composição digital: leerendigital.com

Composição digital PRHGEP: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivros](https://twitter.com/PenguinLivros)

Facebook: [elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)
Instagram: [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

Índice

Temporada de Furacões

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

Agradecimentos

Sobre o livro

Sobre Fernanda Melchor

Sobre os tradutores

Notas

YOU ARE WELCOME TO ELSINORE

Entre nós e as palavras há metal fundente
entre nós e as palavras há hélices que andam
e podem dar-nos morte violar-nos tirar
do mais fundo de nós o mais útil segredo
entre nós e as palavras há perfis ardentes
espaços cheios de gente de costas
altas flores venenosas portas por abrir
e escadas e ponteiros e crianças sentadas
à espera do seu tempo e do seu precipício

Ao longo da muralha que habitamos
há palavras de vida há palavras de morte
há palavras imensas, que esperam por nós
e outras, frágeis, que deixaram de esperar
há palavras acesas como barcos
e há palavras homens, palavras que guardam
o seu segredo e a sua posição

Entre nós e as palavras, surdamente,
as mãos e as paredes de Elsinore

E há palavras noturnas palavras gemidos
palavras que nos sobem ilegíveis à boca
palavras diamantes palavras nunca escritas
palavras impossíveis de escrever
por não termos connosco cordas de violinos
nem todo o sangue do mundo nem todo o amplexo do ar
e os braços dos amantes escrevem muito alto
muito além do azul onde oxidados morrem
palavras maternais só sombra só solução
só espasmos só amor só solidão desfeita

Entre nós e as palavras, os emparedados
e entre nós e as palavras, o nosso dever falar

MÁRIO CESARINY

Para Eric

*He, too, has resigned his part
In the casual comedy;
He, too, has been changed in his turn
Transformed utterly;
A terrible beauty is born.*

W. B. Yeats
Easter, 1916

*Alguns dos acontecimentos que aqui se narram
são reais. Todas as personagens são imaginárias.*

Jorge Ibargüengoitia
Las muertas

|

Chegaram ao canal pelo trilho que sobe do rio, com as físgas preparadas para a batalha e os olhos semicerrados, quase cosidos no fulgor do meio-dia. Eram cinco, e o seu líder, o único que usava fato de banho: calções coloridos que luziam por entre as matas sedentas do canavial ainda baixo de princípios de maio. O resto da tropa seguia-o em cuecas, os quatro calçados com botins feitos de lama, os quatro carregando por turnos o balde de pequenas pedras que tinham tirado do rio naquela mesma manhã; os quatro, muito sérios, com ar de maus e tão dispostos a imolar-se que nem sequer o mais pequeno se teria atrevido a confessar que sentia medo, ao avançar com sigilo na retaguarda dos seus companheiros, com o elástico da funda tenso nas mãos, a pedra apertada na badana de couro, preparado para descalabrar o primeiro que lhe aparecesse à frente se o sinal da emboscada se apresentasse no grito do bem-te-vi, recrutado como vigia nas árvores atrás deles, ou no restolhar das folhas ao serem afastadas com violência, ou no zumbido das pedras ao fenderem o ar em frente das suas caras, a brisa quente, carregada de abutres etéreos contra o céu quase branco e de uma pestilência que era pior que um punhado de areia na cara, um fedor que dava

vontade de cuspir para que não descesse para as tripas, que tirava a vontade de continuar a avançar. Mas o líder apontou para a beira do carreiro e os cinco, de gatas sobre a erva seca, os cinco, agrupados num só corpo, os cinco, rodeados de varejeiras, reconheceram por fim o que espreitava sobre a espuma amarela da água: o rosto podre de um morto entre os juncos e os sacos de plástico que o vento impelia da estrada, a máscara escura que fervilhava numa miríade de cobras negras, e sorria.

||

Chamavam-lhe a Bruxa, tal como à sua mãe: a Bruxa Pequena quando a velha começou o negócio das curas e dos malefícios, e a Bruxa simplesmente quando ficou sozinha, lá pelo ano do deslizamento. Se porventura teve outro nome, inscrito num papel gasto pelo passar do tempo e dos vermes, oculto talvez num daqueles armários que a velha atafulhava de sacos, de trapos encardidos, de madeixas de cabelo arrancado, de ossos e de restos de comida, se alguma vez chegou a ter um nome próprio e apelidos como as outras pessoas da terra, isso foi coisa que nunca ninguém soube, nem sequer as mulheres que visitavam a casa às sextas-feiras a ouvirem alguma vez chamá-la de outra maneira. Era sempre tu, sonsa, ou tu, cabrona, ou tu, maldita filha do demo quando queria que a Pequena fosse para junto dela, ou que se calasse, ou simplesmente que estivesse quieta debaixo da mesa e a deixasse ouvir as queixas das mulheres, as choraminguices com que salpicavam as suas angústias, achaques e desvelos, os sonhos com parentes mortos, as disputas com os que ainda estavam vivos e o dinheiro, quase sempre era o dinheiro, mas também o marido, e essas putas da estrada, sabe-se lá porquê abandonam-me

precisamente quando mais entusiasmada estou, choravam-lhe elas, e tudo para quê?, gemiam, o melhor seria morrer já, de uma vez por todas, que nunca ninguém saiba que existiram, e, com a ponta do xaile, limpavam a cara, que de qualquer modo cobriam ao sair da cozinha da Bruxa, não fosse acontecer que depois dissessem, uma pessoa nunca sabia, mexeriqueiras como eram as pessoas da terra, que alguém tinha ido ter com a Bruxa porque andava a tramar uma vingança contra alguém, um malefício contra a gaja que andava de roda do marido, porque não faltava quem inventasse falsidades quando uma pessoa inocentemente só andava à procura de um remédio para a indigestão deste puto merdoso que está empanturrado por ter devorado sozinho um quilo de batatas, ou um chá que servisse para espantar o cansaço ou uma pomada para os desarranjos da barriga, claro, ou então sentar-se apenas ali um bocado na cozinha a desabafar, a libertar a mágoa e a dor que lhes fluíam sem esperança na goela. Porque a Bruxa escutava, e a Bruxa, segundo parecia, não se espantava com nada, se até diziam que tinha matado o marido, precisamente o cabrão do Manolo Conde, e por dinheiro, o dinheiro, a casa e as terras do velho, uma centena de hectares de campos de cultivo e de pastagem que o pai lhe deixara, o que restava depois de ter ido vendendo tudo aos bocados ao líder do Sindicato do Engenho para nunca ter de trabalhar, para viver das rendas e dizem que dos negócios que sempre lhe corriam mal, e era tão grande aquele latifúndio que quando Don Manolo morreu ainda restava um bom bocado que dava uma renda interessante, tanto assim que os filhos do velho, dois rapazes já grandes, com os cursos concluídos, que Don Manolo teve com a que foi sua esposa legítima lá em Montiel Sosa, apareceram na terra assim que souberam da notícia: um enfarte fulminante, foi o que lhes disse o médico de Villa quando os rapazes chegaram àquela

casa no meio dos canaviais onde estavam a velar o cadáver, e ali mesmo à frente de toda a gente disseram à Bruxa que tinha até ao dia seguinte para sair da casa e da terra, que era louca se julgava que eles iam permitir que uma rameira ficasse com os bens do pai: as terras, a casa, aquela casa que tantos anos depois ainda estava por acabar, grandiosa e malfeita como eram os sonhos de Don Manolo, com a sua escadaria e o seu corrimão com querubins de gesso e os tetos altíssimos onde os morcegos faziam ninho, e o dinheiro que diziam estar escondido num lugar qualquer daquela casa, uma batelada de moedas de ouro que Don Manolo herdou do pai e que nunca meteu no banco, e o diamante, o anel de diamantes que nunca ninguém tinha visto, nem sequer os filhos, mas que diziam que tinha uma pedra tão grande que parecia falsa, uma autêntica relíquia que pertencera à avó de Don Manolo, a senhora Chucita Villagarbosa de los Monteros de Conde, e que por direito legal e até divino era da mãe dos rapazes, a esposa legítima de Don Manolo perante Deus e perante os homens, e não daquela vadia oportunista, daquela nojenta e assassina, a tal Bruxa, que se dava grandes ares de senhora mas que não era mais que uma pega que Don Manolo tirou de uma barraca qualquer na selva para ter com quem aliviar os seus mais baixos instintos na solidão da planície. Uma mulher má, afinal, porque sabe-se lá como, talvez aconselhada pelo diabo, pensavam alguns, apercebeu-se de que havia umas ervas que cresciam no cerro, quase no topo, por entre as velhas ruínas que, segundo os do governo, eram as sepulturas dos antigos, os que antes habitaram estas terras, os que chegaram primeiro, antes até dos malvados espanhóis, que viram tudo aquilo dos seus barcos e disseram *Matanga*^[1], estas terras são nossas e do reino de Castela, e os antigos, os poucos que restavam, tiveram de fugir para a serra e perderam tudo, até as pedras dos seus templos, que acabaram por

ficar enterradas debaixo do cerro aquando do furacão de setenta e oito, aquando do deslizamento de terras, da avalanche de lama que sepultou mais de cem habitantes de La Matosa, e dizia-se que era nessas ruínas que cresciam as ervas que a Bruxa cozinhou para as converter num veneno que não tinha cor nem sabor nem deixou qualquer rasto porque até o médico de Villa disse que Don Manolo tinha morrido de um enfarte, mas os filhos, teimosos, diziam que tinha sido um veneno, e as pessoas depois culpavam também a Bruxa da morte dos filhos de Don Manolo, pois no próprio dia do enterro o diabo levou-os na estrada, quando iam a caminho do cemitério de Villa, a encabeçar o cortejo; morreram os dois esmagados por uma carga de vigas de ferro que se soltou de um camião que ia à frente deles, só se via ferro ensanguentado nas fotografias que o jornal publicou no dia seguinte, uma coisa espantosa porque ninguém alguma vez soube explicar como foi que aquele acidente pôde acontecer, como foi que as vigas se soltaram dos cabos que as seguravam e atravessaram o para-brisas e os trespassaram totalmente, e não faltou quem se tenha agarrado a isso para dizer que a Bruxa era culpada, que a Bruxa lhes tinha lançado um feitiço, que para não perder a casa nem as terras aquela mulher má se entregara ao diabo em troca de poderes, e foi mais ou menos nessa mesma época que a Bruxa se encerrou na casa e nunca mais voltou a sair de lá, nem de dia nem de noite, talvez com medo da vingança dos Conde, ou talvez porque escondia alguma coisa, um segredo de que não queria separar-se, alguma coisa naquela casa que não queria deixar desprotegida, e ficou magra e pálida e até arrepiava olhar-lhe para os olhos porque parecia que tinha enlouquecido, e eram as mulheres de La Matosa que lhe levavam coisas de comer em troca de ela as ajudar, de lhes preparar os seus remédios, as mixórdias que a Bruxa cozinava com as ervas que ela

mesma plantava na horta do seu quintal ou que mandava as mulheres irem buscar ao cerro, quando ainda existia o cerro. Foi também nessa época que as pessoas começaram a ver o animal voador que de noite perseguia os homens que regressavam a casa pelos caminhos de terra entre as povoações, com as garras abertas para os ferir, ou talvez para os levar a voar até ao inferno, os olhos do animal iluminados por um fogo espantoso; foi também na época em que começaram com o boato da estátua que a Bruxa mantinha escondida, num quarto qualquer daquela casa, certamente nos do andar de cima, aonde nunca deixava ir ninguém, nem sequer as mulheres que a visitavam, e onde se dizia que se encerrava para fornicar com ela, com esta estátua que não era outra coisa senão uma imagem bem grande do mafarrico, a qual tinha um membro comprido e grosso como o braço de um homem empunhando a faca, uma verga descomunal com a qual a Bruxa se enrolava todas as noites sem falta, e era por isso que ela dizia que não lhe fazia falta marido, e efetivamente, depois da morte de Don Manolo, não voltou a conhecer-lhe mais nenhum homem, e como havia isso de acontecer, se ela própria passava a vida a dizer cobras e lagartos dos homens, exclamando que eram todos uns bêbados e uns vadios, uns cães tarados, uns porcos infames, e que antes morrer do que deixar algum desses cabrões entrar-lhe em casa e que elas, as mulheres da terra, eram umas parvas por os aguentarem, e os olhos brilhavam-lhe quando dizia aquilo e por segundos voltava a ficar bonita, com os cabelos despenteados e as faces rosadas pela emoção, e as mulheres da terra benziam-se porque podiam imaginá-la nua, a montar o diabo e a afundar-se na sua verga grotesca até à empunhadura, com o sémen do diabo a escorrer-lhe pelas coxas, vermelho como a lava, ou verde e espesso como as mistelas que borbulhavam no caldeirão em cima do lume e que a Bruxa lhes dava

a beber às colheradas para as curar dos seus males, ou talvez negro como o alcatrão, negro como as pupilas imensas e o cabelo emaranhado da criatura que um dia descobriram escondida debaixo da mesa da cozinha, agarrada à saia da Bruxa, tão muda e enfezada que, em silêncio, muitas mulheres rezaram para que não continuasse viva muito tempo, para que não sofresse; a mesma criatura que tempos depois surpreenderam sentada ao fundo das escadas, com um livro aberto sobre as pernas cruzadas, com os lábios a entrechocar em silêncio as palavras que os seus grandes olhos negros iam lendo, e a notícia correu numa questão de horas porque nesse dia até em Villa souberam que a filha da Bruxa continuava viva, coisa rara porque até os engendros que os animais pariam, os bodes de cinco patas ou os frangos de duas cabeças, morriam poucos dias depois de abrirem os olhos, e em compensação a filha da Bruxa, a Pequena, como começaram a chamar-lhe desde então, aquela criatura parida em segredo e em vergonha a cada dia que passava ficava maior e mais forte, e em breve se tornou capaz de levar a cabo qualquer tarefa de que a mãe a incumbisse: cortar a lenha e acarretar a água do poço e caminhar até ao mercado de Villa, treze quilómetros e meio de ida e treze e meio de volta, carregada com os sacos do mercado e os cestos às costas, sem nunca parar para descansar um instante, e sem muito menos se afastar do caminho ou dar à língua com as outras raparigas da terra, porque de qualquer modo nenhuma se atrevia a falar com ela, nenhuma se ria dela sequer, dos seus cabelos crespos e emaranhados e dos seus vestidos maltrapilhos e dos seus enormes pés descalços, tão alta e tão desengonçada, briosa que nem um rapaz e mais inteligente que qualquer um, porque algum tempo depois soube-se que era a Pequena que orientava as despesas da casa e que negociava as rendas com as pessoas do Engenho, que continuavam a cobiçar

aquele pedaço de terra e esperavam por um descuido das Bruxas para as despojar com argúcias legais, aproveitando que não havia papéis, que não havia qualquer homem para as defender, se bem que não fizesse falta porque a Pequena, sabe-se lá como, tinha aprendido a negociar o dinheiro, e era tão cabra que um dia até apareceu na cozinha para pôr um preço nas consultas, porque a Velha — que nessa altura não passava dos quarenta anos, mas que parecia já ter sessenta à conta das rugas e dos cabelos brancos e de todas aquelas peles penduradas —, a Velha já se distraía e esquecia-se de cobrar as consultas, ou conformava-se com o que as mulheres lhe quisessem dar: uma panela de rapadura, um quarto de grão seco, um cartucho de limões já meio podres ou um frango com larvas: merdas, diga-se de passagem, até que a Bruxa Pequena pôs fim ao dislate quando um dia apareceu na cozinha e, com a sua voz rouca, pouco habituada a falar, disse que os obséquios que as mulheres levavam não eram suficientes para cobrir o preço da consulta e que as coisas já não podiam continuar assim, que a partir daquela altura haveria preços consoante a dificuldade do trabalho, consoante os recursos que a mãe tivesse de utilizar e o tipo de magia requerida para conseguir o propósito, porque como haveria de ser a mesma coisa curar umas hemorroidas ou fazer com que o homem alheio se rendesse por completo aos pés de uma mulher, ou permitir-lhes falar com a mãe morta para saber se esta lhes tinha perdoado o abandono em que a tiveram em vida, não é verdade? Não, dali em diante as coisas iam mudar, e muitas não gostaram nada daquilo e deixaram de ir às sextas-feiras, e quando se sentiam mal iam ter com o senhor de Palogacho que parecia ser mais eficaz do que a Bruxa porque a ele até da capital o iam ver, gente famosa da televisão, futebolistas, políticos em campanha, mas a verdade é que era careiro e como a maioria das mulheres não tinha nem para pagar a viagem de

autocarro até Palogacho o melhor era dizerem à Pequena que, vamos lá ver, sim, senhora, como é que ia ser, então, porque elas só tinham aquilo que levavam, então como é que ia ser, e a Pequena mostrou-lhes aqueles dentes imensos que ela tinha e disse-lhes que não se preocupassem, que se não tivessem suficiente podiam deixar-lhe qualquer coisa como prenda, como aquelas argolas que trazias no outro dia, ou o fiozinho da tua menina ou nem que fosse um tacho de tamales de borrego, ou a cafeteira, a rádio, a bicicleta, aceitava qualquer pertence, e se não pagassem a horas teria de lhes levar juro porque de um dia para o outro começou também a emprestar dinheiro vivo, a trinta e cinco por cento ou percentagens piores, e todos na terra diziam que aquelas artimanhas eram do diabo, porque quando é que alguma vez se vira uma rapariga ser tão astuta, onde é que ela podia ter ido buscar aquilo, e não faltava quem dissesse na *cantina* que aquilo dos juros era um roubo, que tinham de denunciar a cabra às autoridades competentes, à polícia, para que a levassem presa como agiota e abusadora, quem é que ela se julgava ali a explorar as pessoas de La Matosa e outras vizinhanças, mas na hora da verdade ninguém fazia nada, porque quem mais lhes emprestaria dinheiro em troca de bens tão miseráveis, e além disso ninguém queria ter as Bruxas como inimigas porque a verdade é que tinham muito medo delas. Até os homens da terra evitavam passar de noite por aquela casa; toda a gente sabia dos ruídos que vinham lá de dentro, os gritos e lamentos que se ouviam do caminho de terra e que as pessoas imaginavam que eram as duas bruxas a fornicar com o diabo, se bem que outros pensassem que era só a Bruxa Velha, que estava a ficar louca, porque nessa altura já quase não reconhecia ninguém e entrava em transe a toda a hora, e todos diziam que Deus estava a castigá-la pelos seus pecados e porcarias, e sobretudo por ter procriado aquela herdeira satânica, porque já então a Bruxa fazia

gala, quando as mulheres se atreviam a perguntar-lhe quem era o pai da Pequena, de criar um mistério que ninguém resolvia porque nunca se chegou a saber ao certo quando a filha tinha vindo ao mundo; o que era certo era que Don Manolo tinha morrido havia já muitos anos, e depois disso não se lhe conhecera marido, a Bruxa nunca saía de casa nem frequentava os bailes, e na verdade o que elas realmente queriam saber era se tinham sido os seus próprios maridos a fazer-lhe aquele monstinho de criança, e por isso ficavam com pele de galinha quando a Bruxa fazia um meio sorriso e lhes dizia que a Pequena era filha do diabo, e Deus fosse louvado até era parecida com ele, quando alguém ficava a olhar bem para a rapariga e a comparava com a imagem do mafarrico derrotado por São Miguel Arcanjo que havia na igreja de Villa, sobretudo nos olhos e nas sobrancelhas, e as mulheres benziam-se e às vezes de noite até sonhavam que o diabo as perseguia com a verga tesa para lhes fazer um filho e acordavam com lágrimas nos olhos e as coxas molhadas por dentro e o ventre dorido, e corriam até Villa para se confessarem ao padre Casto, que ralhava com elas por andarem a acreditar em bruxaria; porque também havia gente que se ria de todas estas histórias, gente que dizia que a Velha estava simplesmente louca e que certamente tinha roubado a Pequena de alguma terreola, ou então havia também os que diziam que a Sarajuana, já velha, contava que uma noite chegaram à sua *cantina* uns rapazes que não eram dali de La Matosa e provavelmente nem sequer de Villa pela forma como falavam, e que já bêbados começaram a gabar-se dizendo que vinham de se divertir com uma mulher de La Matosa, uma que tinha matado o marido e que se armava muito em bruxa, e a Sarajuana a seguir pôs a orelha à escuta e eles continuaram a contar como se tinham metido na casa dela e como lhe bateram para que ficasse quieta e pudessem todos fodê-la, porque, bruxa ou não, a

verdade é que a cabra da mulher ainda era bem boa, bem apetitosa, e via-se que no fundo até tinha gostado, pela maneira como se retorcia e gritava enquanto eles a fodiam, afinal naquela terra reles são todas umas putas, disseram eles, e não faltou, porque nunca falta, como Sarajuana bem sabia, um cabrão a ofender-se por dizerem que La Matosa era uma terra reles e armado em bom caiu-lhes em cima e todos os que estavam na *cantina* deram uma boa tareia aos rapazolas, mas no fim ninguém sacou do machete, talvez por os terem vencido tão depressa, ou porque estava demasiado calor para levarem a ofensa muito a sério, e não havia mulheres a quem impressionar no Sarajuana, nem mesmo as pobres esqueléticas que subiam das cabanas da costa para se oferecerem em troca de cerveja, nada, só eles e a Sara, que naquela altura já era vista por eles como qualquer outro macho, desses de cara morena, bigode obrigatório e garrafa de cerveja a aquecer na mão, e a chiadeira da ventoinha no teto, fendendo com esforço o calor que irradiava dos seus corpos e o gravador de cassetes, *za-ca-ti-to pal conejo*, a ecoar sozinha junto à candeia, *tiernito-verde voy a cortar*, em frente da estampa do cavaleiro São Martinho, *pa llevarle al conejito*, e o aloé atado com uma fita embebida em água benta, *que ya-empiezá desesperar, sí señor, cómo no*, e aguardente de cana, *pa* esconjurar as invejas, explicava a Bruxa, *pa* devolver o mal a quem o merece, a quem o envia. Por isso em cima da mesa da sua cozinha, mesmo no centro, sobre um prato com sal grosso, havia sempre uma maçã vermelha atravessada de cima a baixo por uma faca de cozinha e um cravo branco que às sextas-feiras de manhã as mulheres que madrugavam para irem ter com ela encontravam já todo murcho e encarquilhado, como que podre, amarelado pelas más vibrações que elas próprias deixavam naquela casa, uma espécie de corrente negativa que elas julgavam acumular em tempos de aflição e desgraça e que a Bruxa

sabia purgar com os seus remédios, um miasma espesso, mas invisível, que ficava a flutuar no ar viciado daquela casa fechada, porque ninguém sabia bem quando tinha começado o pavor da Velha por janelas, mas na altura em que a Pequena já por ali andava a correr na penumbra do salão do outro lado da cozinha, para onde ninguém se atrevia a passar, nessa altura, e com as suas próprias mãos, já a Velha tinha entaipado todas as janelas com tijolos, cimento, paus e malha de arame e até a porta principal de carvalho quase negro, por onde tiraram o caixão de Don Manolo para o levarem a enterrar em Villa, até mesmo essa porta ela tapou com azulejos e bocados de madeira e tudo o que pôde para que nunca mais se abrisse e então já só se podia entrar na casa por uma portinha que dava da cozinha para o pátio, porque por algum lado a Pequena tinha de sair para trazer a água, cuidar da horta e fazer os recados, e como não podia fechá-la, então a Bruxa mandou pôr um portão com barras mais grossas que os das celas da prisão de Villa, ou pelo menos era o que dizia o ferreiro que lhe fez o trabalho, e que a Velha fechava com um cadeado do tamanho de um punho, cuja chave levava sempre metida no sutiã, sobre o seio esquerdo; um portão que as mulheres da terra cada vez mais encontravam fechado e, como não se atreviam a tocar, ficavam ali à espera até que ouviam, às vezes, os gritos, as blasfémias e os alaridos que a Velha lançava ao mesmo tempo que atirava os móveis contra as paredes ou contra o chão, a julgar pelo barulho que se ouvia do pátio, enquanto a Pequena — como anos depois contaria às raparigas da estrada — se escondia debaixo da mesa da cozinha, agarrava na faca e ficava acocorada ali, como quando era ainda criança e toda a povoação julgava, esperava e até rezava para que ela morresse logo, para que não sofresse, porque mais tarde ou mais cedo o diabo viria reclamá-la como sua e a terra partir-se-ia em duas e as Bruxas cairiam no

abismo, direitinhas ao lago de fogo do inferno, uma por ser endemoninhada e a outra por todos os crimes que cometeu com as suas bruxarias: por ter envenenado Don Manolo e enfeitiçado os filhos dele para que morressem naquele acidente; por capar os homens da terra e debilitá-los com os seus trabalhos e bruxarias e, sobretudo, por arrancar do ventre das mulheres más a semente ali implantada por direito, por a dissolver naquele veneno que preparava a quem lho pedisse, e cuja receita a Pequena herdou antes de ela morrer, durante o confinamento que fizeram nos dias anteriores ao deslizamento de terras de setenta e oito, quando o furacão fustigou a costa com fúria e ímpeto e os relâmpagos rugindo encheram de água o céu durante dias a fio, alagando os campos e apodrecendo tudo, afogando os animais que assustados com o vento e os trovões não conseguiram sair a tempo dos currais e até aquelas crianças que ninguém conseguiu pegar ao colo quando o cerro se desfez e veio por ali abaixo com um fragor de rochas e azinheiras desenraizadas e uma lama escura que arrasou tudo até se derramar sobre a costa e converteu em cemitério três quartas partes da povoação perante os olhos avermelhados pelo choro dos que sobreviveram, só porque conseguiram agarrar-se aos ramos dos mangueirais quando a água caiu sobre eles e aguentaram ali dias, abraçados às copas, até que os soldados os tiraram para bordo de lanchas, depois de a borrasca se ter dissipado entrando pela serra e o sol ter voltado a brilhar por entre as nuvens carregadas e a terra ter começado a endurecer novamente, e as pessoas, encharcadas até aos ossos, com as carnes invadidas por líquenes parecidos com corais diminutos, com os seus animais e os filhos que lhes sobreviveram às costas, chegaram em tropel a Villagarbosa à procura de refúgio, para onde o governo as mandasse: para as caves do palácio municipal, para o adro da igreja, e até a escola suspendeu as aulas para os

receber durante semanas a fio com as suas tralhas, os seus lamentos e as suas listas de mortos e desaparecidos, entre os quais se contavam já a Bruxa e a sua filha endemoninhada porque ninguém tinha voltado a vê-las depois do temporal. Só muitas semanas mais tarde a Pequena apareceu certa manhã nas ruas de Villa, totalmente vestida de negro, com meias tão negras como os pelos das suas pernas, e negra a blusa de manga comprida, e a saia e os sapatos de salto e o véu que prendera com ganchos ao carrapito com que apanhava os seus longos e escuros cabelos no cimo da cabeça, uma imagem que deixou todos pasmados, não sabiam se de espanto ou de riso, de tão ridícula que era, com o calorão que fazia a ponto de esturricar os miolos e aquela tonta vestida de negro, só podia estar louca, ridícula, que vontade de fazer triste figura como os travestidos que todos os anos apareciam no Carnaval de Villa, embora na verdade ninguém se tenha atrevido a rir-se na cara dela, porque tinham sido muitos os que perderam entes queridos durante aqueles dias e, ao verem-na naquele disfarce de parca, com aquele andar solene e ao mesmo tempo pesado com que arrastava os pés para o mercado, adivinharam a morte da outra, da mãe, da Bruxa Velha, o seu desaparecimento do mundo, talvez sepultada na lama que engoliu meia povoação; uma morte feia que, contudo, acabou por parecer às pessoas demasiado benévola para a vida de pecado e simonia que a feiticeira tinha levado, e ninguém, nem sequer as mulheres, nem sequer elas, as de sempre, as de todas as sextas-feiras, tiveram a coragem de perguntar à enlutada o que iria acontecer ao negócio, quem se encarregaria das curas, das bruxarias, e tiveram de passar-se anos até as pessoas voltarem àquela casa entre os canaviais, anos inteiros até La Matosa voltar a ficar povoada e encher-se outra vez de cabanas e de lojas erguidas sobre os ossos dos que ficaram enterrados sob o cerro, gente de fora, na

sua maioria atraída pela construção da estrada nova que atravessaria Villa para unir ao porto e à capital os poços petrolíferos recém-descobertos a norte, lá por Palogacho, uma obra para a qual se ergueram barracas e *fondas* e com o tempo *cantinas*, casas de hóspedes, casas noturnas e de putas, onde os motoristas, os operadores e os comerciantes de passagem bem como os jornaleiros paravam para fugir um pouco à monotonia daquela estrada bordejada por canas, quilómetros e quilómetros de canas, prados e juncos que cobriam a terra, desde a beira do asfalto até ao sopé da serra a oeste, ou até à costa abrupta do mar sempre furioso naquele ponto, a leste; matas e matas e matagais achaparrados cobertos de trepadeiras que na época das chuvas cresciam a velocidades escabrosas que ameaçavam engolir as casas e as culturas e que os homens mantinham na linha à custa de machete, encurvados à beira da estrada, nas margens do rio, entre os sulcos da lavoura, com os pés metidos na terra quente, demasiado ocupados e alguns demasiado orgulhosos para ligarem aos olhares melancólicos que lhes dirigia, de longe, do caminho de terra, aquele espectro que vestido de negro rondava pelas paragens solitárias da povoação, pelas parcelas onde trabalhavam os ranchos de novatos, os rapazes acabados de admitir por um salário de fome, todos imberbes, todos secos que nem cordas, com os músculos dos braços, das pernas e dos ventres espremidos pelo trabalho, pelo sol abrasador e pelas correrias atrás de uma bola de trapos sobre o campo de jogos da terra, ao cair da tarde, e pelas corridas enlouquecidas para ver quem chegava primeiro à bomba de água, quem é que se atirava primeiro ao rio, quem era capaz de encontrar primeiro a moeda atirada da margem, quem de todos eles cuspiam mais longe, sentados sobre o tronco da figueira que pendia sobre a água morna do ocaso, os rugidos e os risos, com as pernas torneadas a balançarem em

uníssonos, com os ombros colados uns aos outros, as costas reluzentes no seu lustro de couro polido; brilhantes e escuras como o caroço do tamarindo, ou cremosas como leite-creme ou a polpa tenra do sapoti maduro. Peles cor de canela, cor de caju a atirar para o pau-rosa, peles húmidas e vivas que de longe, daquele tronco a vários metros de distância de onde a Bruxa os espiava, lhe pareciam suaves, mas firmes e apertadas como a carne acidulada da fruta ainda verde, a mais irresistível, aquela de que mais gostava, pela que suplicava em silêncio, concentrando a força do seu desejo no feixe penetrante do seu negro olhar, sempre oculto na espessura ou paralisado pela ânsia nas raías das parcelas, com os eternos sacos das compras pendurados nos braços e os olhos humedecidos pela beleza de toda aquela carne louçã, com o véu levantado por cima da cabeça para os ver melhor, para os cheirar melhor, para saborear na imaginação o aroma salitroso que os machos jovens deixavam a flutuar no ar da planície, na brisa que por finais do ano se tornava um vento obstinado que fazia restolhar as folhas da cana e as pontas soltas dos chapéus de palma e as pontas dos seus lenços coloridos e as chamas que corriam pelo canavial pulverizando as matas murchas de dezembro até as deixar em cinzas, aquele vento que por volta do Dia dos Santos Inocentes já começava a cheirar a caramelo queimado, a chamusco, e que acompanhava o vaivém pesado dos últimos camiões carregados de imensos fardos de cana enegrecida a afastarem-se para o Engenho, sob o céu sempre nublado, quando por fim os rapazes guardavam o machete sem sequer o enxaguarem e corriam até à beira da estrada para queimar o dinheiro ganho com o suor e as fibras dos seus corpos exaustos, e entre tragos e tragos de cerveja pouco arrefecida pelo frigorífico vetusto do Sarajuana que abanava mais que o *tumpa* da cúmbia, *y lo primero que pensamos, ya cayó*, reunidos em torno da mesa de plástico, *sabrosa chiquitita*,

ya cayó, recordavam os acontecimentos das últimas semanas e às vezes concordavam que todos a tinham visto, ou até algum deles tinha dado de caras com ela nalgum caminho, apesar de não lhe chamarem Bruxa Pequena, mas sim Bruxa, simplesmente, e na sua ignorância e juventude confundiam-na ao mesmo tempo com a Velha e com as histórias espantosas que as mulheres da terra lhes contavam quando eram pequenos: as história da Llorona, a mulher que matou toda a sua prole por despeito e cujo capricho lhe valeu ser condenada a penar por toda a eternidade sobre a terra e a lamentar-se do seu pecado convertida num espectro horrível, com cara de mula encabritada e patas de aranha peluda; ou a história da Menina de Branco, o fantasma que aparece quando desobedeces à avó e saís de noite de casa para fazer asneiras e a Menina de Branco te segue e quando menos esperas de repente chama pelo teu nome e quando te viras morres de susto ao ver o seu rosto de caveira, e a Bruxa era para eles um espectro semelhante, mas bastante mais interessante por ser verdadeiro, uma pessoa de carne e osso que andava pelos corredores do mercado de Villa, a cumprimentar as vendedoras, e não aquelas tretas de fantasmas que as avós, as mães e as tias contam, historietas de velhas mexeriqueiras que o que não querem é que a gente ande aí armados em cabrões pelos descampados, não é verdade?, divertido como é sair de casa de noite e fazer maldades, assustar os bêbados e tentar a sorte com as raparigas fáceis. Qual Bruxa qual carapuça, concordavam eles, essa gaja o que quer é cabeça, dizia um espertalhão, se a Bruxa me quiser chupar que comece por aqui, pelo talo, dizia outro, e agarrava-se aos tomates, e entre a troça, o riso, os arrotos, as palmadas na mesa e as gargalhadas que mais pareciam alaridos, não faltava um magano que não ficasse a pensar que com todas aquelas terras e com todo aquele dinheiro que supostamente ela tinha escondido em cofres e em sacos

cheios de moedas de ouro, que com todas essas riquezas a tal Bruxa dos canaviais bem podia dar-se ao luxo de pagar pelo que eles davam de graça às raparigas da terra, ou a um ou outro tonto perdido que andava a pedi-las, não é verdade? Mas ninguém soube bem quem foi o valente que se animou primeiro, o que ganhou coragem para atravessar a noite até chegar ao casarão da feiticeira, com todo o cuidado para que não o vissem parar em frente ao portão, em frente à porta da cozinha que de repente se abria para revelar a presença de uma mulher muito alta e muito magra, com o molho de chaves a tilintar nas mãos de palmas pálidas como caranguejos lunares que por instantes espreitavam pelas mangas negras daquela túnica que parecia flutuar na escuridão. É que o resplendor das brasas que aqueciam o caldeirão quase não alumiaava, embora enchesse a cozinha de vapores alcanforados que persistiam vários dias no cabelo dos rapazes que se foram atrevendo, por ambição ou adrenalina, por curiosidade mórbida ou necessidade, a juntar-se à sombra que todas as noites esperava por eles, trémula, o mais rápido possível para depois correrem pela estrada para a segurança do Sarajuana, onde o dinheiro que a sombra te metia no bolso quando se decidia por fim a largar-te era consumido em cervejas mornas. E nem sequer tive de lhe ver a cara, gabava-se o patego de turno a quem o quisesse ouvir; nem sequer tinha tido de fazer mais nada senão suportar as suas mãos e deixar-se lambar por uma boca que era também como uma sombra que aparecia e desaparecia por trás do tecido áspero e sujo que lhe cobria a cabeça e que só se levantava o necessário quando era preciso mas que nunca revelava completamente, e até certo ponto eles agradeciam-lhe isso, bem como lhe agradeciam o silêncio quase absoluto em que tudo aquilo se ia dando, sem gemidos nem suspiros nem distrações nem palavras de qualquer tipo, só carne contra carne e um pouco de saliva na

escuridão brumosa da cozinha ou nos corredores decorados com imagens de mulheres nuas cujos olhos de papel tinham sido arrancados com as unhas. E quando o boato de que a Bruxa pagava chegou a Villa e ao resto dos casarios daquele lado do rio aquilo tornou-se uma procissão, um peregrinar contínuo de rapazes e de homens já feitos que brigavam por entrar em primeiro lugar e às vezes iam só para curtir, em carrinhas e com a rádio a todo o volume e grades de cerveja que metiam pela porta da cozinha e fechavam-se lá dentro e ouvia-se música e um bulício como que de festa, para espanto das vizinhas e sobretudo das poucas mulheres decentes que ainda restavam na terra, nessa altura já plenamente invadida por putéfias e galdérias vindas sabe-se lá de onde, atraídas pelo rasto de notas que os barris do petróleo deixavam cair à sua passagem pela estrada, raparigas de pouco peso e muita maquilhagem que permitiam, pelo preço de uma cerveja, que lhes metessem a mão e até os dedos enquanto dançavam; raparigas mais para o roliço que pareciam lambuzadas de manteiga sob as ventoinhas avariadas e que depois de seis horas de festa já não sabiam o que cansava mais: se passar uma hora a esfregar a verga do homem que as tinha escolhido ou fingir que ouviam realmente o que ele lhes contava; raparigas mais para o veterano que dançavam sozinhas quando ninguém as ia buscar, ali no meio da pista de terra batida, bêbadas de cúmbia e aguardente, perdidas no ritmo amnésico do *tumpa tumpa*; raparigas gastas antes de tempo, arrancadas sabe-se lá de onde pelo mesmo vento que enredava os sacos de plástico nos canaviais; mulheres cansadas da vida, mulheres que de repente se apercebiam de que já não estavam para andar a reinventar-se com cada homem que conheciam, que se riam logo, com os dentes partidos, quando lhes recordavam as suas ilusões de outrora; as únicas que, animadas pelos rumores e pelos boatos que as mulheres da povoação lhes

contavam quando desciam para lavar a roupa ao rio ou enquanto esperavam a sua vez na fila para o leite subsidiado, se atreveram a ir ver a Bruxa à sua casa perdida entre os prados, e a tocar à porta até que aquela louca vestida de viúva espreitava pela porta entreaberta e elas lhe suplicavam que as ajudasse, que lhes fizesse as beberagens de que as mulheres da terra continuavam a falar, as beberagens que amarravam os homens e os dominavam por completo, e as que os repeliam para sempre, e as que se limitavam a apagar a sua memória, e aquelas que concentravam o mal na semente que aqueles cabrões lhes tinham colado nos ventres antes de fugirem nos seus camiões, e mais aquelas, ainda mais fortes, que supostamente libertavam os corações dos fulgores fátuos do suicídio. Foram elas as únicas, em suma, que a Bruxa decidiu ajudar e, coisa rara, sem lhes cobrar um único peso, o que era bom porque a maior parte das raparigas da estrada dificilmente comia uma vez por dia e muitas não eram donas nem da toalha com que limpavam os humores dos machos com quem fodiam, embora talvez o fizesse porque as raparigas da estrada não tinham vergonha de caminhar até lá com a cara descoberta e as nádegas bem empinadas e com as vozes roufenhas pelo fumo e pela falta de dormir, gritando: Bruxa, Bruxinha, abre-me a porta, cabrona desgraçada, que já voltei a fazer merda, até que a Bruxa espreitava, vestida com a sua túnica negra e o véu torto que à luz do dia, na cozinha virada do avesso, com o caldeirão entornado e o chão sujo e salpicado de sangue seco, não chegava para disfarçar as nódoas negras que lhe inchavam as pálpebras, as crostas que lhe fendiam a boca e as sobrancelhas espessas; as únicas às quais a bruxa às vezes confessava as suas próprias dores, talvez porque elas compreendiam e sentiam na própria carne como era cabrão o vício dos homens, e até diziam piadas e metiam-se com ela para que se risse, para que se esquecesse

das pancadas e falasse e dissesse em voz alta os nomes dos cabrões que lhe tinham batido, dos que lhe entravam em casa e lhe viravam os móveis de pernas para o ar porque andavam irritados e queriam dinheiro, o tesouro que se dizia que a Bruxa escondia naquela casa, as moedas de ouro e o tal anel com um diamante que, segundo se dizia, era tão grande como um punho, embora a Bruxa lhes jurasse que não era verdade, que não havia qualquer tesouro, que ela vivia da renda das terras que restavam, umas parcelas repartidas em volta da casa onde o Sindicato do Engenho semeava cana de açúcar, e bastava ver como ela vivia, numa espelunca cheia de trastes e caixas de cartão já podre, e sacos de lixo a abarrotar de papéis, de trapos, de rafia, de carolos, de bolas de cabelo casposo, de pó, de embalagens de leite e garrafas de plástico vazias, uma lixeira e mais nada, nada mais que porcarias que os abusadores espezinhavam e partiam a tentar abrir a porta do quarto do andar de cima, a divisão que havia anos, desde a época da sua mãe, se mantinha fechada, trancada por dentro pela Velha, quando num dos seus ataques alucinados arrastou todos os móveis do quarto contra a porta de carvalho maciço, de tal forma que só a massa e a força dos sete fardados que constituíam o braço da lei de Villagarbosa, incluindo os cento e trinta quilos do comandante Rigorito, conseguiram finalmente vencer, no mesmo dia em que o cadáver da pobre Bruxa apareceu a flutuar no canal de rega do Engenho. Uma coisa medonha, disseram as pessoas, porque quando aqueles miúdos a encontraram o corpo já estava todo inchado, os olhos tinham saído e os animais tinham-lhe comido parte da cara e parecia que a pobre louca sorria, era medonho, mesmo, uma sacanice, porra, ela no fundo até era muito boa e estava sempre a ajudá-las e não lhes levava nada nem lhes pedia nada em troca a não ser um bocadinho de companhia; foi por isso que todas as raparigas da estrada e mais

uma ou outra que trabalhava nas *cantinas* de Villa decidiram juntar aquele dinheirinho para darem um enterro digno ao pobre corpo podre da Bruxa, mas os cabrões do Ministério de Villa, os grandes filhos da puta, foram tão desumanos que não quiseram entregar o cadáver às mulheres, primeiro porque era a prova do crime e as diligências ainda não tinham terminado, e depois era porque elas não tinham papéis que demonstrassem parentesco com a vítima, e por isso não tinham direito a ficar com o corpo, grandes sacanas: que papéis poderiam elas mostrar-lhes se ninguém na terra alguma vez soube como aquela pobre endemoninhada se chamava; se a própria nunca quis dizer-lhes o seu nome verdadeiro: dizia que não tinha, que a mãe só fazia psiu para a chamar ou lhe chamava estúpida, cabra, filha do diabo, devia ter-te matado quando nasceste, devia ter-te atirado ao fundo do rio, maldita miúda, maldita sacana, mas, vendo bem, tinha os seus motivos para se isolar daquela maneira, depois do que aqueles cabrões lhe fizeram; pobre Bruxa, pobre louca, oxalá que pelo menos apanhem o chacal ou os chacais que lhe retalharam o pescoço.

III

Naquele dia, Yesenia tinha ido banhar-se cedo ao rio, e viu-o quando já estava de saída. Vinha aos tombos pelo carreiro, descalço e sem camisa, com uma lata chamuscada contra o peito e os joelhos esfolados por ter tropeçado no caminho. Certamente ia bêbado ou drogado porque, além de se ter atrevido a aproximar-se dela, ainda teve o descaramento de lhe perguntar como estava a água do rio, e Yesenia, sem se dignar sequer a olhar para ele, profundamente ofendida por o seu primo lhe ter dirigido a palavra, como se nada se tivesse passado entre eles, como se não estivessem já há três anos sem falarem um com o outro, e da forma mais cortante que pôde, disse-lhe que a água estava muito limpinha, virou-lhe costas e foi-se embora para casa a pensar em tudo o que devia ter dito ao cabrão do rapaz, tudo o que as suas merdas tinham causado, só desgraças para a família: a doença da avó, só para começar, aquela irritação que a deixou paralisada dum lado e, dali a um ano, a queda em que partiria a bacia e de que ainda não recuperara, e talvez nunca ficasse bem porque bastava ver como a pobre coitada ia ficando cada vez mais fraca e mais transparente, embora ainda conservasse o mau génio de toda a vida e passasse a vida a chatear Yesenia por causa do

malvado do rapazola, quando é que o cabrão ia visitá-la e porque é que não queria apresentá-la à sua querida. Porque sabe-se lá como é que ela tinha ficado a saber do caso, se só era surda quando lhe convinha e certamente tinha ouvido as mexeriqueiras das Güeras contar que o rapaz se tinha juntado com uma rapariga de fora e que a tinha levado para viver na barraca que ele levantara atrás da casa da cabra da sua mãe; o tempo todo a chatear e a lixar Yesenia: como é que era o raio da rapariguinha, porque é que se tinham juntado assim sem mais nem menos, estariam à espera de criança? A tal rapariga era trabalhadora? Sabia cozinhar e lavar a roupa? Queria saber tudo e queria que Yesenia lhe contasse, como se ela não estivesse havia uma data de anos sem dirigir a palavra ao maldito do rapaz, desde o dia em que o apanhara a fazer as suas porcarias e o grande cobarde preferiu fugir para sempre de casa a ter de enfrentar Yesenia e ouvir as verdades que ela lhe atiraria à cara, ali à frente da avó, para que a velha finalmente se apercebesse do género de menino que era o seu neto, maricas de merda e cobarde, devasso de merda que nunca agradeceu tudo o que a avó fez por ele, tudo o que teve de lhe suportar, porque se não tivesse sido a avó, o raio do rapaz teria morrido, porque a puta que o pariu tinha-o completamente abandonado e cheio de parasitas, maltratado e morto de fome numa choça enquanto ela andava na maior a fazer vida de puta na estrada. A raiva que dava a Yesenia pôr-se a pensar nessas coisas, era verdade que até lhe doía o fígado cada vez que se lembrava daquele maldito rapaz ingrato e de como a sua avó fez figura de parva quando se ofereceu ao cabrão do tio Maurilio para o criar, sabendo perfeitamente que o raio da gaja com quem ele andava era puta de ofício, capaz de abrir as pernas e o resto diante de qualquer um que tivesse dinheiro para lhe pagar. Mas não via que o rapaz nem sequer se parecia com Maurilio?, disse-lhe a tia Balbi

quando soube que a avó ia ficar com o puto. Não via que ele não se parecia com ninguém da família?, disse a Negra, a mamã de Yesenia, quando chegou a casa e viu que a avó levava o miúdo encardido pendurado ao pescoço como um macaquinho. Quer-me parecer que o Maurilio e essa porca dessa tipa acharam que a mamã tinha cara de parva; acho estranho que com essa mente tão suja que a senhora tem para andar sempre a pensar o pior de nós, acho estranho que não se lembre daquilo de «filhos das minhas filhas, meus netos são; filhos dos meus filhos, serão ou não». Mas não conseguiram convencê-la, por mais que lhe dissessem que criar aquele miúdo como se fosse da família era um erro, que certamente o Maurilio nem era o pai, que o melhor era levarem-no para o orfanato, mas não, nem pensar, não houve poder humano que a convencesse. Como é que dona Tina ia deixar desamparada aquela pobre criatura, o seu único neto varão, o filho do seu adorado Maurilio, que estava tão doente, coitado, que não podia tomar conta do menino! Como é que ia dizer que não a Maurilio, o único que se sacrificou por ela e deixou a escola quando tinham acabado de chegar a La Matosa, para a ajudar a abrir a *fonda*, enquanto vocês as duas se armavam em putas, a meterem-se com os condutores e os trabalhadores do Engenho, ralhou a avó. Porque para variar e não perder o costume, a avó quando estava danada só se lembrava das coisas más e, como Maurilio era o seu favorito, gostava de dizer que ele se tinha sacrificado por ela, para que o negócio prosperasse, mas tudo aquilo era uma perfeita fantasia que a velha contava a si mesma para se convencer de que Maurilio realmente gostava dela, porque na realidade o cabrão tinha saído da escola porque era muito burro e preguiçoso e a única coisa de que gostava era da paródia e passava a vida metido nas *cantinas* da estrada, a cantar e a tocar a guitarra que um dia um bebedolas qualquer deixou empenhada na *fonda* da avó e

pela qual nunca voltou; uma guitarra que Maurilio aprendeu a tocar sozinho, sem que ninguém lhe ensinasse, só a pulsar as cordas e a ouvir os sons que saíam da caixa, sozinho debaixo da amoreira que tinham atrás, no pátio, e apenas assim e vendo como tocavam os jovens das missões na missa de Villa, isso foi o suficiente para aprender a tocar canções inteiras e até inventar ele mesmo algumas cantigas a que acrescentava versos indecentes, e quando já tinha tudo preparado chegou ao pé da avó e disse-lhe: dona Tina, porque era assim que a chamava sempre, pelo nome, não era mamã nem mãezinha, sempre dona Tina, convencido de merda; dona Tina, disse-lhe ele: vou trabalhar para a estrada, agora sou músico, não me esperes nem desesperes, mando-te uns centavos assim que puder para te ajudar, e lá se foi o cabrão, sem mais nem menos, e até isso lhe correu bem, tocar nas *cantinas*, porque era novo e agradava às pessoas e os bêbados achavam graça a que o raio de um miúdo de chapéu grande na cabeça os provocasse com trocadilhos porcos, e nessa altura a música do norte já começava a tornar-se famosa e isso também agradava, porque o que Maurilio mais gostava de tocar eram os *corridos*, até se vestia como nortenho e tudo, pelo menos é assim que aparece sempre nas fotos dessa época, com as suas calças de ganga, as suas botas bicudas, o cinturão gravado e o chapéu enfiado até às sobranceiras, com uma cerveja na mão, o cigarrito na boca e as tipas de volta dele. Dizem que tinha muita saída com as mulheres, mais por aquele estilo de cabrão convencido do que pela música, pois a verdade é que o cabrão até era bastante mau, e por isso nunca conseguiu tocar num conjunto nem fazer dinheiro a sério com a música; o seu estilo era mais andar a pedir esmola que outra coisa, e por isso nunca podia dar dinheiro à avó; pelo contrário, continuava a ser um fardo para ela, que passava o tempo todo a ajudá-lo e a emprestar-lhe dinheiro que o cabrão nunca devolvia, e

ainda por cima tinha de levá-lo constantemente ao médico sempre que lhe partiam as trombas nas farras, e durante vários anos até fez o tremendo sacrifício de ir visitá-lo à prisão de Puerto, todos os domingos sem falta lá ia a avó ver o tio Maurilio que estava preso por causa da bela ideia que tivera de matar um senhor de Matacocuíte, e tudo por causa de uma maldita gaja casada que o porco do Maurilio andava a rondar. A gaja não aguentou a sova que o marido lhe deu e acabou por desembuchar tudo, e um dia em que o tio Maurilio já estava bêbado há vários dias seguidos vieram dizer-lhe que havia um tipo que andava a perguntar por ele em Villa, um tipo que dizia que queria dar cabo de Maurilio Camargo por ele se ter metido com a sua esposa, e o tio Maurilio levantou-se da mesa onde tinha estado a emborcar e disse então será melhor chorarem na casa dele do que na minha e deixou alguém a tomar conta da guitarra e apanhou boleia para Villa, para enfrentar o seu destino, e teve tanta sorte que deu de caras com o cornudo quando este estava a mijar na casa de banho de uma *cantina*, e logo ali de costas e sem deixar que o outro se explicasse, espetou-lhe umas facadas com uma navalha que trazia sempre metida na bota, e foi assim que acabou na prisão de Puerto, preso por homicídio premeditado, nove anos de pena efetiva, nove anos seguidos em que dona Tina ia vê-lo todos os domingos, para lhe levar os seus *Raleighs* e os seus centavos e o seu sabão além de umas provisões que ela própria carregava desde Villa, sozinha, não gostava que Yesenia ou as outras raparigas a acompanhassem porque depois os presos se punham a comê-las com os olhos, e como tinha medo de se perder nos elétricos de Puerto ia a pé desde a estação de autocarros até à prisão para ver o seu filhinho adorado, o único varão que Deus lhe dera e logo levava tão cedo, na flor da juventude, apenas um ano depois de o cabrão ter saído da prisão, pois sabe-se lá que doença é que ele apanhou ali dentro; a

avó dizia que não era nada, que eram os humores do confinamento que o punham tão fraco e abatido, além disso deprimido porque a tal puta com quem ele vivia tinha-se pirado com outro fazia tempo. A Negra e a Balbi tinham a certeza de que Maurilio estava doente de sida, e não deixavam que as raparigas se aproximassem do tio, não fosse ele contagiá-las com a sua porcaria, mas por fim a avó já não conseguiu continuar a negar que o cabrão estava a morrer, e numa tentativa desesperada por salvá-lo decidiu interná-lo na clínica mais cara de Villa, aquela que tinha sido construída para os trabalhadores do petróleo, e para pagar a conta e os remédios não lhe restou alternativa senão vender a *fonda*, o terreno ao pé da estrada, e a Negra e a Balbi deram um grito medonho e puxaram os cabelos quando souberam o que a avó tinha feito, porque como era possível que a mãe tivesse decidido vender o único património que possuíam, pelo qual tanto tinham lutado todos aqueles anos, de que iam viver agora, se de qualquer modo o cabrão do Maurilio ia morrer, pois até os médicos já iam dizendo que não tivessem esperanças, que o melhor seria irem tratando dos trâmites para o enterro, e a avó ficou como louca quando lhe disseram aquilo e acusou-as de serem umas harpias venenosas, invejosas sem cura, pois a *fonda* era dela, só dela, e se não gostavam da ideia de a vender, bem podiam ir à merda, cambada de víboras peçonhentas, egoístas, invejosas, como se atreviam a dizer que Maurilio não ia salvar-se se, com a graça de Deus, ainda lhe restava muita vida pela frente, para ver crescer o seu filho e ter muitos outros mais, e então a Balbi e a Negra disseram: pois então vão à merda, vão à merda tu e a *fonda* e o descolhado do Maurilio, vamos embora e nunca mais voltarás a ver-nos, nem a nós nem às nossas filhas. E agarraram nas suas coisas e nas miúdas, mas a avó foi atrás delas e arrebatou-lhas à porta e disse que eram malucas se julgavam que ia permitir que levassem as meninas, para

depois serem umas putas como vocês, não? A Negra e a Balbi podiam ir para o raio que as partisse, mas as miúdas ficariam com ela, e, por mais que as outras gritassem e esperneassem, a avó não deu o braço a torcer e tiveram de se ir embora sozinhas para o norte, onde diziam que havia muito trabalho nos poços de petróleo, e não voltaram a La Matosa nem sequer quando o tio Maurilio finalmente esticou o pernil, e ainda bem que não voltaram porque teriam ficado revoltadas se vissem como a avó gastou o dinheiro que não tinha para dar ao seu querido filhinho o santo enterro que, segundo ela, ele merecia, um enterro daqueles que já não se viam na terra há anos, com tamales de borrego para todos os presentes e com conjunto nortenho e mariachis e caixas e caixas de aguardente de cana para que toda a gente ficasse bem bebida e chorasse Maurilio com verdadeiro sentimento, e depois ainda mandou construir um túmulo que mais parecia uma capela, e na parte principal do cemitério de Villa, na mais importante, porque dona Tina não podia enterrar o seu filhinho adorado nos lotes baratos, não é verdade? Onde ao fim de dez anos tiravam os corpos para meter outros e ela não sabia se viveria outros dez anos e o que aconteceria então aos restos do pobre Maurilio? Acabariam na vala comum por causa daquelas víboras rancorosas que eram as suas filhas, e foi por isso que se decidiu por uma daquelas campas perpétuas que custavam os olhos da cara, mais do que custava a casa de La Matosa, uma quantidade absurda de dinheiro pelo privilégio de ficar lado a lado com os ossinhos dos fundadores da terra: os Villagarbosa, os Conde e os seus primos, os Avendaño, que descansavam nas suas sepulturas elegantírrimas de mármore e azulejo, e foi mesmo no meio deles que ficou o túmulo pintado de amarelo-canário do cabrão do Maurilio Camargo. A avó levou anos a pagar o velório e o túmulo com o dinheiro que conseguia a vender sumos num triciclo,

mesmo à entrada de Villa, perto da bomba de gasolina. Até quando estava doente tinha de sair de madrugada para pedalar até ao mercado e encher o triciclo de sacos de laranjas, de cenouras, de beterrabas, de tangerinas e mangas da época, enquanto Yesenia ficava em casa a cuidar das primas mais pequenas e do maldito miúdo, que assim que cresceu se tornou um infeliz cabrão desgraçado que fazia a vida impossível a Yesenia, que por ser a mais velha tinha a seu encargo a responsabilidade da casa, das primas e do maldito miúdo quando a avó não estava, e portanto era ela quem levava sempre a descasca mais pesada e os açoitos da velha quando as coisas corriam mal, quando as coisas não eram feitas como a avó queria, e era também Yesenia quem tinha de responder pelas maldades do primo, quando as vizinhas iam lá a casa queixar-se de que o malvado do rapaz roubava os refrescos da loja, de que o malvado do rapaz se metia nas casas delas e lhes comia a comida e deitava a mão às coisas e ao dinheiro que encontrava, e batia nos miúdos mais pequenos, e que lhe dava para brincar com fósforos e por pouco não queima o telheiro das Güeras com galinhas e tudo, e no fim era Yesenia quem tinha de andar sempre a pedir desculpas pelo rapaz, de pagar os prejuízos que ele causava, fazendo cara de parva, e depois ainda por cima tinha de conter a raiva de ver que a avó nunca castigava as patifarias que o maldito do rapaz tinha feito na sua ausência: o que é que se lhe há de fazer, dizia sempre, quando Yesenia lhe desfiava o rosário de asneiras que o neto tinha armado durante o dia; é só um rapazinho, não tem malícia, são coisas de crianças, Lagarta, deixa estar, coitadinho, o pai dele também era assim travesso e o miúdo é parecido com ele, são iguaizinhos, dizia a avó, embora fosse mentira, mas ela gostava de se fazer desentendida e dizia que eram iguais, iguaizinhos, como duas gotas de água, embora só fossem parecidos na estupidez e na calanzice, e

em serem lambe-botas com a avó, que os deixava sempre fazer o que bem lhes dava na gana, e por isso é que o rapaz acabou por se transformar num animal selvagem que saía sempre para o monte quando o deixavam à solta, inclusivamente a desoras da noite, porque segundo a avó era essa a forma como se criavam os homens para que não tivessem medo de nada, mas era Yesenia quem tinha de andar atrás dele para que se lavasse, para poder coser-lhe a roupa toda rota, e catar-lhe os piolhos e as carraças que apanhava no monte e arrastá-lo para a escola todas as manhãs, no meio de ralhetes e carolos que Yesenia lhe pespegava para que obedecesse, ainda que, é claro, nunca lhe batesse em frente da avó, só quando estavam sozinhos, naqueles momentos frequentes em que Yesenia se fartava de gritar com ele e perdia as estribeiras e agarrava no primo pelos cabelos e sovava-lhe o corpo magricelas a murro e várias vezes o aventou contra a parede com vontade de que ele morresse, que o maldito do fedelho rebentasse e deixasse de uma vez por todas de a chatear, de lhe fazer mal, de a chamar sempre por aquela alcunha que a avó lhe pusera de pequenita e que Yesenia odiava com toda a sua alma e que se lhe colara à pele de tal forma que toda a povoação a conhecia já como Lagarta, por ser feia, escura e magra recitava a avó, igualzinha a um lagarto com pernas. Lagarta, lagarta, cantarolava o parvo do miúdo, tem pelos na rata, ali mesmo na camioneta para Villa ou na fila para a *masa*, em frente das pessoas mexeriqueiras que ouviam tudo e que se riam, e ela não tinha outro remédio senão rebentar-lhe o focinho com uma estalada, cala-te, sua peste maldita, e beliscá-lo onde pudesse e ter um prazer furioso quando sentia que a carne do miúdo se rasgava sob as suas unhas, um prazer que se parecia muito com o alívio que sentia quando se coçava de uma picadela de mosquito até fazer sangue, e talvez o miúdo também sentisse uma espécie de alívio, porque depois da

porrada ficava sempre tranquilo e até deixava de a chatear, mas depois a avó via as nódoas negras e as arranhadelas, e toda a pancadaria que Yesenia tinha de dar ao puto para que ele abrandasse, levava-a ela logo a seguir em duplicado na sua própria carne, com a corda de pita molhada que a avó usava para lhes bater, nas nádegas ou nas costas, ou até no focinho, se não se precavessem e não o cobrissem com as mãos, até que Yesenia gritava e lhe suplicava para que parasse, que lhe perdoasse, e às vezes a porrada também calhava à Bola ou à Picapiedra, e às vezes até à Baraja, apesar de ser a que se portava melhor de todas, a que nunca se atrevia a meter-se com a avó, enquanto o puto ficava ali paradinho a ver como a velha lhes batia e lhes chamava preguiçosas, sornas, inúteis, pior que animais, melhor fora que as putas das mães delas as tivessem levado, ou que as oferecessem na rua para que acabassem no reformatório, onde as lésbicas violam as meninas com paus de vassoura, cabras de merda, são umas vadias, gritava-lhes, porque de repente a avó ficava baralhada e confundia Yesenia com a Negra ou a Picapiedra com a Balbi, e ralhava-lhes por coisas que as pobres coitadas nem sequer faziam, como fugirem de noite para irem que nem galdérias com os homens, e tudo por culpa da maldita Bola, que quando fez quinze anos começou a sair às escondidas à noite para ir aos bailes de Matacocuite, na companhia de uma das Güeras mais pequenas, e para pagar o autocarro e a entrada aquela gorda infeliz começou a tirar dinheiro do porta-moedas da avó, tal era a vontade de se escapulir e de ter namorado, até que uma noite a avó se apercebeu de que a Bola não estava na cama com as outras, e levantou-nos a todas a golpes de corda e mandou-nos procurar a filha da mãe por toda a povoação, e aí de vocês se regressarem sem ela, disse-nos, e não tivemos outro remédio senão percorrer toda La Matosa, casa por casa, alvoroçando os cães e acordando as pessoas

que de certeza no dia seguinte iam estar a dizer que seguramente a Bola já não era menina, e dali a um bocado Yesenia teve de carregar com a Baraja e empurrar a Picapiedra a pontapés, pois nessa altura ainda era muito pequena e chorava porque tinha muito sono, e assim chegaram às duas da manhã sem encontrar a Bola em lado nenhum, e como não se atreviam a regressar a casa com medo da avó, escapuliram-se para o pátio das Güeras, cujos cães já as conheciam e não tentaram morder-lhes, para se esconderem dentro da capoeira das galinhas e qual não foi a sua surpresa ao acharem ali mesmo a maldita Bola de merda, que se tinha escondido ali mesmo quando lhe disseram que a avó estava furiosa com ela e que tinha mandado as suas primas à sua procura por toda a povoação. Yesenia teve de a puxar pelos cabelos para a tirar da capoeira e com tanta barulheira acabaram por acordar dona Pili, a mãe das Güeras, que se ofereceu para as acompanhar de regresso a casa da avó, segundo ela para acalmar dona Tina, mas de certeza que o que queria era bisbilhotar a quente, maldita velha mosca-morta, a forma como a Bola entrou a chorar e a avó ficou só a olhar para ela e depois quando viu que também vinha dona Pili só abanou a cabeça como que dececionada e mandou-as dormir a todas, mas nenhuma conseguiu pregar olho devido à angústia de não saber a que horas é que a avó ia entrar-lhes no quarto para lhes bater, porque já sabiam muito bem o que é que a casa gastava com a velha: nunca, nunca lhe escapava nada, mas às vezes fingia que sim para as apanhar de surpresa com a corda, o objeto que usava para lhes dar nas nádegas quando já estavam na cama, quase a adormecerem, ou a acabarem de tomar banho, como por fim apanhou a Bola dois dias depois. Lembras-te, gorda? Apanhou-te a cantar no banho, toda molhada e em coiro, e além da sova disse-te que a partir daquele dia podias esquecer a escola para sempre porque ias acompanhá-la a vender sumos, para que visses o

que custava ganhar o dinheiro, e isso doeu-te mais do que todas as coças juntas que a avó te tinha dado na vida, não é verdade? Pobre gorda, teve sempre a ilusão de acabar os estudos e ser professora, mas nada disso aconteceu porque apesar de dizer que mais tarde ou mais cedo um dia acabaria o secundário, no ano em que a avó a tirou da escola, a parva já estava doente da sua filha Vanessa e já nunca pôde regressar para conseguir o diploma. Ninguém sabe como a velha fazia para simplesmente olhar para nós e já saber que tínhamos feito uma maldade, como se os olhos dela fossem dois raios que nos atravessavam a tola e vissem tudo o que acontecia cá dentro, tudo o que estávamos a pensar naquele momento. E ninguém sabe como fazia também para conseguir castigar-nos onde mais nos doía. A Lagarta, por exemplo, nunca pôde esquecer a noite em que a avó a deixou sem cabelo com a tesoura de esquartejar o frango, daquela vez em que se apercebeu de que Yesenia às vezes também fugia de casa à noite, mas não era para ir aos bailes ou para andar metida com os homens como a putéfia da Bola, não, mas sim para seguir o miúdo, ver onde é que ele se metia e apanhá-lo num desses maus passos de que toda a gente falava, e assim exhibi-lo diante da avó, para que finalmente ela visse como era canalha e degenerado aquele maldito rapaz, como andava a toda a hora bêbado e drogado, a cair pelos caminhos da terra, como naquela dia em que Yesenia o viu no rio, naquele dia em que se levantou cedo para ir tomar banho às primeiras luzes da aurora e o viu descer em direção à praia, descalço e sem camisa, com o cabelo desgrenhado como um ninho de víboras e os olhos dilatados e avermelhados de tanta droga e o olhar perdido sabe-se lá em que visões, falando sozinho como um desses maluquinhos que aparecem de repente na estrada, a caminhar duma ponta à outra sem rumo, com aquela lata toda chamuscada e as mãos sujas de fuligem e os lábios esticados num sorrisinho idiota

quando perguntou a Yesenia como estava a água, e ela, sem olhar para ele sequer, atarantada pela raiva que sentiu por aquele ranhoso se atrever a dirigir-lhe a palavra, só conseguiu dizer que estava muito limpinha antes de se afastar do local com uma dor surda a atravessar-lhe as tripas e durante todo o caminho de regresso a casa pensou em todas as coisas que gostaria de lhe ter dito, todas as queixas que trazia guardadas havia três anos, àquele maldito miúdo ranhoso, filho da cadela da sua mãe, se o cabrão de merda não a tivesse apanhado desprevenida. Aquela era a primeira vez que o encontrava de frente nos caminhos da terra, porque o raio do maricas se escondia dela e só saía à tarde, ou à noite, como um maldito vampiro, para se juntar aos vagabundos que só viviam a drogar-se e a embebedar-se e a roubar os incautos que atravessavam o parque de Villa à noite, e a andar à porrada e à pancada com garrafas com os outros rufias que pairavam pelas *cantinas* no centro da povoação, ou a partir as lâmpadas dos candeeiros e a mijar contra as paredes e contra as portas de enrolar das lojas fechadas que rodeavam o parque; rapazes sem eira nem beira, todos calões sem exceção, uns inúteis e uns chulos, um bando de drogados doentes da cabeça; seria bom meterem-nos todos na prisão, que lhes dessem tarefas lá dentro, os violassem e depois os fizessem desaparecer para ver se eram assim tão machões como quando apalpavam as rapariguinhas, e até os rapazinhos, que cometiam a imprudência de passar pelo parque quando eles estavam juntos. Como se a polícia não soubesse, caramba, a negociata que aqueles cabrões têm com o dono do hotel Marbella, de onde tiram então o dinheiro para comprar a droga que metem, quando não é ali mesmo no parque, no escurinho, ou nas casas de banho das *cantinas* e nos bares da estrada, ou atrás do armazém abandonado dos caminhos de ferro onde toda a gente sabe que os maricas fazem as suas porcarias,

como os cães, em plena luz do dia. Tudo isto constava à própria Yesenia, já o vira com os seus próprios olhos e não lhe chegavam os dedos das mãos nem os dos pés juntos para enumerar a quantidade de vezes que teve de ir buscar o maldito rapaz àqueles lugares, porque o cabrão ficava dias sem aparecer e Yesenia já não podia continuar a enganar a avó, e por fim as estúpidas das Güeras vinham sempre armadas em cuscas contar à velha o que se dizia na terra acerca do rapaz, apesar de a avó negar sempre tudo e dizia que eram só mentiras, que o seu neto não andava metido em vícios desses, que ele estava em Gutiérrez de la Torre, a trabalhar na apanha do limão, e que tudo aquilo de dizerem que ele vivia metido na casa da Bruxa eram só histórias, simples calúnias da gente invejosa que não tinha outra coisa melhor que fazer senão andar a inventar mexericos, e nessas alturas Yesenia ainda ficava calada, ainda não se atrevia a dizer a verdade à avó, o que ela tinha visto com os seus próprios olhos, o que as Güeras contavam a todos os que quisessem ouvi-las; o que a tia Balbi tinha vaticinado desde o princípio, desde aquele dia em que a avó chegou a casa com o maldito miúdo encardido: vai sair-te um patife igual a Maurilio, ou até pior, porque do tio Maurilio diziam-se coisas muito feias, que ele era muito bêbado e muito perdulário e que vivia à conta das mulheres e que nos seus últimos anos lhe deu para andar na droga, e até diziam que foi assim que apanhou aquela doença que o levou em vida, mas pelo menos dele nunca disseram que frequentava os maricas da terra, nem que vivia metido em casa da Bruxa, nas orgias que ali se organizavam e que Yesenia tinha visto com os seus próprios olhos certa noite, naquela noite, na mesma em que a avó a pôs careca à tesourada e a mandou dormir no pátio, como a cadela que era, disse-lhe. Ela não tinha precisado que as Güeras lhe contassem fosse o que fosse; ela tinha visto tudo e regressara a correr para casa para acordar a avó e

contar-lhe as porcarias que o santo do seu netinho estava a fazer naquele mesmo momento, para ver se assim a velha se desenganava e se apercebia de uma vez por todas do tipo de animal que tinha criado debaixo do seu próprio teto e deixava de atirar as culpas de tudo a Yesenia, por ela ser a mais velha de todos e ter por isso o dever de cuidar do primo e de não andar a inventar aqueles boatos que depois as Güeras contavam como se fosse a verdade, calúnias que a gente ociosa repetia depois. Porque a avó não acreditara em nada do que ela dizia; a avó tinha ficado a olhar para ela com olhos de fúria e chamara-lhe maldita Lagarta, só tu para te lembrares de uma mentira tão horrível e assombrosa, estás doente da cabeça, só tens veneno lá dentro. Não tens vergonha de andares armada em vadia pelas ruas à noite e ainda por cima atirares as culpas ao teu primo? Eu vou-te tirar a vontade de andares a fugir, minha cabra de merda. Cortara-lhe o cabelo rente com a tesoura de esquartejar o frango enquanto Yesenia se mantinha imóvel que nem um opossum sob os faróis dos camiões na estrada, com medo de que as lâminas geladas lhe cortassem a carne, e depois tinha passado a noite inteira no pátio, como a cadela que era, dissera a avó: a besta imunda que não merecia nem um enxergão pulguento debaixo da sua carcaça malcheirosa. Demorou um bom bocado a sacudir os cabelos que se lhe colavam à roupa, a secar todas as lágrimas que lhe brotavam dos olhos, e quando por fim se acostumou à escuridão da noite, pegou na corda de pita que servia de estendal e desatou-a para açoitar com ela as paredes da casa, até lhes arrancar o estuque inchado pela humidade, e depois atirou-se aos arbustos que cresciam debaixo da janela da cozinha, até os deixar pelados, e foi bom nessa altura já não terem borregos, porque naquela noite teria sido capaz de os açoitar com a corda até os rebentar, ou até que as suas primas saíssem para a fazer parar, e também foi bom o maldito rapaz já

nunca ter regressado a casa da avó, porque Yesenia tinha intenção de o matar. Passou a noite toda na escuridão do alpendre, com um machete sem fio na mão, disposta a surpreender o maldito do rapaz quando ele chegasse aos tombos pelo caminho, com aquele sorriso parvo na cara, para aquele rapaz maldito tudo era motivo de riso, tudo era só gozo pegado, até as pancadas que Yesenia lhe dava e as súplicas e o choro da avó, estava-se nas tintas para tudo, só pensava em si mesmo, ou talvez nem isso, porque a droga certamente lhe tirava a capacidade de raciocinar e ele certamente já nunca pensava em nada, nem sentia o sofrimento que causava a todos, tal como o cabrão do pai: já vão ver, disse a Balbi, quem sai aos seus não degenera; tal pai tal filho, ou melhor, tal mãe, atirou a Negra, porque esse maldito miúdo vai sair tão porco como a puta da mãe, acerca da qual se contavam coisas ainda mais feias na terra, e até se dizia que por causa dela tinham morrido já sete homens, sete motoristas da mesma companhia de transporte, e todos de sida, sete homens mortos, ou talvez oito contando com o tio Maurilio, se se desse ouvidos aos murmúrios, e o pior de tudo era que a maldita da mulher continuava inteirinha, como se não estivesse doente e podre por dentro; ela nunca ficou com mau semblante nem se lhe secaram as carnes, que continuava a ter em abundância e pelas quais ainda era famosa naquele tugúrio que geria na estrada, onde a foi pôr aquele que dizem ser o seu amante, o *güero* ainda novinho enviado do norte pelos do Grupo Sombra para que movimentasse a droga na zona, aquele que anda na estrada para cima e para baixo numa carrinha de vidros polarizados; o do vídeo, pois; o famoso vídeo que toda a gente anda a passar no telemóvel e onde se veem as coisas espantosas que esse *güero* faz à pobre rapariga que aparece nas imagens, quase uma menina, uma criança toda passada, que mal consegue manter a cabeça levantada de tão drogada que está, ou

doente, porque dizem que é isso o que esses cabrões fazem às pobres raparigas que raptam no caminho da fronteira: que as põem a trabalhar nas casas de putas como escravas e que, quando deixam de servir para a fornicadela, as matam como borregos, tal como no vídeo, e que as cortam aos bocadinhos e vendem a sua carne nas *fondas* da estrada como se fosse de animal fino para fazer os famosos *tamales* da região, os mesmos *tamales* que a avó preparava na *fonda*, mas com carne de borrego, e não de rapariga: só carne de borrego que a avó esquartejava no pátio ou que comprava a Don Chuy no mercado de Villa, não de cão, como depois diziam as pessoas mexeriqueiras, as pessoas invejosas desta maldita terra, gente que não tem mais que fazer senão andar a inventar parvoíces, como essas malditas Güeras que querem andar metidas a toda a hora no que não lhes diz respeito, putas de merda: por causa delas a avó não deixava de andar sempre a chatear Yesenia, a perguntar-lhe pelo rapaz e pela mulher com quem ele se tinha juntado, como se Yesenia não tivesse coisas melhores que fazer do que andar atrás do cabrão; como se não passasse os dias já bastante ocupada com a avó, com a comida e a roupa, além daquelas miúdas calonas que nunca fazem as coisas que lhes mandam fazer e que têm de andar a toque de carolos para obedecerem. Se não tivessem sido os mexericos das Güeras tudo teria corrido bem, tudo teria corrido precisamente como Yesenia planeara naquele dia, naquela primeira segunda-feira de maio quando andava em Villa com a Vanessa, depois de ouvir que Mary, a dona da mercearia, contava a outra senhora que naquela manhãzinha mesmo, há coisa só de uma hora, tinham encontrado o cadáver da Bruxa num canal de rega perto do Engenho, com o pescoço retalhado e a carne já podre e picada pelos abutres, tão horrível que o comandante Rigorito não se tinha aguentado sem ir ao gregório, e Yesenia ficou como que paralisada quando ouviu

aquilo, e não pôde evitar pensar no que tinha visto na sexta-feira, no mesmo dia em que foi tomar banho cedo ao rio e encontrou o cabrão do primo, descalço e sem camisa, aos tropeções pelo caminho. O grande cínico tinha-lhe perguntado como é que estava a água e Yesenia dissera-lhe que estava muito limpinha antes de dar meia-volta e ir para casa, apesar da vontade que tinha de o mandar para a puta que o pariu, àquele rapazola maldito, e atirar-lhe à cara todas as desgraças que tinham acontecido por causa dele. Não tinha contado a ninguém que o tinha visto, naquela manhã no rio, e muito menos se atreveu a contar à avó e às primas que, horas mais tarde, voltou a vê-lo por aquela zona, naquela mesma sexta-feira, mas depois do meio-dia, por volta das duas ou três da tarde, estava parada em frente do tanque do pátio, a esfregar as cuecas e a camisa de dormir que a avó acabava de sujar com urina, quando ouviu o barulho de um veículo que avançava com lentidão pelo caminho e espreitou para ver passar a carrinha azul, ou talvez cinzenta, era impossível saber com toda a certeza por causa da sujidade que cobria a carroçaria, do fulano a quem toda a gente chamava Munra, precisamente o marido da maldita gaja que tinha parido o seu primo; um coxo que não servia para nada, um chulo bêbado com quem o rapaz andava sempre para todo o lado naquela carrinha. É claro que ela reconheceu o tal Munra porque ele levava as janelas abertas e além disso mais ninguém na terra tinha uma carrinha como aquela, embora ela não tenha conseguido ver se havia mais gente lá dentro, se por acaso o rapaz ia lá com ele e planeava aparecer em casa da avó. Até levou uma mão molhada à testa, em jeito de pala, para ver se assim conseguia distingui-lo lá dentro, mas nada. O coração começou a bater-lhe com muita força no peito, por causa do medo e da raiva que desde aquela manhã não tinha deixado de sentir; medo de que o cabrão do seu primo pretendesse aparecer em casa e

perturbar a avó; e raiva por toda a dor que aquele estúpido já tinha causado à velha desde a sua partida. Deixou a roupa no tanque e avançou até ao caminho enquanto seguia a carrinha com o olhar, e viu com horror que esta parava a uns duzentos metros ali no caminho, quase em frente da casa da Bruxa. Os olhos lacrimejavam-lhe por causa do sol implacável, mas Yesenia não desviou o olhar da carrinha nem um único segundo, pois tinha quase a certeza de que veria o raio do rapaz a qualquer momento a sair do veículo, mas uns minutos depois a avó começou a gemer lá do seu quarto e Yesenia teve de lhe acudir pois não havia mais ninguém em casa; as miúdas já não tardariam a chegar da escola, se por acaso as parvalhonas não se pusessem a empatar-se pelo caminho como era seu maldito costume. Por isso é que demorou tanto a poder sair novamente para o pátio e verificar que a carrinha continuava estacionada no mesmo sítio, e um pouco mais tranquila, começou a enxaguar e a espremer a roupa que tinha deixado de molho, enquanto dava umas olhadelas furtivas de vez em quando para o caminho. Estava quase a pegar na roupa para a levar para o estendal, quando viu que a porta da casa da Bruxa se abria de repente e que saíam lá de dentro dois rapazes a transportar uma terceira pessoa, agarrando-a pelos braços e pelas pernas como se estivesse desmaiada ou bêbada. Um desses rapazes era o seu primo, Maurilio Camargo Cruz conhecido como El Luis Miguel, Yesenia tinha toda a certeza; que lhe cortassem uma mão se não era aquele cabrão, porra, não tinha sido em vão que o tinha criado desde pequeno, e conseguia reconhecer aquela corja de putos selvagens a dez quilómetros de distância; e também tinha a certeza de que a pessoa que estavam a transportar era a Bruxa, pelo tamanho daquele corpo e porque as roupas que tinha vestidas eram todas negras, tal como essa pessoa costumava vestir-se desde que Yesenia tinha memória. Reconhecia também o outro rapaz que ia com o seu

primo: era um dos vadios que se reuniam no parque; não sabia o seu nome nem como lhe chamavam, mas media mais ou menos o mesmo que o seu primo, cerca de um metro e setenta centímetros de altura, e também era magro e seco apesar de ter cabelo preto e muito curto, além de poupa levantada, como está na moda entre os miúdos de agora. Contou tudo aquilo aos polícias que a atenderam de má vontade naquela segunda-feira do dia primeiro de maio, e depois teve de voltar a repetir tudo à secretária do agente do Ministério Público: o nome do primo, a morada, o que ela tinha visto naquela sexta-feira ao meio-dia e o que as pessoas contavam acerca do sacana do puto, as coisas que ela mesma tinha visto com os seus olhos na noite em que seguiu o primo até à casa da Bruxa sem que este se apercebesse; as porcarias em que a avó não quis acreditar quando Yesenia a acordou para lhe contar tudo, para que ela se apercebesse do tipo de merda que o neto era, mas a avó não tinha querido acreditar nela; a avó disse que Yesenia estava a inventar tudo porque tinha a mente suja e asquerosa e porque quem fugia de noite para fazer porcarias era ela, e arrastou-a pelos cabelos até à cozinha e agarrou na grande tesoura de cortar o frango e por momentos Yesenia pensou que a avó lhe enterraria a lâmina na garganta e fechou os olhos para não ver como o seu sangue salpicaria o chão da cozinha, mas nesse instante sentiu o rebordo rangente da tesoura contra o seu crânio e ouviu o barulho estaladiço que as lâminas faziam ao cortar madeixas inteiras do seu cabelo, o cabelo de que ela tanto cuidava, a única coisa bonita de que ela gostava no seu corpo: aquele cabelo preto bem escorrido e espesso que todas as suas primas invejavam porque era lindo e liso como o das artistas das telenovelas, e não duro e crespo como o delas, como o cabelo da avó, cabelo de borrego, dizia ela, cabelo encrespado de negra, e nem mesmo a Balbi, que tinha olhos verdes e se gabava de

ter um pouco de sangue italiano, nem mesmo ela se tinha salvado do cabelo feio, havia de ser logo Yesenia, a Lagarta, a mais feia, a mais escura e a mais magra de todas elas, mas a única que tinha um cabelo primoroso que lhe caía sobre os ombros como uma cortina de seda, uma cascata de veludo azul quase negro que a avó retalhou naquela noite até a deixar como uma louca de manicómio, para lhe dar uma lição, para ver se assim ainda continuava a fugir à noite à procura de homens; aquele cabelo pelo qual Yesenia chorou ao mesmo tempo que o sacudia das roupas para depois pegar na corda e açoitar com ela as paredes da casa e os arbustos debaixo da janela até os deixar tão carecas como ela. Mas nessa altura já não chorava, nem de raiva nem de tristeza, só ouvia no silêncio como a avó se lamentava por causa do neto no seu quarto, e cada soluço, cada gemido da velha era como uma adaga gelada que se enterrava no coração de Yesenia. Aquele maldito rapaz tinha a culpa de tudo, pensava ela; aquele cabrão acabaria por matar a avó, a mulher que bem ou mal era como uma mãe para Yesenia agora que nem a Negra nem a Balbi telefonavam, nem mandavam dinheiro, nem pareciam lembrar-se alguma vez delas. O cabrão daquele rapaz tinha de morrer e Yesenia estava disposta a parti-lo todo à porrada. Esperaria acordada na escuridão do pátio e apanhá-lo-ia quando o cabrão tentasse escapulir-se de casa, como sempre fazia de madrugada, e com aquele machete enferrujado que encontrou debaixo do tanque, com aquele fio rombo e que tinha um mau cheiro a moedas, rasgar-lhe-ia a cara e o pescoço ao mesmo tempo que lhe diria: toma, estúpido de merda, acabou-se a brincadeira, já nunca mais vais enganar a minha avó, e depois de o matar cavaría um buraco ao fundo do pátio para o enterrar, e se a avó quisesse denunciá-la ela deixaria com prazer que a polícia a levasse, tranquila por ter cumprido a sua missão, ter libertado a avó daquele filho da puta.

Mas o maldito do rapaz não veio naquela noite, nem no dia, nem na semana, nem no mês seguintes. Nunca mais voltou a casa da avó, nem sequer para recolher a sua roupa ou pertences, muito menos para se despedir da velha e agradecer-lhe tudo o que ela tinha feito por ele desde o princípio, e tiveram de ser as cabras das Güeras a vir contar à avó que o rapaz agora vivia com a mãe, e a velhinha ficou muito mal por o rapaz ter preferido viver com aquela puta que o apoiava em todas as suas asneiras, e não com a avó, que praticamente o tinha criado como se ele fosse seu próprio filho, e foi tanta a dor que passadas duas semanas teve o derrame que da noite para o dia a deixou paralisada daquela metade do corpo, e depois, um ano mais tarde, a queda na casa de banho da qual já nunca conseguira levantar-se, e agora sabe-se lá como iria a avó receber a notícia de que o maldito rapaz era um assassino, de que iam pô-lo atrás das grades; seguramente que a parvalhona ainda iria querer visitá-lo, levar-lhe dinheiro e comida e até cigarros, como fizera com o tio Maurilio quando este estava preso; seguramente ordenaria a Yesenia que a vestisse e lhe pedisse um táxi para que a levassem à esquadra de Villa, como se os táxis até lá fossem baratos, e como se a pobre velha ainda acreditasse que tinha forças para caminhar, quando já havia quase dois anos que não saía da cama, e ali estavam as chagas que lhe apareciam nas costas e nas nádegas como prova. Não, a avó não podia saber que o rapaz era um assassino, e muito menos que tinha sido a própria Yesenia a denunciá-lo à polícia, que fora ela que, naquela segunda-feira, primeiro de maio, tinha ido à esquadra contar-lhes tudo e dar o nome completo e a morada dele para que o prendessem, depois de ouvir o mexerico da boca da dona da mercearia, depois de ficar vários minutos como que pasmada, pensando no que aconteceria se se atrevesse a contar às autoridades o que tinha visto na sexta-feira de manhã e ao meio-dia, pensando

no que a sua avó diria se chegasse a saber, mas pensando também em todo o ódio que sentia por aquele maldito rapaz e na vontade que tinha de o ver enfiado na prisão, enquanto Vanessa ficava a olhar para ela como tonta que era, assustada pelo nervosismo em que via a tia. Vai para casa, acabou por ordenar à miúda. Corre o mais depressa que puderes, agora mesmo, e diz à tua mãe e às tuas tias para se fecharem e não deixarem entrar ninguém em casa, ninguém, ouviste-me? Muito menos as malditas Güeras, cabras de merda; sabe-se lá como faziam para ficarem a saber de tudo; era como se tivessem antenas, ou talvez aquelas filhas da mãe fossem meio bruxas, como é que foram contar tudo à avó, sabendo como a velha ficava mal de cada vez que ouvia alguma coisa do rapaz, como é que o coração delas não estremeceu no momento em que lhe disseram que o rapaz estava na prisão, que o acusavam de matar a Bruxa. Mas não tinham forma de saber que tinha sido Yesenia a denunciar o primo, pois não? Então como é que raio a avó soube que foi ela quem apontou o dedo ao rapaz? Bastou-lhe olhar para ela nos olhos para ficar a saber, quando Yesenia se inclinou sobre ela com lágrimas nos olhos para ver como é que ela estava, já de noite bem tarde, porque os cabrões da polícia obrigaram-na a ir ao Ministério Público para que lhes repetisse toda a história, e a estúpida da lenta da secretária demorou séculos a passar a declaração para o computador para que ela a assinasse, e já era de noite quando finalmente pôde regressar a La Matosa, e bastou-lhe ver todas as luzes da casa da avó acesas para saber que tinha acontecido algo terrível, e entrou em casa a correr até ao quarto da avó e encontrou-a retorcida na cama, com a boca aberta como que congelada num grito e os olhos muito abertos a olhar para o teto, e foi a Bola, cara de ratazana, quem lhe explicou o que tinha acontecido: que a avó tinha tido outro ataque, apenas umas horas

antes, de tanto chorar por causa do que as estúpidas das Güeras lhe contaram quando foram visitá-la naquela tarde, a novidade de que a polícia tinha apanhado o rapaz e de que o acusavam de ter matado a Bruxa e de ter atirado o cadáver para um canal de rega, e Yesenia teve vontade de esbofetear a Bola, de lhe ralhar pelo seu descuido. Mas a que propósito tinha deixado entrar as estúpidas das Güeras em casa, caralho, se ela tinha ordenado claramente a Vanessa que se fechassem todas, que não deixassem entrar ninguém, muito menos aquelas parvas? E foi então que se deu conta, ao passar revista aos rostos compungidos que rodeavam a cama da avó, que a estúpida da Vanessa, aquela cabra filha da mãe, não estava ali porque a grande putéfia certamente aproveitara a prima tê-la deixado solta para ir ver o namorado, o cabeludo drogado que andava sempre a rondá-la à saída da secundária, de modo que Yesenia não teve outro remédio senão sair do quarto, atravessar o umbral da casa e seguir pelo caminho até à casa das Güeras e pôr-se a bater na porta com os punhos e os pés e a gritar-lhes que eram uma malditas vacas metediças, alcoviteiras, o que é que lhes passara pela cabeça para irem chatear a avó com as suas patranhas de merda, porque era isso ou insultar a Bola por ter parido aquela miúda desmiolada incapaz de obedecer à mais simples das ordens. As Güeras não lhe abriram a porta nem por mais uma; além disso, nem sequer se atreveram a espreitar pela janela porque sabiam bem que Yesenia era capaz de deitar as paredes abaixo ao pontapé se chegassem a responder-lhe com alguma insolência, por isso não se atreveram nem a acender as velas do altar de Nossa Senhora, nem mesmo quando Yesenia se cansou de gritar com elas e regressou a casa, onde se pôs à espera, rodeada pelas primas e sobrinhas, da chegada da Picapiedra, que tinha ido a Villa à procura do médico, e também da chegada da desmiolada da Vanessa, a quem Yesenia já tinha jurado uma sova

com a corda molhada assim que a estúpida se atrevesse a atravessar a porta, enquanto a avó resfolegava com o esforço para se manter viva, já sem conseguir falar, sem afastar o olhar do teto senão durante aquele instante aterrador em que Yesenia colocou a cabeça da avó no seu colo, para acariciar os ásperos cabelos brancos da velha e dizer-lhe que estava tudo bem, que iria correr tudo bem, que o médico não tardaria a vir curá-la, que aguentasse um pouco mais e fosse forte por ela, por elas, pelas suas netas que a adoravam, mas as palavras secaram-se-lhe na boca quando a velha afastou o olhar do teto e cravou as suas pupilas enevoadas nas suas, e sabe-se lá como, sabe-se lá de que maneira Yesenia soube, mas por Deus que a avó olhava para si como se soubesse o que ela tinha feito, como se pudesse ler-lhe a mente e soubesse que tinha sido ela a denunciar o malvado do rapaz, a dizer aos polícias de Villa onde é que o cabrão vivia para que o fossem prender. E soube também, enquanto mergulhava nos olhos cada vez mais raivosos da velha, que a avó a odiava com toda a sua alma e que naquele mesmo momento estava a amaldiçoá-la, e Yesenia, com um fiozinho de voz, quis pedir-lhe perdão e explicar-lhe que tinha sido tudo pelo seu próprio bem, mas foi demasiado tarde: uma vez mais, a avó tinha-lhe acertado onde mais lhe doía, e por isso morreu naquele momento, a tremer de ódio nos braços da neta mais velha.

IV

A verdade, a verdade, a verdade é que ele não viu nada, pela sua mãe que em paz descanse, pelo que há de mais sagrado, não viu nada; nem sequer soube o que aqueles cabrões lhe fizeram, sem a sua muleta como é que ia sair da carrinha, e além disso o rapaz tinha-lhe dito para ficar à espera ao volante, para não desligar o motor nem se mexer, que era tudo uma questão de minutos até zarparem, ou pelo menos foi isso o que Munra entendeu e depois já não soube mais nada, nem saiu para ver e muito menos se virou para espreitar pela porta aberta e embora na verdade tivesse tido vontade de ver não caiu na tentação de olhar pelo espelho retrovisor, o medo foi mais forte. Porque de repente o céu ficou negro, encheu-se de nuvens que um vento súbito atirou contra os montes, fustigando o canavial contra o chão, e ele pensou que já não tardaria a cair a chuva, e até viu muito bem como das nuvens escuras surgia de repente um raio mudo que caía sobre uma árvore que ficou queimada em absoluto silêncio, um silêncio tão espesso que por momentos ele até pensou que tinha ficado surdo porque a única coisa que conseguia ouvir era uma espécie de zumbido seco que lhe ecoava dentro da cabeça, e os rapazes tiveram de o abanar para que

reagisse, e foi então que se deu conta de que não estava surdo, de que até podia ouvir os gritos daqueles dois cabrões a pedirem-lhe que acelerasse, que acelerasse, já, coxo do caraças, mete a pata a fundo, essa porra já está ligada, para sair dali quanto antes e alcançar o caminho batido que ia dar ao rio, rodear Playa de Vacas e entrar em Villa pelos lados do cemitério, atravessar o centro pela avenida principal, com o seu único semáforo e o parque, até chegar novamente à estrada em direção a La Matosa, aquele tempo todo a pensar em como seria agradável chegar a casa e meter-se na cama com uma garrafa de aguardente e beber até perder a consciência, esquecer-se de tudo, esquecer até que Chabela não voltava já há dias, esquecer a maneira como os faróis da carrinha ainda tornavam mais densa a escuridão que os rodeava enquanto fugiam a toda a velocidade por aquele caminho e as gargalhadas dos malditos rapazes que passaram o tempo todo a dizer piadas que ele não entendia, e por fim, quando já se encontrava estendido na cama, até teve vontade de meter um dos comprimidos de Luismi porque cada vez que fechava os olhos e tentava conciliar o sono, o corpo começava a tremer, sentia um aperto no estômago, a cama desaparecia e era como se estivesse pendurado em cima de um precipício, prestes a cair no abismo, e então abria os olhos, virava-se na cama e voltava a tentar dormir e voltava a sentir a vertigem e tentava ligar a Chabela, mas o telefone continuava desligado, e assim se passou toda a noite, e até chegou a pensar que seria melhor sair até ao pátio e atravessá-lo para pedir a Luismi que lhe oferecesse um dos seus comprimidos e ver se assim conseguia dormir de uma única tirada até ao meio-dia, mas no fundo sabia que sem a muleta não seria capaz de atravessar a escuridão do pátio para chegar ao quarto do puto, por isso acabou por se resignar e continuar a dar voltas na cama até por fim mergulhar num dormir e acordar

inquieto que durou até à hora em que os galos distantes começaram a cantar e o sol se ergueu por trás da janela. Não queria levantar-se, mas já não suportava mais o calor daquele quarto nem o fedor do seu próprio corpo, nem o vazio na cama que partilhava com Chabela, por isso pôs-se de pé como pôde, agarrando-se aos móveis e até às paredes, e saiu para o pátio para mijar e lavar-se, sabe-se lá que horas seriam, mas o rapaz ainda não dava sinais de vida, nem os daria durante aquele dia porque Munra conseguiu vê-lo do pátio atravessado em cima do colchão que ocupava quase todo o chão do seu quartinho — a sua casita, como ele lhe chamava —, com a bocado aberta e as pálpebras entrecerradas, quase roxas de tão inchadas que estavam. Seguramente levaria mais um dia a acordar, a julgar pela quantidade de comprimidos que tinha metido na noite anterior, e efetivamente Luismi só voltou à vida na noite de domingo, quando Munra o viu atravessar o pátio aos tropeções e seguir pelo caminho que levava até à estrada, onde certamente tentaria conseguir mais dinheiro e assim comprar a porcarias dos seus comprimidos. Que graça via o miúdo naquelas porcarias era coisa que Munra nunca conseguiu entender: como é que era possível que alguém quisesse estar assim como um idiota todo o santo dia, com a língua colada ao céu da boca e a mente em branco como uma televisão sem sinal; pelo menos com o álcool as coisas boas ficavam melhores e as foleiras suportavam-se com mais alguma facilidade, e com a marijuana acontecia mais ou menos o mesmo, pensava Munra; mas com aqueles comprimidos que Luismi metia como doces ele nunca sentia mais do que sono, uma vontade de se deitar a dormir e adormecer, e até isso não era para sonhar com coisas loucas e alucinar, como diziam que acontecia quando se fumava ópio, não, mas sim para cair rendido num sono pesado e foleiro do qual se acordava com uma sede terrível e a cabeça que nem uma bomba e os

olhos tão inchados que não se conseguia sequer abri-los, sem se lembrar de como se tinha chegado à cama, nem da razão pela qual se estava todo sujo e até cagado, ou quem é que lhe tinha partido a cara. O raio do Luismi dizia sempre que os comprimidos o faziam sentir-se na boa, calmo, normal, pois, nem ansioso nem trémulo nem com vontade de estalar os dedos ou o pescoço com aquele tique que sempre teve desde puto, aquele com que estalava o pescoço pondo a cabeça de lado de repente, e que, segundo ele, só desaparecia quando metia comprimidos daqueles, pois quando deixava de os tomar voltavam logo os tremores e os tiques, juntamente com outras sensações bem foleiras, como a de as paredes se moverem e ameaçarem cair-lhe em cima, ou a de os cigarros não lhe saberem a nada, ou a de sentir o peito a fechar-se e ficar sem ar, enfim, só pretextos que o rapaz dava para não deixar de meter aquelas merdas. Pois nem quando trouxe a parva da Norma para viver com ele na sua casita conseguiu deixá-las por completo, apesar de nos primeiros dias estar realmente convencido de que já não ia voltar a meter nada, só jolas e erva dissera ele, nada de comprimidos, mas a intenção não lhe durou mais de três semanas, até a cabra da Norma o trair e mandar a polícia atrás dele para que o metessem na prisão por algo de que o rapaz nem culpa tinha, pois o seu único pecado tinha sido ter tentado ajudar aquela estúpida rapariga, a mosca-morta que acabou por ser só problemas, só conflitos. Munra nunca gostou muito da miúda, sempre lhe pareceu uma falsa, com o seu teatrinho de menina bem-comportada que não partia um prato e a sua vizinha de parva que trazia todos embeijados, até Chabela, quem diria; ela que se gabava de conhecer a dedo todas as manhas havidas e por haver das tipas que trabalhavam no Excálibur, nem sequer ela se salvou de cair no engano da Norma: dois dias ali em casa, e já a Chabela andava a dizer que aquela rapariga era a filha que sempre

quisera ter, porque era tão boazinha, tão jeitosa, tão comedida, tão tão tão que aquilo já parecia um sino, a filha da mãe, e Munra, assim que a ouvia, dava um estalo com a língua, enojado com tanta baboseira que saía da boca da sua mulher. Dava-lhe raiva vê-la ali em casa, a cozinhar em frente do fogão e a lavar os pratos ou simplesmente a cirandar atrás da parva da Chabela, com aquele sorrisinho hipócrita nos lábios e as bochechas rosadas de índia e aquela expressão de inocência fingida, dizendo que sim a tudo o que Chabela dizia. A sua mulher estava tão embevecida com as atenções da rapariga que até se esqueceu de que agora eram dois calões que comiam às suas custas em vez de um só, e Munra francamente achava tanta harmonia familiar muito suspeita, e não podia deixar de se perguntar que porra andaria a rapariga a tramar, de onde raio tinha saído e por que carga de água estava ali com o rapaz; porque isso de serem um para o outro, a avó que acreditasse nisso: que mulher no seu juízo perfeito queria ir viver para o cubículo ao fundo do pátio com aquele escanzelado que não tinha onde cair morto? Munra tinha a certeza de que todo aquele assunto cheirava a esturro, mas finalmente decidiu ficar calado porque aquele parvo do Luismi de qualquer modo acabaria por fazer o que lhe desse na real gana, então para quê gastar salivar; e até já tinha tentado avisá-lo, na tarde em que Luismi se aproximou para lhe pedir o favor de o levar à farmácia de Villa, para comprar algum medicamento que aliviasse um sangramento com muitas dores que Norma tinha, e Munra pensou logo que a parva da rapariga só estava a fazer teatro para os obrigar a gastar dinheiro e gasolina à maluca, e dessa vez até ralhou com o rapaz por se deixar aldrabar daquela maneira tão idiota. Mas ele não sabia que tudo aquilo era normal, que as mulheres sangravam da coisa todos os meses e que não precisavam de remédios, quando muito só das toalhas que Luismi podia comprar à

dona Concha, ali mesmo em La Matosa, sem necessidade de ir a Villa? Era assim tão ignorante? Mas o rapaz continuou na dele a dizer que aquilo era diferente, que Norma estava a sofrer muito e que até tinha o corpo com um bocado de febre, mas por fim Munra conseguiu convencê-lo de que tudo aquilo era normal e o rapaz regressou à sua casita e Munra pôde vê-los deitados sobre aquele colchão encardido, Luismi a abraçá-la como se estivesse moribunda, maldita palhaça, pensou Munra, embora no fim, quem diria, a coisa tivesse acabado por ser mesmo séria e até apanhou um bom susto nessa mesma madrugada quando o rapaz quase lhe atira a porta de casa ao chão ao pontapé para que ele abrisse porque levava Norma nos braços, que já tinha a pele verde, os lábios brancos, os olhos assim metidos para dentro como que endemoninhada, as coxas banhadas em sangue que ainda não estava seco e que pingava para a terra, e o rapaz parecia louco e falava da mancha que tinha ficado no colchão, da quantidade de sangue que Norma estava a perder, que por favor lhes fizesse o jeito de os levar ao hospital de Villa naquele momento e Munra disse a Luismi que os levaria, mas que primeiro pusesse qualquer coisa debaixo de Norma, uma enxerga ou uma manta, porque não queria que o sangue sujasse os assentos da carrinha e Luismi assim fez, mas tão mal que os estofos ficaram um nojo, e Munra já nunca teve hipótese de ralhar com o parvo do rapaz ou de limpar a sujidade, com tudo o que aconteceu depois dessa noite, depois de levar Norma ao hospital e depois de ter ficado como um idiota à espera lá fora que alguém saísse para lhes dizer como estava a rapariga, sentados num canteiro até ao meio-dia, altura em que Luismi ficou desesperado e entrou no hospital a perguntar o que é que se passava, porque ninguém lhes dizia nada, e para aí uns quinze minutos depois de ter entrado, o rapaz já estava de regresso, com cara de cão espancado e a vociferar que uma assistente social

estava a denunciá-los à polícia, mas não quis contar nada a Munra no caminho de regresso a La Matosa, nem mesmo no interior do Sarajuana, aonde Munra o levou para lhe oferecer uma cerveja que a bruta da neta da Sara lhes entregou quase à temperatura ambiente. *No quiero que regreses nunca más*, cantava a rádio, *prefiero la derrota entre mis manos*, na estação das canções *rancheras* com que Munra tanto embirrava, *si ayer tu nombre tanto pronuncié*, qual era o mal de pôr uma salsa?, *hoy mírame rompiéndome los lábios*, mas o rapaz, quem haveria de dizer, foi ficando mesmo com os olhos vidrados e avermelhados como se estivesse prestes a chorar, e Munra até pensou que se calhar Norma tinha morrido, ou que a coisa estava muito grave e precisava de uma operação complicada e muito cara, mas três cervejas depois o rapaz continuava sem se descoser, e não lhe contou nada nesse dia, nem mesmo depois de Munra ter concordado em levá-lo a Villa para percorrerem as *cantinas* à procura de Willy para que este lhe vendesse uma carteira daqueles malditos comprimidos foleiros que ele já estava há três semanas sem tomar, e sabe-se lá quantos tomou de uma só vez pois dali a uma hora o estúpido do Luismi já estava deitado no chão, completamente pedrado, e Munra teve de pedir a uns tipos que o ajudassem a pô-lo na carrinha, onde acabou por dormir naquela noite porque Munra não conseguiu acordá-lo e menos ainda tirá-lo de lá sozinho quando finalmente chegaram a La Matosa. Não se sabe que horas seriam quando Munra acordou na manhã seguinte, porque a bateria do seu telemóvel tinha acabado, e o aparelho estava morto, e Chabela ainda não tinha voltado do trabalho, e isso inquietou Munra um pouco, porque ultimamente acontecia com maior frequência Chabela desaparecer dois ou três dias seguidos, segundo ela a entreter os clientes, mas a cabrona nem o avisava. Procurou ligar o telemóvel para falar imediatamente com a sua

mulher e reclamar pelo abandono em que o mantinha, mas uma onda de náusea esteve quase a fazê-lo cair de cabeça no chão, quando se agachou para procurar o carregador do telemóvel junto à cama, por isso decidiu recostar-se mais um bocado, com o perfume da sua mulher impregnado nos lençóis, como se a grande cabra tivesse entrado à socapa de madrugada para o orvalhar com o seu perfume antes de se ir embora para a rua para continuar na sua vidinha, ou como se tivesse voltado enquanto ele dormitava e estivesse ali a contemplá-lo do umbral do quarto, uma sombra mergulhada naquele silêncio raivoso que assustava mais Munra do que os gritos, e por isso tinha começado a explicar-lhe o que tinha sucedido na noite anterior: querida, o estúpido do rapaz teve de pegar na Norma ao colo e levá-la, de tanto que ela sangrava; parecia morta, a cabra, e no hospital por pouco não nos cai a polícia em cima, paneleiros de merda, mas de repente deu-se conta de que estava a falar sozinho, de que não havia ninguém no quarto, de que a sombra que confundira com Chabela se tinha evaporado, e depois de pôr o telemóvel a carregar e de esperar que o aparelho se acendesse, descobriu que Chabela não lhe tinha mandado nem uma única mensagem de texto, nada, nenhuma explicação, nem sequer uma asneirada qualquer, a filha da mãe. Marcou o número dela; pressionou cinco vezes seguidas no botão para repetir a chamada e cinco vezes o telemóvel o enviou para o gravador de mensagens. Vestiu uma camisa e umas calças que encontrou no chão, procurou a muleta, que, sem saber como, encontrou metida debaixo da cama, e saiu para verificar se o rapaz continuava vivo e não se tinha vomitado todo na carrinha, e sim, continuava ali, encaracolado no assento do copiloto, com a bocarra aberta, os olhos semicerrados e os cabelos colados ao vidro. Mano, disse-lhe ele, batendo-lhe na janelinha com a palma da mão para o fazer reagir, antes de abrir a

porta. Aquilo estava que ardia. Como é que aquele cabrão podia aguentar o calor que se sentia lá dentro, o suor que lhe encharcava as roupas e lhe escorria pela testa? Mano, vamos curar a ressaca, disse Munra, ligando o motor, e o rapaz assentiu, sem sequer olhar para ele. Munra nem lhe perguntou se levava dinheiro; sabia que não, mas realmente precisava de um caldo e de uma cerveja para se refazer daquela enxaqueca latejante que começava a martelar-lhe o cérebro, e além disso queria que o rapaz lhe contasse bem a história do que tinha acontecido com Norma, embora não tenha tardado em arrepender-se de o ter convidado porque o raio do rapaz começou a pedir cervejas como se estivessem no Sarajuana, onde uma litrosa custava trinta paus, enquanto ali na tasca de tacos de Lupe la Carera cada garrafa de meio litro saía a vinte e cinco, mas valia a pena porque toda a gente sabia que a Lupe la Carera preparava o melhor consomê de borrego feito com carne de cão, embora na opinião de Munra tanto fazia que aquelas febras de carne sumarenta que ele mastigava pacientemente com os dentes que lhe restavam fossem de borrego, de cão ou de humano, a graça estava no molho que Lupe la Carera preparava com as suas santas mãozinhas, que lhe saía tão saboroso e estava cheio de propriedades curativas que em breve o fizeram sentir-se de novo como um ser humano, e até lhe deu uma esperança de que Chabela iria certamente regressar a casa a qualquer momento; se calhar estava só na cavaqueira com os clientes e não havia razão para imaginar cenas, nem andar a pensar que a cabra tinha decidido finalmente abandoná-lo, não é? E até ficou com vontade de ir a Villa e dar uma volta pela Concha Dorada para cumprimentar a malta e aproveitar o dia. Em contrapartida o raio do rapaz parecia mesmo deprimido, ali sentado com a cabeça inclinada e os braços caídos, com a tigela do caldo ainda por provar, a colher intacta em cima da mesa de madeira salpicada de

bocadinhos de cebola e de coentros, e mano, começou Munra a dizer, sentindo já no fundo das tripas a raiva que às vezes lhe dava ver o rapaz armado em parvo, todo idiota, e já nem sequer para ficar todo pedrado com a malta no parque ou nas *cantinas*, mas simplesmente para não ter de falar com ninguém, para não ter de ouvir ninguém, encerrar-se dentro de si mesmo e desligar-se do mundo, e Munra às vezes tinha vontade de lhe dar umas chapadas para o fazer reagir, mas sabia que não serviria de nada, que o rapaz já estava bastante crescido para saber o que fazia, nas confusões em que se metia, como aquela cena da Norma. Mano, disse-lhe ele, o que é que se passou com a tua gaja? Luismi descaiu mais os ombros e apoiou os cotovelos na mesa e começou a coçar a trunfa, e Munra insistiu: já chega, caralho, que merda foi aquela, o que é que aconteceu, e o rapaz, dramático como a estúpida da mãe, iguaizinhos os dois, suspirou profundamente e sacudiu a cabeça e depois esvaziou a garrafa de cerveja de um trago só e fez um gesto a Lupe la Carera para que lhe servisse a terceira — filho da puta, ali as de meio litro custavam vinte e cinco paus —, e esperou que lhe abrissem a garrafa para começar a contar a Munra o que aconteceu quando entrou na sala de urgências a perguntar por Norma e as enfermeiras se armaram todas em parvas e acabaram por levá-lo para um gabinete cheio de papéis onde uma senhora de cabelos pintados de louro se apresentou como a assistente social do hospital e lhe pediu os papéis de Norma, o seu registo de nascimento e o assento de casamento que comprovasse que ele e Norma estavam legalmente casados, e ele não tinha nada disso, é claro, e então a gaja disse que a polícia já estava a caminho para o prender, por violação de menores, sendo este o caso, porque sabe-se lá como é que no hospital ficaram a saber que Norma era menor de idade, que só tinha treze anos e... Munra engasgou-se com o golo de cerveja

que acabava de engolir e começou a tossir, escandalizado com o que o rapaz lhe estava a dizer, porque na verdade ele não fazia ideia de que Norma fosse tão nova, quase uma menina, caralho, nem se notava, caramba, talvez por ser tão gorda e cavalona. Vai mas é para a cona da tua mãe, mano, conseguiu ele articular quando por fim lhe passou a tosse: saíste-me cá um cara de caralho mais estúpido, como é que te passou pela cabeça meteres-te com uma miúda de treze anos, só por milagre é que não te meteram na prisa, sabes muito bem que não podes casar-te com uma miúda tão nova, cabrão, e o outro a jurar que sim, que podia, porque Norma não era uma menina, mas uma mulher e já suficientemente madura para decidir com quem é que se juntava, porque se não como era possível que a sua avó aos treze já estivesse casada com o pai da sua tia, a Negra, e Munra, a cofiar os bigodes: eh pá, mano, isso vale um caralho; isso era antes, agora as leis já mudaram, sua besta, já não se pode, agora nem com a autorização dos pais podes casar com uma rapariga tão novinha, por isso vê se entendes, com essa tipa já se acabou, esquece-a, é demasiado problema; de certeza que foi ela quem te atçou a assistente social, para que te lixassem, as gajas são assim, são mesmo umas filhas da puta, disse-lhe ele. Mas o raio do rapaz nem sequer o ouvia, só abanava a cabeça, negando tudo sem se pôr a pensar como devia ser: não, dizia ele, não posso abandoná-la, tenho de encontrar uma maneira de a tirar dali, de a salvar, porque a pobre coitada não tinha mais ninguém senão a ele; não podia defraudá-la, e menos agora que estavam à espera de um bebé, e ainda não sabia como, mas ia encontrar a maneira de a tirar daquele hospital para voltarem a estar juntos, e enquanto ele ia balbuciando aquelas parvoíces Munra olhava para ele em silêncio e pensava nas coxas cheias de sangue de Norma, e na grande mancha que ela tinha deixado no assento da carrinha, e duvidou seriamente que a miúda

continuasse grávida, se é que realmente alguma vez esteve, se é que a barriga que ela tinha não estava só cheia de lombrigas; malditas gajas, não há uma única que não goste de fazer esse tipo de dramas para amarrar os homens e lixá-los, embora tenha tido o cuidado de não expressar estas suspeitas em voz alta, porque afinal de contas estava-se nas tintas para toda aquela confusão: nem Norma, nem Luismi, nem o suposto filho dos dois eram um problema dele; o raio do Luismi já era suficientemente crescidinho para Munra ter de andar a amamentá-lo, a tomar conta dele, a dizer-lhe o que devia ou não devia fazer, além de que no passado o sacana do rapaz não tinha feito outra coisa senão desprezar os conselhos que ele tentara dar-lhe desinteressadamente, para acabar por fazer sempre o que lhe dava na real gana em vez de ouvir as sábias palavras do seu padraсто. Igualzinho a Chabela. Eram ambos igualmente teimosos. Pior que mulas, caralho, e ainda por cima soberbos: uma pessoa não podia dizer-lhes nada, era sempre tudo motivo de discussão, e tinha sempre por acabar por ceder, a fazer cara de parvo e até a pedir desculpas por os ter ofendido. Como daquela vez, um ano antes, em que Munra conseguiu o trabalho de promotor do candidato à Câmara de Villagarbosa, onde o Partido, ou seja, o próprio governo, lhe dava dinheiro vivo por cada pessoa que ele levasse para se filiar na campanha, e onde, aliás, tinha feito amizade com pessoas da política, pessoas importantes que o reconheciam na rua e o cumprimentavam com um aceno e lhe chamavam Don Isaías, e não Munra, como a maior parte dos da sua laia lá na terra, e até se tornou meio famoso durante uns tempos porque um dia o próprio Adolfo Pérez Prieto, então candidato à Presidência da Câmara de Villagarbosa, pediu para tirar uma foto com ele, com Munra, que naquele dia ia vestido com a sua *t-shirt* com o logo do Partido e o seu boné com o nome de Pérez Prieto, e alguém até tinha arranjado

sabe-se lá onde uma cadeira de rodas onde o sentaram para que Pérez Prieto aparecesse a empurrá-lo na foto, os dois a sorrir, e nunca antes Munra tinha visto uma fotografia tão grande da sua cara como a que depois puseram num cartaz enorme na estrada, à entrada de Villa, vindo de Matacocuile, e que dizia qualquer coisa como «Pérez Prieto, sim, cumpre», e efetivamente tinha cumprido porque lhe ofereceram a cadeira de rodas depois de tirarem a foto, apesar de Munra não gostar das cadeiras, sentia que o faziam parecer um inválido de merda, um ser decrépito que não podia nem mexer-se quando na realidade até podia caminhar bastante bem, mesmo sem muletas, porra, não precisava de nada, pois ali estavam as suas duas pernas inteiras, uma ao lado da outra, a esquerda só um bocadinho mais torta, não é verdade? Um bocadinho mais curta que a outra e como que metida para dentro, mas bem viva, porra, bem inserida e colada ao seu corpo, não? Ele na realidade não precisava de nenhuma cadeira de rodas, pois não? Por isso é que a tinha vendido; já lhe chegava a muleta e a carrinha que o levava a todo o lado que ele queria, e afinal de contas era uma pena que aquele trabalhinho só tivesse durado seis meses, porque tinha conseguido bom dinheiro e ainda por cima só a andar por ali nos eventos políticos a aplaudir tudo o que Pérez Prieto dizia, com matraca e martelinhos e *chiquitibum* e *bimbombá*, Pérez Prieto, Pérez Prieto, *ra ra*, e pronto, a sério: só por fazer aquilo os do Partido davam-lhe duzentos paus por dia e mais duzentos paus por cada pessoa que ele levasse para se registar, além da comida a granel que entregavam todas as semanas, mais ferramenta para o campo e até material de construção, e isso apesar de Munra nunca na vida ter votado em alguém, talvez por isso lhe tenha parecido fácil tentar convencer Chabela a também ela entrar para promotora do voto, que ali no Excálibur, entre as gajas que ela controlava e os clientes, podia sacar muitas filiações e

arranjar uns trocos extras que não pareceria mal a ninguém, não era? Mas Chabela levou aquilo a mal; como se em vez de ele lhe estar a dar um conselho, ele lhe tivesse dito: Chabela, vai para a cona da tua mãe; indignou-se tanto com ele que se pôs a gritar no meio da rua que devia estar maluco, que era um grande idiota e um operado ao cérebro se julgava que ela, ELA, ia andar a pedinchar com a cambada do Partido como tu, Munra de merda, não tens vergonha, nem dignidade, nem um pingo de vergonha, cão maldito, a única coisa que sabes fazer é meter pena; vai para a cona da tua mãe se julgas que eu tenho tempo para andar a cheirar os peidos do cabrão do Pérez Paneleiro, e foi mesmo assim, do lado de fora da Concha Dorada, com as pessoas que passavam pela rua a morrerem de riso por causa deles, dos insultos e das asneiras de Chabela, e Munra tivera de engolir a raiva, porque já sabia que era inútil, ou antes, suicida, tentar discutir em público com a sua mulher: qualquer coisa assim como engolir uma granada despoletada. Por isso não disse nada, mas prometeu a si mesmo que nunca jamais na vida voltaria a convidá-la para o que quer que fosse, que não voltaria a comprar-lhe ponta de um corno com aquele dinheirinho que ganhara honradamente nas campanhas; ela que se fodesse, a estúpida da Chabela, grande cabra, miserável e convencida. Mas o que nunca esperou foi que Luismi se pusesse também armado em bom e com a mesma cantilena que a mãe, porque aquele cabrão, para variar e não perder o costume, estava sem trabalho e sem dinheiro e nem sequer sabia o que queria fazer da vida, e Chabela passava a vida a moer-lhe o juízo, dizendo que ele nunca tinha dinheiro, que nunca lhe dava para a casa nem lhe pagava a renda e até quando é que o cabrão pensava viver às suas custas, se já tinha dezoito anos e já era mais que altura de ser ele a ganhar dinheiro para a manter a ela, à sua mãe, que o pariu com tanta dor e sacrifício, tirá-la do trabalho

em vez de passar os dias ali metido com a Bruxa, ou nas *cantinas* da estrada, ou no parque de Villa com os outros vadios, gastando o pouquinho dinheiro que arranjava na porcaria dos vícios. Foi por isso que Munra se entusiasmou a convidar o rapaz para a campanha: vai lá, olha, disse-lhe ele, é bom para ti, é só até às eleições; nem sequer tens de votar no cabrão do Pérez Prieto se não quiseres, a questão é só ir aos eventos e verem-te com a multidão, é só estar ali para ver o que é que é preciso fazer, e o rapaz teimava que não, que não queria, que a porcaria da política era uma merda e que ele não queria andar a rebaixar-se por três miseráveis pesos, que preferia aguentar-se até conseguir o trabalho da Companhia que lhe tinham prometido: o malfadado trabalho da Companhia, um raio de um sonho estúpido que ninguém sabia onde o rapaz o tinha ido buscar, de que lhe iam dar trabalho nos campos petrolíferos de Palogacho, um trabalho de técnico, segundo ele, com todas as regalias que o sindicato dos petrolíferos concedia e tal, e por mais que Munra tivesse tentado fazê-lo entrar na razão, por mais que tentasse fazê-lo entender que aquilo nunca aconteceria, pois havia anos que a Companhia Petrolífera não contratava ninguém que não fosse parente direto ou recomendado dos líderes sindicais e, além disso, o raio do rapazola não sabia nada de poços nem de petroquímica, pois nem a secundária tinha acabado, e para cúmulo estava magro que nem um cão e não pesava nem metade do que pesavam os barris que supostamente teria de acartar, mas nada, de nada serviu que Munra tentasse fazê-lo entender que a promessa daquele trabalho era só uma peta, uma ilusão que ele fazia mal em alimentar, e tudo por causa do tal amigo engenheiro que lhe dizia que o meteria na Companhia. Aquilo não passava de uma treta que o rapaz tinha engolido inteira, caramba; só devaneios mentais que no fim lhe saíam muito caros porque por andar agarrado à esperança de que o

engenheiro cumprisse a palavra, o raio do rapaz deixou passar uma série de boas oportunidades que lhe surgiram nesses anos, como aquela oferta que um cliente de Chabela lhe fez, um senhor que, segundo ela, era dono de uma frota de reboques e que um dia ouviu Chabela queixar-se do filho chulo, mandrião e inútil que tinha porque não conseguia encontrar trabalho, e o tipo disse-lhe que tinha ficado precisamente sem ajudante para a viagem à fronteira que iria empreender dali a pouco, porque é que ela não dizia ao rapaz que fosse ter com ele no dia seguinte, logo de manhã cedo, para ver se gostava do trabalho e se tinha boas capacidades, talvez até pudesse ajudá-lo a tirar a carta e o rapaz pudesse começar a trabalhar como motorista para ele, e Chabela chegara muito emocionada naquela manhã, feliz porque, pobre coitada, pensava que por fim tinha encontrado a maneira de se libertar do zangão do filho, mas o grande cabrão disse que não, que nem morto, que aquele trabalho de ajudante não lhe interessava, que ele não queria ser camionista, que preferia esperar que o seu amigo engenheiro lhe desse a oportunidade de entrar para a Companhia, e Chabela passou-se dos carretos com ele: até lhe rompeu a camisa de tanto puxar por ela e de lhe bater ao mesmo tempo que gritava que ele era um calão igual ao pai, um merdas como ele, um maldito chulo que valia mais morto que vivo, e a coisa pôs-se tão feia que por momentos Munra julgou que o rapaz acabaria por se virar contra Chabela, pelo olhar de louco que tinha feito e pela forma com que ergueu os punhos para se defender, mas felizmente não aconteceu nada, e ainda bem, porque a última coisa que Munra desejava era ter de se meter na contenda daqueles dois: havia anos que tinha aprendido que o melhor era deixá-los gritar tudo o que queriam, como dois cães furiosos que não entendiam razões, que não soltam a presa enquanto não a dilaceram por completo. Não ia ser estúpido a ponto de se meter e

arriscar que os estúpidos lhe dessem uma dentada, não, nem pensar; que se fodessem, se de uma maneira ou de outra acabavam a fazer o que lhes apetecia; para quê perder tempo a explicar ao rapaz como ganhavam bem os camionistas e a quantidade de gajas e de lugares que têm oportunidade de conhecer, e como esses cabrões nunca ficam muito tempo no mesmo lugar, como estão sempre a movimentar-se por todo o país e não ficam presos numa porcaria de uma terra merdosa debaixo de um calor insuportável; que razão tinha para lhe pintar tudo com cores bonitas se no fim o cabrão acabava a dizer a parvoíce de que não podia ir-se embora porque continuava à espera que lhe caísse do céu aquele trabalho na Companhia, e Munra não podia crer que o puto fosse tão estúpido a ponto de acreditar que aquilo era verdade, de confiar tão cegamente na promessa de um estranho, porque finalmente, quem era esse engenheiro que segundo ele era seu amigo? Porque é que um tipo tão cheio de nove horas e tão influente queria ajudar o raio de um puto que não era bom em nada, que nem sequer seu parente era? Esteve várias vezes quase a perguntar de chofre o que era que o tal engenheiro lhe pedia em troca de semelhante favor, como era que o rapaz lhe ia pagar um favor assim, mas como intuía qual era a resposta, o melhor era fazer-se de parvo. A ele que raio lhe importava isso? Aquilo até já o cansava. Era lá com ele se queria engolir toda aquela patranha, era lá com ele se não queria aceitar que aquilo era uma treta do engenheiro a que ele chamava amigo, que para cúmulo tinha deixado de responder às chamadas que ele lhe fazia há uma data de meses; era lá com ele se queria continuar a acreditar no Pai Natal e nos Reis Magos, porque no fim de contas cada um faz nesta vida como quer e como pode, não é verdade? E ele que direito tinha de andar a meter-se na vida do rapaz? Nenhum, não é verdade? Olha, que fizesse o que quisesse, já era crescido para

andar a acreditar que a vida era como a televisão, como os contos de fadas, e mais cedo ou mais tarde ele sozinho haveria de perceber que aquele trabalho na Companhia Petrolífera não passava de uma ideia mirabolante, tal como por fim também teria que aceitar que a história dele com Norma era para esquecer: o raio da pita já era problema do hospital e do governo, e o que Luismi devia fazer era deixar-se de tantas tretas e conseguir uma gaja a sério: uma mulher e não uma miúda com as fraldas ainda agarradas como a parva da Norma, uma cagadinha que assim que sentiu o cu apertado atirou o marido aos leões; isso é uma merda, mano, tretas de miúda parva que anda só a brincar às casinhas. Olha: arranja uma gaja a sério, uma que saiba cuidar de ti, que saiba trabalhar, como a Chabela. E Luismi, com os olhos vermelhos de chorar, ali mesmo na tasca dos caldos, respondeu-lhe, quase a gritar, que não pensava abandonar Norma nunca, e que preferia morrer a que os separassem, e até Lupe la Carera desviou os olhos da grelha para ficar a olhar para o rapaz com cara de: mas que merda é essa? Pronto, pronto, murmurou Munra desconcertado. Desde que o conhecia que sabia que aquele puto se estava nas tintas para a vida; não havia maneira de se interessar por alguma coisa, nada a não ser os seus comprimidos e andar na farra. Pronto, pronto, repetiu ele, e, subitamente inspirado, apontou com um dedo e expressão trocista para o rapaz: está-me cá a parecer, disse-lhe ele, e Luismi pôs-se logo na defensiva. O quê?, gritou ele, o que é que te está a parecer, caralho? Está-me cá a parecer que a cabra da Norma te deu água do cu lavado. Cona da tia, murmurou Luismi. Não te armes em parvo, troçou Munra; sabes do que é que eu estou a falar. Sabes muito bem como são as gajas quando nos querem amarrar: agarram numas gotas do sangue porco delas e sem nos apercebermos deitam-nas na água ou no caldo de um gajo, ou então põem-nos uma gotinha no calcanhar quando

estamos a dormir, e isso é suficiente para ficarmos bem caidinhos por elas, assim como tu estás pela Norma, estás a ver? E há tipas que ainda são mais filhas da puta e vão ao monte para apanhar *toloache*, uma flor em forma de trompeta que cresce rente ao chão na época das chuvas, e com essas flores fazem um chá que nos deixa totalmente apalermados e dominados, rendidos aos seus pés como escravos, sem que a gente saiba que raio é que se passou. Não finjas que não sabes do que é que estou a falar, a tua mãe até passa a vida a contar as bruxarias que as tipas do Excálibur fazem aos gajos para os deixarem aparvalhados e poderem roubá-los ou para que fiquem obcecados por elas e lhes ponham casa e as tornem mulheres decentes. Mas o rapaz, que finalmente tinha começado a ouvi-lo com qualquer coisa parecida com atenção, só abanava a cabeça e dizia que não, que Norma não era assim, que Norma nunca seria capaz de lhe fazer essas coisas, e Munra riu-se da inocência do rapaz: são todas iguais, caralho; são todas manhosas, capazes das piores merdas só para nos terem ao lado delas, e no fim o rapaz acabou por ficar chateado e a partir daquele momento encerrou-se num mutismo fechado e rancoroso do qual Munra já não conseguiu tirá-lo, nem levando-o depois ao Sarajuana nem pagando-lhe outra rodada daquela cerveja morna de merda que já era uma espécie de tradição da *cantina*, ou então por causa do velho frigorífico do tempo da Maria Cachucha, de quando a Sarajuana debutou como rainha do Carnaval de Villa; do tempo em que as galinhas tinham dentes. Ó filha, voltou Munra a dizer à neta da Sara, pela enésima vez, porque é que não te pões a picar gelo e metes ali as cervejas desde cedo, para já estarem bem geladas quando eu chego? A rapariga já conhecia Munra e limitava-se a dar estalos com a língua e pôr a mão na cintura antes de responder: para um cara de cu, como tu? Se não gostas, a porta é bastante larga, e Munra mandava-a para

a cona da tia com um gesto do braço, mas nenhum dos dois se ofendia realmente porque ambos sabiam que Munra acabaria sempre por regressar à *cantina*, e não era por a rapariga lhe ter feito bruxaria, mas porque era a *cantina* mais perto da sua casa: quinhentos metros de terra batida apenas, nem sequer era preciso dar a volta, bastava entrar na carrinha e avançava tudo a direito e já estava em frente da sua casa, sem ter de apanhar a estrada, sem ter de se expor a ter outro acidente como o que quase lhe custou a perna, em 2004, a 16 de fevereiro de 2004, era impossível esquecer: aquele camião que quis dar a volta em U sem luzes para os lados de San Pedro, filho de uma grandessíssima puta; Munra ia tão bêbado que nem o viu e esbarrou contra ele e os ossos da sua perna ficaram em pó; os médicos disseram que iria ficar pernetta, e ele disse que não, que nunca na vida, que não se importava que a pata ficasse torta ou que lhe faltassem bocados de osso, que a sua pata era só dele e que ninguém lha ia cortar, e os médicos disseram que não, senhor, que não se podia; que aquela perna já nunca iria servir-lhe para nada de qualquer forma, e que além disso representava um risco de infeção demasiado alto, mas Munra teimou e com a ajuda de Chabela fugiu do hospital um dia antes de lha cortarem, e no fim fez com que todos os cabrões dos médicos engolissem em seco, porque a pata não se infetou nem apodreceu, só ficou um bocado metida para dentro, não foi?, como que dobrada a partir do pé, mas mesmo assim conseguia caminhar, até sem as muletas conseguia dar uns bons passos, não é verdade? Não era a mesma coisa que ter de ficar agarrado a uma cadeira de rodas, não é verdade? E, além disso, tinha a carrinha; tinha-a comprado a um velhote em Matacocuite que a trouxera do Texas, saiu-lhe bem barata, trinta mil paus, metade do que lhe deram os da empresa do camião que o atropelou como compensação pelo acidente. Aquela carrinha tinha-lhe saído

bastante boa e quando andava nela pela estrada a cem à hora nas retas com as janelas abertas e a ver tudo lá de cima, que nem um garanhão, era um pouco como se o acidente nunca tivesse acontecido, como se ele ainda fosse o mesmo gajo que andava por toda a costa de moto, a levar expediente entre as agências da costa, o cabrão que dançava salsa até amanhecer e que agarrava em Chabela e se montava nela e lhe calava o focinho com beijos e a espetava contra a parede até ela se vir à grande, a grande vaca, onde é que ela estava, caralho? Por que raio é que não falava com ele? Nenhum cliente ficava três dias no Excálibur, ela que não viesse com cantigas; para começar, não havia ali assim tantas gajas, e nem eram assim tão boas como isso. Teria ido com algum cabrão a Puerto, sem o avisar? Não seria a primeira vez que a cabrona fazia isso, no Natal do ano anterior tinha acabado em Guadalajara, a grande puta, segundo ela a bulir, trabalho é trabalho dizia ela sempre e Munra geralmente estava de acordo, mas aquilo já era demais, aquilo já lhe cheirava mais que aquela filha da mãe estava fechada num quarto do Paradiso, com umas garrafas de uísque e a snifar branquinhas com o conas do Barrabás, a mamar-lhe a verga só por prazer, e que era por isso que cada vez que lhe ligava para o telemóvel lhe respondia uma gravação que recitava o número que marcou encontra-se desligado ou fora da área de serviço, e já era de noite e Munra estava demasiado bêbado para pensar em dar uma voltinha pela parte da frente do estacionamento do Paradiso, para ver se via a carrinha *Lobo* do conas do Barrabás, nem que os rufias que o acompanhavam para todo o lado o torcessem, meia dúzia de cabrões com chapéu, de maxilares tortos e olhos assassinos, e quando deu por si já tinha entrado na carrinha e ia lançado para sua casa. Que a Chabela fosse pró caralho, pensou, e quase caiu ao sair e nem sequer se despiu para se deitar, só se deixou cair de bruços em cima da cama, por

cima dos lençóis revoltos e dos sutiãs e das escovas do cabelo de Chabela e teve um sonho que o fez acordar pouco antes do amanhecer, um sonho em que ele era um fantasma que caminhava pelas ruas da povoação a querer falar com as pessoas, mas estas não lhe ligavam nem davam pela sua presença porque não conseguiam vê-lo, ninguém conseguia vê-lo, era um fantasma e só as crianças pequeninas o viam e, quando ele falava com elas, choravam assustadas e Munra ficava muito triste; e de repente as ruas desapareciam e ele estava a caminhar pelo monte e atravessava colinas e florestas, prados e campos de cultivo, e quintas desoladas até que de repente chegava a outra povoação e vagueando pelas ruas dava com uma casa muito conhecida, a casa da sua avozinha Mircea, e entrava pela cozinha, que estava sempre aberta, e espreitava para a sala e ali estava a sua avozinha, sentada na sua cadeira de baloiço, como a recordava sempre, como se não estivesse morta havia mais de vinte anos, porque no sonho ele era o morto e a avó estava viva e, embora ela também não conseguisse vê-lo, tinha a capacidade de o sentir, e até de o ouvir, mas pouquinho, como que de muito longe, e Munra desesperava porque tinha algo muito importante para dizer à avó, algo de que não conseguiu lembrar-se quando acordou, mas que no sonho era realmente urgente, algo de que devia avisá-la a qualquer custo, mas que não conseguia comunicar-lhe porque já só podia falar na língua dos mortos e ela não o entendia, apesar de ele esfalfar a voz a tentar fazê-la compreender, e a avó, que na realidade era uma santa, sempre tão sensível, tão luminosa, a sua avó que descansa em paz, dona Mircea Bautista, sorria-lhe e dizia-lhe para se acalmar, que não se preocupasse, que tinha de ser muito bom e estar muito tranquilo para que em breve pudesse ir para o céu, com uma voz calma e serena que deixou Munra muito triste quando por fim acordou, com

o cheiro da pomada que dona Mircea passava a vida a pôr nas mãos, ali colado ao seu nariz, embora estivesse perfeitamente consciente de que se encontrava na sua cama, no quarto que partilhava com a sua mulher, e de que tinha as costas encharcadas de suor que ele sentia como frio apesar do calor fechado que estava naquele quarto. Queria continuar a dormir, mas o ar pesado e uma dor de cabeça que aumentava de intensidade à medida que os minutos iam passando obrigaram-no a levantar-se dali a pouco tempo, despir-se até ficar só em cuecas e, apoiado na muleta, saiu do quarto e entrou na casa de banho e depois foi direito ao pátio para tomar um banho de púcaro junto ao bidão de água limpa. Estava a enxaguar o sabão quando viu de repente o rapaz passar, descalço e sem camisa, sujo como se tivesse andado a rebolar na terra, a caminhar aos tropeções direitinho à parte de trás do terreno, atrás da casa dele, onde Munra não podia vê-lo; e ali ficou um bom bocado, porque Munra até teve tempo de se enxaguar e entrar em casa, secar-se e vestir umas cuecas lavadas e voltar a sair para o pátio, atravessar o terreno até ao quarto do rapaz e ver o que é que ele estava a fazer ali parado atrás da sua casita, a olhar para um buraco aberto na terra, uma vala com cerca de meio metro de profundidade que o rapaz contemplava como que pasmado, sem se aperceber sequer da presença dele a seu lado, porque quando Munra disse por fim: quéqueéisso, pá?, o rapaz respingou e virou-se para olhar para ele com cara de espanto, como se Munra o tivesse surpreendido a fazer alguma coisa proibida, mas aquela cara durou-lhe um ou dois segundos no máximo porque a seguir pareceu recompor-se e abriu a boca e disse: nada, e Munra desviou o olhar para o buraco e depois poisou-o nas mãos do rapaz, sujas até aos cotovelos, com as unhas negras da terra que seguramente ele próprio tinha escavado com as mãos. O que é que o estúpido do puto terá desenterrado?, interrogou-se Munra, e talvez

por na sua memória persistir a recordação do seu sonho, lembrou-se de que uma vez, havia muitos anos, quando ele ainda era muito pequeno e vivia com a mãe em casa da sua avozinha Mircea em Gutiérrez de la Torre, uma vizinha, uma senhora já de uma certa idade que vivia na casa ao lado, mandou mudar a tubagem da sua casa e os homens que escavaram em frente da entrada encontraram uma coisa a que a sua avó chamou um trabalho, um trabalho de bruxaria: um frasco de maionese daqueles bem grandes com um sapo imenso a flutuar lá dentro, um sapo morto e meio decomposto que nadava num líquido turvo juntamente com um par de cabeças de alho e uns ramos de ervas, e sabe-se lá que mais outras porcarias que Munra já não conseguiu ver porque a sua mãe tapou-lhe os olhos e levou-o dali, mas mesmo assim ele começou a sentir uma dor de cabeça tremenda e a avó ainda teve de o limpar com uns ramos de manjerição e um ovo que lhe passou pela testa e que depois partiu e estava todo podre por dentro, e explicou-lhe que aquela coisa tão feia que os homens tinham desenterrado era um trabalho que alguma pessoa malvada tinha posto ali para fazer bruxaria aos vizinhos; que, graças a um poderoso malefício, o sapo entrava no corpo da pessoa que tinha o azar de pisar o sítio onde o trabalho estava enterrado e que, uma vez dentro da pessoa, aquele sapo começava a comer os órgãos do embruxado, a enchê-lo de imundícies até o matar, e Munra, que nessa altura era um miúdo de uns cinco ou seis anos, não se lembrava bem como, mas depois ficou a saber que o marido daquela senhora tinha morrido meses antes por causa de uma doença que ninguém soube bem o que era, qualquer coisa do fígado, diziam, e Munra ainda esteve um bom bocado com as dores de cabeça que a sua avó lhe aliviava passando-lhe molhos de manjerição pelo corpo e esfregando-lhe álcool nas têmporas, e às vezes tinha dificuldade em dormir porque não

conseguia evitar pensar que se calhar ele a brincar ou a fazer algum recado talvez tivesse pisado o trabalho enterrado, e que se calhar naquele mesmo momento aquele animal repugnante lhe devorava o cérebro por dentro e não tardaria a matá-lo, se bem que com o tempo se tenha vindo a esquecer daquela angústia, tanto assim que não tinha voltado a lembrar-se de tudo aquilo senão quando viu o buraco que o rapaz seguramente tinha raspado com as unhas, e com a sensação de que talvez ainda não tivesse acordado, de que continuava preso naquele estranho sonho onde ele já estava morto e convertido em alma penada, voltou a perguntar ao rapaz o que era aquilo, já não por lhe interessar a sua resposta — Munra já estava convencido de que aquilo era um trabalho de bruxaria, não havia outra explicação —, mas sim para ter a certeza de que o rapaz o ouvia e verificar assim que não continuava preso naquele horrível sonho, mas como Luismi só olhava para ele com cara de parvo, como se não o reconhecesse, Munra teve de levar uma mão à orelha para se beliscar e verificar que estava acordado, que não estava morto, e sentiu-se um bocadinho melhor. Queima-o, ordenou ele ao rapaz. Seja o que for que encontre aí dentro, queima-o. E o rapaz apontou para uma lata chamuscada que estava ao pé de uma palmeira próxima e disse, com uma voz irritante e a língua como que entumecida por causa dos comprimidos, que sim, que já o tinha queimado, no interior daquela lata, e que acabara precisamente de atirar as cinzas ao rio; que tinha sido porque de noite tinha ouvido barulhos atrás da sua casinha e quando saiu para ver o que era deparou com um cão ali fora, um animal enorme e branco como um lobo, a raspar no sítio do buraco, e que tinha sido assim que o encontrara, e Munra deu um passo atrás porque embora se sentisse um pouco mais tranquilo por não estar preso naquele sonho e por já não haver nenhum sapo embruxado no buraco, de todos os modos

parecia-lhe que um pouco da malignidade daquele feitiço persistia no ar: sentia o seu peso sobre as têmporas, ele que sempre fora tão sensível a essas coisas. Não devias ter-lhe tocado com as mãos, disse ele ao rapaz; agora tens de te lavar. O melhor será sairmos daqui até que os miasmas se dispersem, propôs-lhe; não vá a coisa correr mal. A verdade é que Munra também tinha urgência em sair da casa para verificar se era verdadeira ou não a sua suspeita de que Chabela estava no motel Paradiso com o cabrão do Barrabás, e por isso ordenou ao rapaz que se preparasse enquanto ele voltava a casa para acabar de se vestir e agarrar nas chaves da carrinha, no telemóvel e no dinheiro que lhe restava. Mas quando saiu para o caminho apercebeu-se de que o rapaz não o tinha ouvido: estava ali parado junto ao veículo, segundo ele já pronto para sair, mas ainda todo sebento, a feder que nem um chibo, descalço e com a cara tismada de cinza. Munra teve de lhe dizer: Eh pá, mano, eu assim não te levo a lado nenhum; cheiras mal como o caralho, não me fodas, pelo menos lava os sovacos. E o rapaz foi até ao barril e meteu a cabeçorra na água limpa, como um cavalo, e ficou ali um bom bocado a mergulhar a cabeça, até a maior parte da porcaria lhe escorrer, e depois Munra teve de lhe emprestar uma *t-shirt* porque o cabrão já não tinha roupa limpa, mas tudo aquilo fora para sair um bocado daquela casa, pôr-se em movimento, pensou Munra, procurar Chabela, mas antes disso emborcar uma cerveja com *clamato* no Sarajuana, que acabou por estar fechado porque como a neta da Sara os informou quando lhes abriu a porta em camisa de dormir, ainda nem tinham dado as nove e devem estar a gozar comigo, bêbados de merda, e já não tiveram outro remédio senão atravessar a estrada e entrar em El Metedero, onde as empadas de caranguejo que lhes ofereceram para acompanhar a bebida estavam duras e gordurosas, mas a cerveja estava bem gelada e o barulho da

música acalmava Munra porque o impedia de pensar fosse no que fosse, mas não percebeu o que é que o rapaz tinha pois a seguir à primeira rodada ficou como que todo acelerado e até se aproximou mais de Munra para poder expressar-lhe, por cima do estrondo das buzinas, uma série de queixas e de choraminguices sobre como se sentia mal ultimamente, com todas as coisas foleiras que lhe estavam a acontecer, algo realmente estranho porque por norma o rapaz nunca lhe contava as suas mágoas, mas ali estava o cabrão a choramingar-lhe ao ouvido com o hálito envinagrado o muito que estava a sofrer, como se sentia maldito e com pouca sorte, que nada lhe corria bem e ainda por cima a acontecer aquilo à Norma e tirarem-lha assim sem mais nem menos, sem lhe dizerem como estava a pobre coitada nem o que ia acontecer-lhe a ela e ao bebé, para onde os levariam e se algum dia poderia voltar a vê-los, e além disso havia também aquele emprego da Companhia e o seu amigo engenheiro que tinha desaparecido havia meses e já não lhe atendia as chamadas, e tudo aquilo tinha acontecido precisamente depois de ter brigado com a Bruxa, no princípio daquele ano, por causa de um dinheiro que a aquela puta maluca dizia que ele lhe tinha roubado, mas não era verdade, alguém lho roubara a ele, ou tinha-o perdido no meio da malukeira, mas a Bruxa não quis acreditar e tinha-o mandado para o caralho, e agora certamente estava a fazer-lhe uma bruxaria qualquer, a ele e a Norma, para os destruir, e Munra só tinha olhares nervosos para o ecrã do seu telemóvel, e voltava a cara para a pista, não porque as gajas porcas que dançavam com as carinhas agarradas realmente lhe interessassem, mas sim porque a simples menção da Bruxa o punha nervoso e maldisposto, e o estúpido do rapaz sabia isso muito bem, sabia muito bem que Munra detestava ouvir os pormenores das relações que os rapazes da terra tinham com esse grande paneleiro. Que necessidade tinha ele de

saber aquelas coisas, de ter aquela merda metida na cabeça, não é verdade? Como ele dizia sempre a Chabela, olha, filha, ainda bem que os teus clientes são pessoas finíssimas, são todo uns cavalheiros da treta, mas a mim não me contes, não me dês nenhum pormenor, não quero saber como é que se chamam, nem de onde são, nem se a têm grossa ou fina ou mole ou torta ou de duas cores, porque a estúpida da Chabela queria sempre contar-lhe as coisas do trabalho, e acerca dos cabrões com que se metia e sobre as brigas com as outras gajas que trabalhavam no Excálibur, mas Munra não gostava; ele o que queria era estar tranquilo; que ela fizesse o que tivesse de fazer e que Deus a abençoasse por isso, mas a mim não me contes nada, Chabela, tinha ele de lhe dizer a toda a hora, e com o rapaz nunca tinha tido necessidade de lhe pedir que não lhe contasse nada porque geralmente o seu enteado era um sujeito reservado, mas naquele dia, com aquela aceleração tão estranha que tinha, nunca mais se calava, e Munra, para o fazer mudar de assunto, para fugir das imagens que começavam a formar-se-lhe na cabeça, levantou-se de repente e levou o telemóvel ao ouvido, como se este tivesse tocado, e disse a Luismi: espera só um bocadinho, e agarrou na muleta e saiu de El Metedero, supostamente para ouvir melhor a chamada, e lá fora, refugiado na sua carrinha, aproveitou para ligar à sua mulher, mas o número continuava desligado. Maldita Chabela, de certeza que andava metida com o cabrão do Barrabás, apostava que era isso, apostava que naquele momento estavam os dois a dar ao rabo no motel Paradiso ou noutro ninho de ratos qualquer da estrada ou talvez ali mesmo no interior da carrinha de Barrabás, filho de uma grande cabra, e a outra puta de merda o que é que julgava: Que Munra era estúpido? Que não se dava conta de nada? Que podia chegar três dias depois a casa e dizer que tinha estado a trabalhar e que estava tudo na boa? E sem pensar duas vezes entrou

na carrinha e com o acelerador a fundo conduziu os dez quilómetros que o separavam do motel Paradiso, que estava vazio, completamente vazio, coisa rara em final de quinzena, e sem parar para perguntar fosse o que fosse prosseguiu durante vários quilómetros até chegar à entrada de Matacocuite, onde se erguia a mole de cimento pintado de rosa mexicano do Excálibur Gentleman's Club, em frente do qual também não estava estacionada a famosa carrinha do filho da puta nortenho, nem havia qualquer sinal dos malandros de chapéu que andavam sempre à volta do Barrabás, nada, até a persiana de metal da loja estava fechada, embora sem cadeados, e Munra suspirou aliviado porque no fundo sabe-se lá se realmente teria tido tomates para puxar Chabela pelos cabelos para a arrancar da maratona de coca em que certamente andava sem que ela lhe sacasse os olhos com as unhas ou lhe rebentasse os tomates a pontapé, quanto mais enfrentar os jagunços armados de Barrabás. Passou ao largo sem parar, deu meia-volta, entrou na bomba de gasolina, agarrou no telemóvel e começou a teclar a mensagem mais cruel, dolorida, cheia de ódio e rancor que alguma vez um homem dedicara à sua mulher, uma mensagem terrível que a faria cagar-se e mijar-se e chorar de arrependimento por o ter tratado daquela maneira, mas antes de poder enviá-la o aparelho vibrou-lhe nas mãos e ele quase o deixou cair ao chão da carrinha com a surpresa, e por segundos pensou que se tratava de Chabela, mas era só uma mensagem do raio do rapaz, uma mensagem que dizia: vai mais outra rodada, a que Munra respondeu: onde estás?, e por sua vez, o rapaz: no parque de Villa. Munra olhou para o indicador do combustível e pensou que o mais sensato seria regressar a La Matosa e pedir fiado um litro de aguardente a dona Concha e emborcá-la inteira na cama enquanto esperava pelo regresso de Chabela até perder a consciência ou

morrer, o que acontecesse primeiro, e nisto tocou novamente o telemóvel e era outra vez o raio do rapaz que dizia que tinha conseguido dinheiro, que lhe pagaria a gasolina para que lhe fizesse o favor de o levar a um trabalhinho, pelo que o declarante entendeu que o seu enteado precisava que ele lhe fizesse o favor de o levar a um lugar onde pudesse conseguir dinheiro para continuar a beber, proposta que o declarante aceitou, pelo que dentro da sua carrinha fechada marca *Lumina*, cor azul-acinzentada, modelo de mil novecentos e noventa e um, com matrículas do estado do Texas *erre gê xis* quinhentos e onze, se dirigiu ao ponto de encontro indicado, precisamente os bancos do parque em frente do Palácio Municipal de Villa, onde se encontrou com o seu enteado, que estava acompanhado por outros dois sujeitos, um dos quais conhecia pela alcunha de Willy, de ofício vendedor de filmes no mercado de Villa, de aproximadamente trinta e cinco ou quarenta anos, de cabelo comprido, preto com alguns brancos, e que estava vestido, como é seu costume, com *t-shirt* de padrão roqueiro e botas militares pretas, dessas que dizem ser de biqueira de aço, e a outra pessoa era um rapaz que ele só sabia que lhe chamavam o Brando, mas não sabia se era alcunha ou o seu nome verdadeiro, com cerca de dezoito anos de idade, magro, olhos escuros e cabelo escuro curtinho e aparado, moreno claro, bermudas cor de café e *t-shirt* do Manchester com o número do Chicharito nas costas, além do seu enteado, cuja descrição já fez, e foi na companhia destas três pessoas que esteve a conviver durante aproximadamente duas horas, lapso no qual se entretiveram a ingerir na via pública vários litros de uma bebida de sabor a laranja com aguardente de cana que o rapaz chamado Brando levou já preparada num garrafão de plástico, bem como um cigarro de marijuana e eles, isto é, Luismi, Brando e Willy, consumiram também comprimidos psicotrópicos, cuja marca ou tipo

o declarante desconhece, até às duas da tarde, hora em que o seu enteado lhe perguntou se sempre ia fazer-lhe o favor que lhe tinha pedido, e eu disse-lhe que não tinha gasolina, que tinha de me dar primeiro o dinheiro, e foi aí que me apercebi de que quem levava o dinheiro era Brando, porque foi ele quem me deu uma nota de cinquenta e me disse: leva-nos a La Matosa, e eu disse-lhe: mas só por cem paus, e Brando disse: cinquenta agora e cinquenta no regresso, e eu concordei e fomos embora, todos menos Willy, que ficou inconsciente em cima do banco do parque e não viu quando entrámos para a carrinha, e fomos direitos à bomba de gasolina, onde meti os cinquenta paus na carrinha e posteriormente conduzi até La Matosa, pela estrada principal da povoação, por indicações de Brando, e a seguir virando à direita, pelo caminho que leva ao Engenho. Foi nesse momento que me apercebi de que os rapazes queriam que eu me dirigisse a casa da pessoa a que chamam a Bruxa, e fiquei irritado porque não gosto de frequentar esses sítios, principalmente pelas coisas que as pessoas dizem que acontecem naquela casa, mas fiquei calado porque sabia que os rapazes só iriam pedir dinheiro a esta pessoa, que não iam ficar lá dentro muito tempo, era só uma coisa de entrar e sair, e que eu podia ficar à espera no carro e depois continuaríamos a curtir, ou pelo menos foi isso o que Brando lhe explicou, depois de lhe ter ordenado que estacionasse ao pé de um poste que há ali a cerca de vinte metros da casa da Bruxa, e disse-lhe para não sair dali, que não demorariam, que não lhe passasse pela cabeça sair nem fechar a porta lateral da carrinha, e Luismi não dizia nada, mas eu notei que estava muito nervoso, que estavam os dois muito nervosos e que já quase nem se notava que estavam pedrados, e eu pensei que era muito estranho, mas não fiz qualquer comentário e eles lá foram, e nesse momento Munra não reparou que um deles tinha levado a sua muleta, e

quando espreitou pelo espelho retrovisor os dois rapazes já tinham dado a volta à fachada para entrarem pela porta da cozinha, que é por onde uma vez o declarante tinha entrado naquele domicílio, a única vez na sua vida, há já mais de oito anos, porque nesse tempo Munra ainda tinha a moto e o acidente ainda não tinha acontecido, e Chabela levou-o, segundo ela, para lhe fazerem uma limpeza, mas quando a porta se abriu e Munra viu a sujidade que havia lá dentro, tudo cheio de porcaria e a cozinha malcheirosa, a comida estragada e a parede do outro lado, a que dava para o corredor, estava coberta de imagens pornográficas e riscos com tinta de lata e uns sinais cabalísticos que sabe-se lá o que queriam dizer, ficou desconfiado, porque além disso ele não era daquelas paragens, era originário de Gutiérrez de la Torre e até então ninguém lhe tinha dito que a tal Bruxa era na realidade um homem, um senhor com cerca de quarenta ou quarenta e cinco anos naquela altura, vestido com roupas pretas de mulher, e as unhas bem compridas e pintadas também de preto, espantosas, e embora levasse assim uma espécie de véu a tapar-lhe a cara, só de lhe ouvir a voz e ver-lhe as mãos uma pessoa apercebia-se de que se tratava de um homossexual, e disse a Chabela que afinal já não queria a limpeza, que tinha mudado de opinião, porque tinha nojo que aquele roto lhe pusesse as mãos em cima, e Chabela ficou chateada e depois andava a dizer que o acidente dele tinha acontecido por não ter feito aquela limpeza, que Deus o tinha castigado por ser soberbo, embora Munra suspeitasse de que se calhar tinha sido a tal Bruxa que o amaldiçoara por lhe ter pregado a partida naquele dia, e só por isso é que ele conhecia a entrada para a cozinha daquela casa, e não por ter algum trato pessoal com essa pessoa, pela razão que já lhes indiquei de que os seus costumes e a sua aparência me pareciam repugnantes, mas em momento algum manifestei o desejo de fazer mal a tal pessoa, eu

não vi nada, já vos disse, eu não vi nada nem soube o que é que lhe tinha acontecido, o que é que lhe fizeram, não vi quando a mataram porque olhe bem para mim, meu comandante, eu não posso nem caminhar, estou inválido desde fevereiro de 2004; não sei de que dinheiro é que me está a falar, eu juro-lhe que esses cabrões desses rapazes não me disseram nada do que estavam a tramar, só me deram os cinquenta paus para a gasolina e o restante que me tinham prometido nunca mo deram. Eu pensei que iam só tentar passar a perna à Bruxa, como é que eu havia de pensar que o que queriam era matá-la, se eu nem saí da carrinha, fiquei o tempo todo ali ao volante, à espera que eles saíssem, porque os cabrões demoraram bastante lá dentro da casa, e Munra já estava muito nervoso e quase a zarpar quando ouviu por fim os gritos de Luismi e virou-se para os ver chegar até à porta de correr, a transportarem e a arrastarem uma pessoa inconsciente que meteram no interior do veículo e que empurraram contra o chão e o seu enteado e o outro rapaz gritaram arranca, arranca, e Munra meteu o pedal a fundo e a carrinha saiu a voar pelo caminho em direção ao Engenho, mas, em vez de continuar a direito para o rio, os rapazes disseram para ele acelerar por outro caminho, que fosse pelos campos de cultivo que ficam atrás do complexo, um sítio que Munra já conhecia, onde às vezes ia pela tarde, com Luismi e outros amigos, apanhar o fresco debaixo de umas árvores que havia junto ao canal de rega, para fumarem marijuana enquanto contemplavam o mar interminável de campos verdes à luz mortiça do ocaso, e como o rádio da carrinha estava avariado alguém punha sempre música no seu telemóvel, com o volume no máximo, e passavam ali um bocado bem tranquilo, e mais ou menos por alturas da primeira curva foi quando a Bruxa começou a queixar-se, a gemer como que de dor e a sufocar, e aqueles estúpidos gritavam-lhe que se calasse e davam-lhe pontapés

e pisadas e então assim que chegaram ao canal disseram-lhe: pára aqui, pára, e Munra obedeceu-lhes, e eles tiraram a Bruxa, ou melhor, arrastaram-na pelos cabelos e pela roupa até a deitarem no chão, e Munra viu que esta pessoa tinha o cabelo todo emaranhado e molhado, completamente encharcado do que depois se apercebeu que era sangue, porque todo o chão da sua carrinha ficou empapado, embora naquele momento ele não o soubesse nem tivesse tentado averiguar. Ficou só ali, ao volante, com as mãos em cima das coxas e o olhar cravado nas fileiras de cana ainda pequena, cana sedenta que aguardava a temporada das chuvas, campos e campos de cana que chegavam até à ribeira e ainda mais para lá, até às colinas azuis, e verdade, verdade, para dizer mesmo a verdade, ele teve vontade de ver, sim, porque tinha quase a certeza de que os rapazes iam despir a Bruxa e atirá-la para as águas do canal numa de loucura, como ele já tinha visto que o grupo fazia, só por brincadeira, ou melhor, só para se divertirem, mas alguma coisa o impediu de se voltar, algo que o deixou todo tenso, como que paralisado, a ponto de nem sequer se ter atrevido a olhar pelo espelho, e foi a sensação de que não estava sozinho, de que havia alguém consigo na carrinha, alguém que agora avançava da parte traseira até ao lugar onde Munra se encontrava sentado, e até conseguia ouvir o barulho que as molas dos assentos faziam ao receberem o peso dessa pessoa ou fosse lá o que fosse, e Munra recordou o seu sonho e pensou na sua avozinha Mircea e no que ela sempre dizia quando alguém mencionava o demónio: guarda-me, meu Deus, eu confio em ti, sussurrou; oh, alma minha, disseste a Jeová tu és o meu senhor, e uma rajada de vento súbito, quase húmido, entrou pela janela da carrinha, um ar pesado, como que de chuva iminente, que de repente esmagava as plantas contra a terra e, ao longe, no meio do céu, uma grande nuvem tapou o sol e um relâmpago mudo caiu no meio das

montanhas distantes, sem emitir um único ruído, nem sequer um estalido quando partiu aquela árvore seca e a calcinou de repente, e por momentos Munra pensou que tinha ficado surdo, porque aqueles cabrões tiveram de lhe gritar ao ouvido e sacudi-lo para que reagisse, para que desse à chave do carro sem se lembrar de que o motor já estava ligado e puxasse o travão de mão e saíssem a toda a velocidade, sem que ele conseguisse entender o que é que aqueles dois diziam porque enquanto ele conduzia com os olhos fixos no caminho de terra, eles lá atrás gritavam e riam-se e às vezes ouvia-se como se eles estivessem a bater um no outro, e quando deu por si já era de noite e tinham passado Playa de Vacas e subiam para Villa pela avenida principal até ao parque da Câmara Municipal, que àquela hora estava cheio de gente que passeava e apanhava o fresco nos bancos, e uns rapazes da fanfarra do secundário ensaiavam para o desfile do Primeiro de Maio daquela segunda-feira, e tudo parecia muito normal e muito pacífico porque os rapazes finalmente tinham acalmado, e uns quarteirões mais adiante o Brando pediu-lhe que o deixassem numa esquina e Munra parou e o Brando saiu, e só quando ele se afastou a correr é que se apercebeu de que o rapaz já não levava a *t-shirt* do Manchester vestida, mas sim uma preta, e então Luismi passou para o assento da frente e começou a cantarolar, como às vezes fazia quando estava sozinho na sua casinha e julgava que ninguém o ouvia, e enquanto conduzia para La Matosa, Munra pensou que tinha sido tudo uma brincadeira, uma palhaçada daqueles cabrões malditos que já estavam fartos da Bruxa e só queriam chateá-la um pouco, não é verdade, pregar-lhe um sustozinho; como é que ele podia saber que naquele momento aquela pessoa estava morta ou a morrer no canal, se nunca viu o que foi que lhe fizeram, a ele só o utilizaram, os estúpidos dos rapazes, filhos da puta, que lhe ofereceram dinheiro para que os levasse e ele

levou-os, mas não sabia o que andavam a tramar, perguntem-lhes a eles pelo dinheiro, foram eles que entraram na casa, e além disso eram eles que viviam ali metidos o tempo todo, pois em toda a povoação se sabia que há muitos anos que a Bruxa e o Luismi eram amantes, e que estavam zangados por causa de um assunto de dinheiros, perguntem ao Luismi, perguntem ao Brando; esse cabrão vive aí a três quarteirões do parque, quase em frente das máquinas de jogo de Don Roque, uma casa amarela com uma porta branca, perguntem a esse cabrão o que foi que ele fez com o dinheiro, e onde estão os cinquenta paus que lhe prometeram, esses cinquenta paus de que com o choque Munra se esquecera por completo e não voltou a lembrar-se deles senão quando se encontrou na cama, a dar voltas e voltas nos lençóis suados porque queria adormecer, mas cada vez que fechava os olhos sentia que caía num abismo sem fundo, e já não queria continuar acordado, mas ao mesmo tempo não podia deixar de pensar em Chabela, e passou um bom bocado a ligar-lhe várias vezes, mas o telemóvel dela continuava desligado, e num momento qualquer da madrugada até pensou em ir pedir ao rapaz um daqueles malditos comprimidos, mas não se atreveu a atravessar o pátio no escuro e, além disso, naquela altura o cabrão certamente já os tinha metido todos, agarrado como ele era; um dia daqueles ia meter tantos que já não voltaria a acordar, pensou Munra, antes de mergulhar num torpor agitado.

V

Um milagre, o meu filho é um milagre, dizia a mulher da bata cor-de-rosa; a prova de que Deus existe e de que São Judas tudo pode, até os casos impossíveis, olha. Baixou os olhos e sorriu radiante para a criança que mamava no seu seio esquerdo: valeu a pena o ano de rezas, um ano inteiro, sem faltar um único dia, até quando não podia levantar-me da cama e sentia que morria de tristeza, até nesse dia rezava as orações a São Judazinho e pedia-lhe que o meu filho vivesse, que a minha matriz o retivesse, que não me acontecesse como com os outros, tanto que eu me cuidava e tantas vitaminas tomava para no fim acabar por deitá-lo fora, aquele sangue que eu via na roupa quando ia à casa de banho e eu só chorava; até sonhava com o sangue, sonhava que me afogava nele, depois de anos a correr para a casa de banho assim que me apercebia de que mais uma vez o tinha perdido: oito vezes seguidas, miga, oito vezes nos últimos três anos; juro-te por Deus santíssimo que não te estou a mentir. Até a minha médica já ralhava comigo e me dizia: a tua matriz não retém, falta-te isto, falta-te aquilo, tens de ser operada e não se sabe como é que vais ficar, o melhor será não engravidares, resigna-te, dizia-me ela, a estúpida; como ela não tem macho, nem filhos e de certeza

que é fufa; e era porque o meu organismo já estava ressentido, porque se calhar era melhor adotarmos um rapazinho, maldita mulher, foi o que ela me disse; por causa dela o meu marido já não queria ter ilusões, e eu tinha a certeza de que não tardava em pedir-me o divórcio quando umas amigas, uns amigos da comadre da minha irmã me disseram porque é que eu não rezava a São Judazinho, mas como deve ser, não te esqueças: para eu arranjar uma imagem boa e que a levasse a benzer e lhe pusesse as suas espigas, uma vela grande de sândalo e lhe rezasse todos os dias, com devoção e humildade, e eu disse para mim: então, ao fim e ao cabo não perco nada em tentar, e olha, o São Judazinho fez-me o milagre, miga, e finalmente deu-me o meu anjinho: Ángel de Jesús Tadeo, vamos pôr-lhe este nome para dar graças a Deus e ao santinho pelo milagre recebido, porque foi o que aconteceu, não é verdade? Um milagre. E Ángel de Jesús Tadeo, com seis horas de nascido, agitava os seus bracinhos no ar e choramingava, sufocado pelo calor que se respirava na sala. Havia qualquer coisa no choro daquela criança que fazia com que Norma, deitada na cama ao lado, ficasse com os cabelos em pé e, se não estivesse amarrada às grades da cama, com aquelas ligaduras ásperas que já lhe punham a pele dos pulsos em carne viva, teria levado as mãos às orelhas para as tapar, para não ter de ouvir os gritinhos da criança, nem os arrulhos melosos das mulheres da sala. Mais ainda, se não estivesse amarrada à cama já teria saído dali a correr, para o mais longe possível daquele hospital, daquela terra horrível, nem que fosse descalça e com aquela espécie de bata que lhe deixava as costas e as nádegas a descoberto, sem mais nada por baixo a não ser a sua própria carne tumefacta, tudo o que fosse afastar-se daquelas mulheres, das suas olheiras e das suas estrias e gemidos, das suas crianças magrinhas com lábios de rã a mamar-lhes nos mamilos negros e, sobretudo, do cheiro que se

respirava na sala sufocante: a soro de leite, a suor rançoso, um cheiro adocicado e ao mesmo tempo acre que Norma sentia como que colado à pele e que lhe fazia lembrar todas aquelas tardes que passou fechada no quarto de Ciudad del Valle, com Patricio ao colo e a embalá-lo de um lado para o outro do quarto para que não sufocasse; esfregando o seu peito diminuto com a palma da mão para aquecer o ar lá de dentro, o ar que saía da boca do irmão num rumor surdo, um resfolegar asmático que a fazia pensar que os pulmões do pobre Patricio estavam a apodrecer. Coitadinho, quem é que o tinha mandado nascer no mês de janeiro, com o frio que sempre fazia em Ciudad del Valle e ainda mais naquele quarto onde então viviam, a pouca distância da central de autocarros: uma única peça sem divisões, uma caixa de tabique e cimento mesmo atrás de um edifício de cinco andares que lhes roubava todo o calorzinho do sol, e por isso havia vezes que acordavam de manhã a deitar vapor pela boca, os cinco metidos na única cama do quarto, debaixo das mantas e toda a roupa que possuíam estendida em cima deles para os aquecer e o berço de vime de Patricio pendurado por cima, pertinho da lâmpada que deixavam o dia todo acesa para que pelo menos o aquecesse um pouco, para que o pobre coitado não passasse tanto frio lá em cima, onde nenhum deles poderia esmagá-lo e asfixiá-lo, que era o grande medo da mãe. Porque ela sabia quanto custava a Patricio respirar; Norma já lhe tinha contado que o pobre coitado tinha sempre um assobio como que agarrado à garganta, como se tivesse engolido um apito que ele próprio, com os seus bracinhos a dar a dar enlouquecidos no ar gelado do quarto, tentava expulsar com tosses e arquejos, sem conseguir, ao mesmo tempo que Norma o embalava e o abanava e às vezes, no seu desespero por ajudá-lo, até lhe metia o dedo na boca diminuta para ver se conseguia sentir aquela coisa que estava a sufocá-lo, e que

Norma imaginava ser um berlinde de muco verde endurecido, sem nunca conseguir. A sua mãe sabia; Norma tinha-lhe contado; foi talvez por isso que não lhe gritou nem lhe bateu nem lhe disse que era uma rapariga tonta que nunca conseguia fazer bem as coisas, na manhã em que Patricio amanheceu todo azul e teso no berço pendurado sobre a cama onde todos os outros dormiam apinhados: a mãe num extremo do colchão e Norma no outro, e os três irmãos pequenos metidos entre as duas, não fosse algum deles dar uma volta, cair da cama e partir o crânio contra o chão de cimento, dizia a mãe, e Norma concordava resignada, e por isso permanecia toda a noite na beira da cama, mesmo quando a vontade de urinar era tão forte que a impedia de voltar a adormecer, e ficava imóvel debaixo das mantas e contraía os esfínteres e retinha o ar dentro dos pulmões para tentar distinguir a respiração da mãe por entre o ressonar e os suspiros dos irmãos, com vontade até de se esticar por cima deles para tocar no peito da mãe e verificar que ainda respirava, que o seu coração continuava a bater e que não estava tesa nem gelada como o pobre Patricio, enquanto aguentava a vontade de urinar do mesmo modo que a aguentava naquela cama de hospital, rodeada de mulheres despenteadas e de todos aqueles bebés chorões, dos seus familiares e da conversa insuportável: juntando as coxas, apertando os dentes e pondo em tensão os doloridos músculos do abdómen para conter a urina quente que de qualquer maneira acabava por se lhe escapar num jorro fininho e doloroso, e Norma fechava os olhos de vergonha, para não ver a mancha escura que de repente aparecia sobre a sua bata e encharcava o lençol da cama; para não ver os narizes franzidos por causa do nojo das mulheres das camas vizinhas, nem os olhares acusadores das enfermeiras, quando por fim se dignavam mudá-la, sem a desamarrar um único instante da cama porque tinham sido essas as instruções da

assistente social: mantê-la ali prisioneira até que a polícia chegasse, ou até que Norma confessasse e dissesse o que tinha feito, porque nem sequer sob a anestesia que lhe injetaram antes de o médico lhe meter os ferros, a assistente social conseguiu sacar fosse o que fosse a Norma, nem mesmo como se chamava, nem que idade tinha verdadeiramente, nem o que tinha tomado, nem quem tinha sido a pessoa que lho tinha dado, ou onde o tinha posto, muito menos porque o fizera; não tinha conseguido sacar nada a Norma, nem sequer depois de lhe gritar que não fosse estúpida, que dissesse como é que se chamava o namorado, o sacana que lhe tinha feito aquilo, e onde é que vivia, para que a polícia fosse prendê-lo, porque aquele desgraçado tinha zarpado depois de a deixar abandonada no hospital. Não lhe dava raiva? Não queria que ele também pagasse? E Norma, que tinha acabado de se aperceber de que tudo aquilo estava realmente a acontecer, que não era um pesadelo horrível, apertou os lábios e sacudiu a cabeça e não disse uma única palavra, nem mesmo quando as enfermeiras a despiram ali em frente de toda a gente que aguardava a sua vez no corredor das urgências; nem mesmo quando o médico careca meteu a cabeça entre as suas coxas e começou a vasculhar naquele sexo que Norma já não reconhecia como seu, não só porque não conseguia sentir nada abaixo das costelas, como também porque, quando por fim conseguiu erguer a cabeça e focar o olhar, deparou com um púbis avermelhado e rapado que não se parecia nada com o seu, e não conseguia acreditar que toda aquela carne lhe pertencesse, toda aquela pele amarelada e eriçada como a pele dos frangos mortos e esventrados no mercado, e foi esse o momento em que decidiram amarrá-la, supostamente para que estivesse quieta enquanto lhe metiam os ferros, para que não se magoasse, mas Norma sabia que era mais para que ela não fugisse, pois vontade não lhe faltou de sair a correr daquela sala, mesmo

estando completamente nua e mesmo que a brisa que entrava pela porta aberta no fim do corredor a fizesse tremer e bater os dentes; uma brisa que até era morna, talvez mesmo pegajosa, mas que a ela, com quarenta graus de febre, lhe parecia tão gélida como o vento que descia durante a noite das montanhas que rodeavam Ciudad del Valle, as moles azuladas, cobertas de pinheiros e castanheiros que num catorze de fevereiro de há vários anos Pepe os levou a conhecer, pois como era possível que Norma, os seus irmãos e a sua mãe vivessem há tanto tempo em Ciudad del Valle sem terem conhecido as florestas; estavam a perder uma coisa maravilhosa, um verdadeiro espetáculo da Mãe Natureza em todo o seu esplendor, dissera o palhaço do Pepe. A neve, vamos ver a neve!, cantarolavam os irmãos dela enquanto subiam pelo caminho que serpenteava por entre as árvores imensas da floresta, e a princípio Norma tinha corrido ao pé deles, encantada com o passeio e com a vista da cidade a seus pés e das nuvens tão próximas e com a camada de geada que cobria o chão de líquenes e caruma; mas o que lhe teria passado pela cabeça quando se vestiu naquela madrugada, porque se esqueceu de calçar meias, e a humidade do chão da floresta não tardou a infiltrar-se pelas solas rotas dos seus sapatos e os pés de Norma acabaram congelados, frios e tesos como o pobre Patricio, e a dor tornou-se uma coisa insuportável e Pepe teve de cancelar o passeio e levá-la ao colo pela vertente abaixo, até à paragem de autocarros que os levaria de regresso à cidade sem terem chegado ao cimo da montanha, sem terem podido tocar na neve, nem atirá-la ou fazer bonecos como na televisão, gritavam dececionados os seus irmãos, e tudo isso por Norma ser tonta, ridícula e parva, tinha dito a mãe, tinha o costume de estragar tudo sempre no pior momento, e Norma fora a chorar em silêncio todo o caminho de regresso a casa enquanto Pepe se desvelava por fazer graça com o incidente, como

sempre que a mãe estava zangada, para a contentar, mas a sua mãe olhara para ela com o sobrolho franzido durante todo o caminho, com os mesmos olhos acusadores e os lábios tensos das enfermeiras depois de saberem o motivo pelo qual Norma estava amarrada à cama; o mesmo olhar que a assistente social lhe tinha dirigido na noite em que a internaram; estas cabras ainda não sabem limpar o cu e já querem andar a foder, vou dizer ao médico para te raspar sem anestesia, para ver se assim aprendes. Como é que vais pagar tudo isto ao hospital, hã? Quem é que se vai responsabilizar por ti? Chegaram aqui e largaram-te, foram-se embora sem se ralarem contigo, e tu ainda feita bruta a tentares protegê-los. Como é que se chama o que te fez isto? Diz-me o nome dele senão quem vai parar à prisão és tu, como encobridora, não sejas tonta, menina, e Norma, já quase a desmaiar por causa do vento gelado que soprava da porta aberta do corredor, fechou os olhos, apertou os lábios e imaginou o rosto sorridente de Luismi, com os cabelos alvoroçados, castanhos quase ruivos sob a luz do sol, que tanto lhe tinham chamado a atenção quando ele se aproximou no parque; o pobre Luismi que não fazia ideia do que Norma tinha feito, do que a Bruxa tinha feito, do que Chabela a convencera a fazer porque a princípio a Bruxa tinha dito que não e que não e foi Chabela quem teve de lhe implorar; vá lá, mana, tens de a ajudar, coitadinha; não sejas foleira, maldita Bruxa, não te ponhas agora com as tuas birras; quantas vezes não me fizeste o favor a mim, às minhas raparigas, o que é que te custa? Quanto é que queres que te pague? E a Bruxa só abanava a cabeça sem fazer caso a Chabela, ocupada na azáfama de levar trastes de um lado para o outro naquela cozinha sebenta, naquela divisão de teto baixo, paredes enegrecidas e cheias de prateleiras com frascos poeirentos, e desenhos de bruxaria, estampas de santos com os olhos riscados e recortes de gajas mamalhudas a

mostrarem o sexo aberto. Vá, Bruxa maldita, o rapaz até está de acordo com tudo isto, não é verdade, minha querida?, perguntou ela a Norma, e Norma ficou calada por um momento, mas ao sentir o pontapé de Chabela na sua barriga da perna debaixo da mesa assentiu energicamente, e a Bruxa cravou nela o olhar e Norma sentiu um arrepio, mas conseguiu aguentá-lo, e quem sabe o que a Bruxa terá lido nos olhos de Norma, porque depois de remexer um bocado com um pau o borralho que brilhava no fogão disse que estava bem, que o faria, que prepararia para Norma a sua famosa beberagem, aquela coisa espessa, salgada e espantosamente quente devido ao muito álcool que a Bruxa lhe tinha deitado, juntamente com molhos de ervas e uns pós que tirou de uns recipientes nojentos e que no fim verteu para dentro de um frasco de vidro que deixou em frente de Norma em cima da mesa, junto de uns restos de uma maçã podre que descansava num prato de sal grosso, uma maçã atravessada por uma faca comprida e rodeada de pétalas mortas. A Bruxa não tinha querido aceitar qualquer dinheiro, uma nota de duzentos pesos que Chabela mesmo assim deixou em cima da mesa e para a qual a Bruxa olhou com tanto nojo que Norma pensou que certamente a queimaria assim que elas saíssem daquela casa, coisa que fizeram imediatamente a seguir à Bruxa lhes ter entregado a beberagem, para grande alívio de Norma. Mas uma vez lá fora, quando já tinham chegado ao caminho para regressar a casa de Chabela, ouviram que a Bruxa lhes gritava da porta entreaberta da cozinha, com aquela voz estranha que ela tinha, rouca e aflautada ao mesmo tempo, e Norma virou-se e apercebeu-se de que a Bruxa se dirigia a ela, apesar de ter voltado a deixar cair o véu sobre a cara: Tens de a tomar toda!, gritava ela. Toma-a até ao fim e aguenta a vontade de vomitar! Vais sentir-te a rasgar por dentro, mas aguenta...! Não tenhas medo! Faz força e faz força até que...! ... E

enterra-o! Chabela puxava-a pelo pulso com brusquidão; cravava-lhe um pouco as unhas. Aquela louca maldita julga que sou novo nisto, grunhia ela, fingia que não ouvia nada, e estugava ainda mais o passo. O melhor é ficares aqui...!, suplicou por último a Bruxa, mas a sua voz chegava já muito débil àquela distância; Norma já não conseguiu ouvir aquilo que a feiticeira tentava dizer-lhes mais; arquejava com o esforço de acompanhar o passo de Chabela e ao mesmo tempo apertar o frasco na outra mão para que não lhe escorregasse e se desfizesse em cacos no chão. Maldita Bruxa, rezingava Chabela, que já me parece que está a ficar chocha da cabeça; exagerada de um raio, como se eu não soubesse nada do negócio, caramba; se até fui eu a primeira a perceber que tinhas um bolinho no forno, né? Notava-se o risco, o risco delator, quando te despiste à minha frente para experimentares o vestido que eu te ofereci, porque o que trazias estava uma desgraça, minha linda, lembras-te? E Norma recordava-se bem; só tinham passado três semanas desde o dia em que Luismi a levara a sua casa; três semanas desde aquela primeira noite que passaram juntos, quase sem pregar olho, contando histórias e todo o tipo de mentiras porque ainda não se conheciam bem e não sabiam o que era certo entre eles e o que não era, em sussurros, sobre aquele colchão despido e uma escuridão quase total porque a lâmpada dentro da casinha de Luismi tinha-se fundido e a única coisa que conseguiam ver era o brilho dos dentes um do outro de cada vez que se riam. Naquela noite tinham acabado a foder, ou algo parecido, em parte porque Norma tinha passado toda a madrugada à espera do momento em que ele se atiraria sobre ela para se fazer pagar da sua hospitalidade à má fila e ela tinha medo de que então ele se apercebesse, que notasse pela redondez do seu ventre, ou pelo sabor da boca, mas tinha tido sorte porque Luismi não chegou a beijá-la nessa noite, e se porventura lhe

tocou foi sempre com a ponta dos dedos, carícias tímidas que de vez em quando se confundiam com o esvoaçar dos insetos que entravam pela porta entreaberta do quarto, talvez atraídos pelo suor dos seus corpos. Tinham-se despido pouco a pouco, para suportar melhor o calor, um abafamento que Norma sentia que lhe nascia de dentro, do interior daquela maldita barriga inchada que acabaria por traí-la assim que Luismi estendesse a mão para a apalpar, mas ele nem sequer tentou. Na verdade, não fez nada, naquela noite, só pouco mais que permanecer ali ao lado de Norma e suspirar quando as mãos dela, ansiosas pela incerteza e pela espera, decidiram tomar a iniciativa e se dispuseram a brincar com a verga de Luismi, puxando por ela da mesma maneira como, anos antes, puxavam pelo sexo de Gustavo ou de Manolo quando lhes dava banho, porque lhe dava vontade de rir a maneira como as suas salsichinhas cresciam e endureciam quanto mais ela lhes tocava. E Luismi, tal como os seus irmãos, ficou muito quieto enquanto ela o acariciava e só lançou um ronco quando ela decidiu sentar-se escarranchada sobre as suas ancas ossudas e começou a mexer-se de trás para a frente e para cima e para baixo com aquele ritmo trepidante de que Pepe tanto gostava, mas que pareceu deixar Luismi indiferente, pois Norma nunca o ouviu gemer de prazer, nem sequer tentou tocar-lhe nos seios ou agarrar-lhe as nádegas, nada; ficou tão calado e tão imóvel que Norma, que não conseguia ver-lhe bem o rosto, chegou a pensar que tinha adormecido debaixo dela, e sentindo-se humilhada, até com lágrimas nas comissuras dos olhos, afastou-se dele e recostou-se de novo no colchão, virando-lhe as costas, completamente encharcada de suor por causa de todo aquele exercício inútil, com os olhos fixos na franja de noite aveludada que conseguia ver-se por cima da tábua que Luismi tinha colocado sobre a entrada do quarto à laia de porta, e estava já prestes a adormecer quando o sentiu mexer-

se atrás dela, e a mão de Luismi poisou timidamente na sua anca nua, e os seus lábios ressequidos beijaram-na no meio das omoplatas, e Norma sentiu um estremecimento e voltou a procurá-lo com a mão, mas desta vez foi ele quem tomou a iniciativa e, sem descolar os lábios das suas costas, entrou nela de repente, com uma facilidade surpreendente tendo em conta que o assalto se efetuava num orifício diferente do da primeira vez, o único orifício do corpo de Norma que Pepe não tinha podido reclamar como seu, porque Norma tinha nojo daquele ato e tinha a suspeita de que lhe doeria imenso, se bem que com Luismi até lhe pareceu agradável, talvez por Luismi não tentar esmagá-la sob o seu peso, ou talvez porque se movia de forma diferente de Pepe, e entrava e saía dela com uma cadência peculiar que, de repente, sem conseguir evitar, o fez soltar um gemido de prazer, um queixume apagado que levou a que Luismi voltasse a ficar muito quieto, como que subitamente petrificado de medo, e teve de ser Norma a voltar a continuar tudo, ansiosa por levá-lo ao clímax, por senti-lo vir-se dentro dela, quase desesperada por acabar com aquele momento de uma vez por todas, mas após um tempo interminável a mover-se freneticamente, a afundar-se nele até onde o seu corpo lhe permitia, Luismi, sem dizer uma só palavra, voltou a colocar a sua mão sobre a anca de Norma, e com grande delicadeza, quase a desculpar-se em silêncio, retirou-se, completamente murcho, de dentro dela. Quem sabe que horas seriam quando Norma finalmente conseguiu adormecer, mas quando voltou a abrir os olhos, alarmada pelas pontadas que lhe atravessavam a bexiga dolorosamente cheia, apercebeu-se de que já era de dia. Tentou acordar Luismi para que ele lhe dissesse onde ficava a casa de banho, mas ele não reagiu, nem mesmo quando ela lhe agarrou no ombro e o sacudiu: permaneceu em posição de feto sobre o colchão, com as pontas das vértebras dolorosamente visíveis

sob a pele morena. Estava tão magro que de repente até lhe pareceu que ele era mais novo que ela com aqueles flancos marcados e aquele sexo esquelético como um caracol tímido escondido entre o bosquezinho de pelos que lhe nascia entre as pernas, os braços magros e os lábios cheios, apertados em torno do polegar que sugava nos seus sonhos. Norma sentou-se no colchão e enfiou o mesmo vestido que trazia no dia anterior, pensando que talvez Luismi fosse acordar ao ouvi-la mexer-se a seu lado, mas ele continuou a dormir com o dedo na boca, até quando ela se levantou e mexeu na tábua que servia de porta e saiu para o pátio e se pôs a urinar de cócoras ao fundo do terreno. Quando finalmente acabou de se aliviar e de sacudir o traseiro para se libertar da última gota de urina que ameaçava escorrer-lhe pela perna, endireitou-se, baixou o vestido e olhou para a casa de tabiques que se erguia do outro lado do terreno, e ficou surpreendida ao ver que uma mulher de cabelos compridos e encaracolados lhe fazia sinais com a mão de uma das janelas abertas da casa. Norma olhou à sua volta para verificar que não havia mais ninguém no pátio e que a mulher, efetivamente, falava com ela. Não sejas porcalhona, miúda, foi a primeira coisa que a mulher lhe disse, quando Norma finalmente chegou à janela. A mulher sorria-lhe com lábios grossos pintados de grená. Tinha os ombros descobertos e o cabelo solto e frisado pela humidade da manhã, como um halo castanho avermelhado que lhe rodeava o rosto empoadado e sulcado de gretas escuras por onde a maquilhagem tinha escorrido. Deve ser a mãe de Luismi, pensou Norma, ao reparar na semelhança daqueles cabelos com os do rapaz, e sentiu que o seu rosto corava por causa da vergonha. A mulher acendeu um cigarro. Há uma casa de banho aqui dentro, disse ela, lançando a primeira baforada por cima da cabeça de Norma. Com a ponta acesa, apontou para o interior da casa. Se precisas de a usar, é só

entrares; com confiança, que eu não mordo. Norma assentiu e contemplou apatetada as duas filas de dentes perfeitos embora amarelados que apareceram por trás daqueles lábios coloridos, quase de palhaço. Chamo-me Chabela, disse. E tu quem és? Norma, respondeu a rapariga, depois de uma pausa que considerou prudente. Norma, repetiu Chabela, Norma... Sabes uma coisa? És igualzinha a Clarita, a minha irmã mais nova. Há uma data de anos que não a vejo, mas és parecida com ela. E de certeza que és tão putinha como a Clarita, não és? Porque acabas de foder com aquele cabrão, não é?, disse ela, arqueando as finas sobrancelhas pintadas com lápis preto enquanto com a ponta do cigarro apontava na direção da casa feita de pedaços onde Luismi continuava a dormir. Norma mordida os lábios e não pôde deixar de corar novamente quando Chabela interpretou o seu silêncio e soltou uma gargalhada estridente, seguida de um ralhete que atravessou o ar brumoso da manhã e que certamente se ouvia até à estrada: Tu passas-te, cabrão! Esta é bem novinha! E depois para Norma, com outro sorriso, mais tenso que beatífico: a sério que te pareces um pouco com a danada da Clarita, miúda; além disso precisas mesmo de um banho, tresandas a peixe podre, e essa porcaria de vestido que trazes está todo sujo. É o único que tenho, admitiu Norma, com um fiozinho de voz, e Chabela semicerrou os olhos para demonstrar a sua indignação. Deu uma última passa apressada ao cigarro e atirou o que dele restava para o pátio, sem o apagar. Com uma graciosa sacudida de ombros ordenou a Norma que entrasse, mas a rapariga hesitou. Anda, não sejas tonta, gritou Chabela, antes de desaparecer da janela. Norma deu a volta à casa e entrou por uma porta aberta que dava para uma divisão que parecia servir de sala de estar, sala de jantar e cozinha ao mesmo tempo, um espaço de paredes pintadas de vários tons de verde e que cheirava a cinza de cigarro, a restos do fogão, a álcool

metabolizado. No meio da divisão havia um homem esparramado num cadeirão, com as pernas abertas e as mãos cruzadas sobre a barriga. Tinha óculos escuros e um bigode ralo e grisalho, e olhava para um programa de concursos na televisão, com o volume no mínimo. Norma hesitou no umbral; murmurou um cumprimento e inclinou a cabeça quando passou apressada em frente do ecrã da televisão para não incomodar o homem, se bem que segundos mais tarde, quando o tipo abriu a boca e expeliu um longo e estrondoso ronco, se apercebeu de que ele estava profundamente adormecido. Guiando-se pelo cheiro a cigarro e pela voz rouca de Chabela, que não tinha parado de falar nem um só segundo, Norma avançou por um corredor curto e espreitou pela única porta que encontrou aberta. Este é o meu quarto, recebeu-a Chabela. Gostas? Mas antes de Norma poder responder, a mulher continuou a falar: Escolhi eu as cores, queria que parecesse o quarto de uma gueixa, tás a ver? Tenho por aqui uns vestidos que quase nem uso; tinha pensado oferecê-los às tipas do Excálibur, mas aquelas cabras não sabem agradecer nada, são umas convencidas da treta que se querem aproveitar, que se lixem. Norma observou as paredes vermelhas e pretas, as cortinas de gaze branca já amarelada pela humidade e pela nicotina, a cama enorme que ocupava quase todo o espaço do quarto e sobre a qual repousava uma enorme pilha de roupa, de sapatos, potes de creme e de maquilhagem, cabides de roupa e sutiãs. Olha, experimenta este, ordenou-lhe Chabela. Tinha na mão uma peça estampada de bolinhas azuis sobre um fundo de licra vermelha. Anda, entra, já percebeste que eu não mordo; não fiques aí pasmada, miúda. Como é que disseste que te chamavas? Norma abriu a boca para lhe responder, mas Chabela não fez qualquer pausa para a ouvir: Este mundo é dos vivos, pontificou; e se te agachas, esmagam-te. Por isso tens de exigir a esse rapazola que te compre roupa. Não te

deixes amachucar, que os homens são todos assim: uns calões oportunistas que temos de trazer com a rédea curta praqu'eles façam alguma coisa de jeito, e com esse rapazinho é igual; ou tu te entesas ou ele vai gastar o dinheiro todo em droga, e não tarda, Clarita, ficas a ser tu a parvinha que o vai mantendo. Digo-te isto porque o conheço, conheço bem esse cabrão desgraçado e todas as suas manhas, fui eu mesma que o pari; por isso não te ponhas a dormir e exige-lhe; exige-lhe que te compre roupa, que te dê para as tuas despesas, que te leve a passear a Villa, que os homens assim têm de andar pela trela e bem ocupados para não andarem a pensar em merdas. Norma assentiu, mas teve de levar a mão à boca para tapar o sorriso que lhe escapou quando Chabela se calou por um instante e as duas puderam ouvir os roncos estrondosos que o homem a dormir lançava da sala. Ah, Clarita danada, já vi que estás perdida de riso, cabrona, ralhou Chabela, embora ela também sorrisse mostrando os seus enormes dentes amarelo-esverdeados. Aqui onde o vês, esse estorvo foi um dia um homem de verdade, um gajo bem jeitoso, antes de ter o acidente. Desgraçaram-mo mesmo, Clarita; tornaram-no um gajo inútil, um bêbado de merda que nem um café é capaz de me preparar quando volto de rastos do trabalho. Já o devia ter mandado dar uma volta, não achas? Trocá-lo por um modelo atual, um homem a sério; olha que pretendentes até me sobram, hã? Mesmo assim acabadota como aqui me vês, eles ainda se voltam para me verem quando apareço em Villa e bastava-me estalar os dedos para ter aqui mesmo uma fila de gajos à briga para ver quem era o mais digno de estar comigo, de conseguir os meus favores... Mas entra, Clarita, não te encolhas, miúda. E Norma caminhou até ao centro do quarto, com o vestido na mão, aturdida pelo parlapié atropelado de Chabela e pelo fumo dos cigarros que a mulher não parava de fumar enquanto falava, sem tossir nem se engasgar apesar

de deixar o cigarro entre os dentes ao mesmo tempo que se agachava para apanhar coisas do chão e colocá-las depois em cima da cama, ou para pegar em peças que jaziam amontoadas sobre a colcha e atirá-las com desinteresse para o chão. O que é que tu dizes, Clarita? Mando-o dar uma volta ou continuo a mantê-lo, ao cabrão do coxo? Afinal de contas esta é a minha casa, porra; erguida com o suor das minhas nádegas; não julgues que esse gajo mexeu um dedo sequer para construir tudo isto. Chabela levantou as mãos com as palmas viradas para cima e girou em volta para apontar para os móveis e para as coisas do quarto, para as paredes e para as cortinas, e aparentemente para a casa completa e para o terreno em que se erguia, e talvez até para toda a povoação. Norma mordeu os lábios, angustiada pelo peso que a sua resposta teria, mas felizmente Chabela continuou com o seu discurso sem esperar pela intervenção da rapariga. Por isso tens de te pôr tesa, Clarita; tu que és ainda tão novinha, miúda; tu, sim, podes procurar algo melhor que o estúpido desse rapaz. Desculpa falar assim contigo, mas é do coração: eu não sei que raio é que tu viste nele, mas de certeza que podes encontrar alguma coisa melhor, porque tu e eu sabemos que esse cabrão nunca fará nada de bom na vida. Se quiseres eu dou-te o dinheiro para a camioneta, miúda, para regressares à tua terra ou de onde raios sejas, porque corto os tomates que não tenho a apostar que não és de La Matosa... Não é? De certeza que nem sequer és de Villa... Ai, Deus da minha vida! Porque é que continuas aí tesa que nem um carapau, Clarita? Tira a porcaria do vestido, rapariga. Não me digas que tens vergonha, se ao fim e ao cabo não tens nada que eu não tenha. Anda, despacha-te! E Norma não teve outro remédio senão tirar o vestido de algodão que trazia e deixá-lo cair no chão para a seguir meter a cabeça e os braços no vestido que a mãe de Luismi lhe tinha dado. O tecido era muito suave e esticava-se para o ajustar

aos contornos do corpo. Viu-se ao espelho que estava pendurado na única parede pintada de negro: horrorizou-a ver que a barriga se lhe notava mais que nunca. Ai, Clarita, disse Chabela atrás de si, porque é que não disseste que estavas tão prenhada? O rosto da mãe de Luismi apareceu no espelho, por cima do ombro de Norma. Aquela boca de lábios vermelhos sorria com malícia. Vamos cá ver, destapate, ordenou-lhe, e Norma, assustada pela proximidade da mulher e pela determinação na sua voz, inclinou-se ligeiramente para pegar na beira do vestido e levantá-lo. Chabela ignorou as pernas peludas e o sexo despido e concentrou o olhar voraz na barriga arredondada de Norma. Com uma unha, pintada de verde radioativo, seguiu a linha púrpura que dividia o ventre de Norma, desde o nascimento da sua penugem púbica até ao umbigo. Mais do que cócegas, o que a rapariga sentiu foi vertigem, um estremecimento. O risco delator, disse Chabela. Norma largou o tecido do vestido e virou a cabeça para cravar o olhar na janela, na fila de palmeiras que oscilavam na brisa ao longe, em parte porque tinha vergonha de olhar para Chabela e, por outro lado, para evitar respirar o fumo de um novo cigarro aceso. É do Luismi?, perguntou a mulher. Não, respondeu Norma. E ele sabe que estás assim? A rapariga encolheu os ombros, mas depois abanou a cabeça. Não, repetiu ela. Olhou para Chabela através do espelho. A mulher olhava para a barriga dela com os olhos semicerrados, pensativa. Cruzou os braços e começou a sacudir nervosamente a cinza do cigarro no ar. Bom, disse finalmente, depois de expulsar uma enorme baforada de fumo por uma das comissuras da boca; para já não vamos dizer-lhe nada, tá bem? Norma ficou a olhar para ela através do reflexo. Porque tu não queres tê-lo, ou queres? Norma sentiu as orelhas aquecer; estava outra vez com as faces coradas. Porque se não quiseses tê-lo, eu conheço alguém que pode ajudar-te, alguém que sabe como compor

estas coisas. Está meio maluca, a pobre coitada, e na verdade mete um bocadinho de medo, mas no fundo é mesmo boa gente, e vais ver que nem vai querer levar-nos nada. Não fazes ideia da quantidade de apuros de que nos salvou a mim e às raparigas do Excálibur. Podemos pedir-lhe para te fazer o favor, se não quiseses tê-lo, ou queres tê-lo? Tens de decidir, miúda, e bem depressa, porque essa pancinha não vai ficar mais pequena. Norma não conseguia olhar nos olhos de Chabela, nem sequer através do espelho, por isso fixou o olhar no seu próprio corpo. Não só estava mais barriguda que nunca; agora até as suas mamas pendiam maiores, um ou dois números acima, não tinha a certeza. Uma semana antes tinha deixado de usar o único sutiã que possuía, e claro que não estava a usá-lo no dia em que decidiu fugir de casa: já nem sequer lhe servia. Só cabia naquele vestido, o vestido de algodão que agora Chabela pegava do chão com dois dedos e cara de nojo; o vestido que trazia quando decidiu fugir de Ciudad del Valle, e os sapatos abertos, e uma camisola que rapidamente passou a ser inútil com o calorão que começou a fazer quando o autocarro desceu para a costa, e que Norma não sabia onde tinha deixado esquecida. Ficou certamente no banco do autocarro, quando o motorista a acordou para que saísse. Ou talvez a tivesse deixado no juncal onde teve de se esconder quando aqueles tipos da carrinha se puseram a acozá-la. Por um segundo, estimulada pelo mutismo atencioso de Chabela, esteve quase a abrir a boca e a contar-lhe tudo: tudo, sem regatear nada, mas uma voz que do pátio gritava o seu nome distraiu-a. Era Luismi, do outro lado da janela; Luismi em cuecas, com os olhos semicerrados pelo sol do meio-dia (ou por estar zangado?) e os cabelos despenteados. O que é que fazes aí?, perguntou-lhe, quando por fim a distinguiu entre a penumbra do quarto. O que é que tens a ver com isso, ó estúpido, ó intrometido,

gritou-lhe Chabela, com um novo cigarro nos lábios. Luismi olhou para a mãe como se quisesse aniquilá-la com o olhar; franziu os lábios fazendo um beijo terrível, deu meia-volta e afastou-se para aquela barraca torta quase a cair aos bocados a que ele chamava casinha. Norma decidiu segui-lo. Agradeceu a Chabela pelo vestido e atravessou a correr a sala onde o homem ainda dormitava com a televisão ligada. Não quero que fales com ela, foi a primeira coisa que Luismi lhe disse, quando Norma entrou. Não quero que fales com ela nem que vás a essa casa, entendeste? Não ergueu a voz ao ordenar-lhe isto, mas apertou-lhe o braço com tanta força que lhe deixou os dedos marcados. Se quiseses mijar, vai lá atrás, continuou, mas não quero que vás para lá, não quero que ela te converta numa das suas putas, percebeste? Norma tinha-lhe dito que sim, que percebia, e até lhe tinha pedido perdão, apesar de nem sequer saber de que se desculpava, mas nos dias seguintes, enquanto Luismi ficava a ressonar no colchão, às vezes já pela tarde fora, Norma, incapaz de suportar o calor infernal das chapas do teto da barraca, levantava-se em silêncio e escapulia-se para a casa de tabiques, do outro lado do terreno, para a cozinha de Chabela. Entrava pela porta que estava sempre aberta e preparava café, ovos e feijão refrito ou arroz com banana-pão ou *chilaquiles* ou o que pudesse fazer com o que encontrava na despensa, antes mesmo de Munra, o marido de Chabela, acordar. Por essa altura, Chabela já tinha voltado do trabalho e entrado em casa fazendo barulho com os saltos dos sapatos, com os caracóis despenteados e os olhos injetados de sangue pela falta de dormir e pelo fumo dos cigarros e ao ver a comida em cima da mesa a sua cara abria-se num sorriso de prazer: Clarita, minha querida, és mais senhora do que eu; estes ovinhos têm um aspeto delicioso, porque é que eu não tive uma filha como tu em vez daquele maldito cabrão infeliz, e depois de comer, depois

de Chabela fumar um último cigarro antes de se ir deitar para o seu quarto, com a ventoinha na potência máxima a soprar aos pés da cama, Norma enchia um prato de comida, atravessava o pátio, acordava Luismi e obrigava-o a comer. O pobre coitado estava tão magro que Norma quase conseguia contornar-lhe o bíceps com uma mão; tão magro que podia contar-lhe as costelas, e sem que ele tivesse de aguentar o ar. Tão magro e tão feio, verdade seja dita, com aquelas faces cobertas de borbulhas, os dentes tortos, o seu nariz de pretito e os cabelos duros e crespos que aparentemente todos tinham em La Matosa. Talvez por isso Norma sentisse tanta ternura por o ver contente: quando sorria por alguma parvoíce que ela dizia, e os olhos se lhe acendiam de alegria por um segundo, e toda aquela tristeza que ele trazia sempre sobre si desaparecia e por um breve instante voltava a ser o mesmo rapaz que se aproximara dela no parque de Villa, quando ela chorava num banco porque tinha muita fome e muita sede e já não lhe restava dinheiro nenhum, e o motorista do autocarro que a conduzira desde Ciudad del Valle a despertara de repente para a fazer sair ali, numa bomba de gasolina no meio do nada, no meio de quilómetros e quilómetros de canaviais, e além disso tinha a cara e os braços queimados pelo sol, e os pés inchados e quentes por ter caminhado desde a bomba de gasolina até ao centro da povoação através de caminhos por entre as parcelas de terra, e quando Luismi se aproximara dela para lhe perguntar porque é que chorava, Norma já estava quase decidida a atravessar a rua e a entrar no pequeno hotel que havia em frente do parque — Hotel Marbella, dizia numa das paredes, um letreiro pintado com tinta vermelha, quase de sangue — onde suplicaria ao empregado atrás do balcão que por favor lhe permitisse fazer uma só chamada, e então comunicaria com a sua mãe lá em Ciudad del Valle e dir-lhe-ia onde estava e porque é que tinha fugido; contar-

lhe-ia tudo e seguramente a mãe gritaria com ela e desligaria o telefone e Norma não teria outra opção senão voltar a caminhar pela estrada e pedir uma boleia até Puerto, para levar a cabo o seu plano original. É claro que, se calhar, com um pouco de sorte, talvez nem sequer fosse necessário viajar até Puerto. Talvez na realidade a costa não se encontrasse tão longe, e talvez por ali perto houvesse algum farelhão do qual pudesse atirar-se ao mar. Para cúmulo, os tipos da carrinha, os que a tinham acossado a caminho da povoação, apareceram do outro lado do parque e Norma já estava quase a levantar-se do banco para se dirigir a correr ao hotel quando o rapaz dos cabelos fulvos, aquele rapaz magro que tinha passado a tarde toda a olhar para Norma enquanto os seus amigos se riam e fumavam marijuana, sentados nos bancos mais afastados do parque, atravessou a praça e aproximou-se a sorrir, sentou-se ao lado dela e perguntou-lhe o que tinha, porque é que estava a chorar. E Norma olhou para os olhos do rapaz e viu que eram negros, bem negros, mas doces, coroados por pestanas longuíssimas que lhe davam um aspeto sonhador apesar da fealdade do resto do rosto, das faces borbulentas e do nariz malfeito e dos lábios grossos, e Norma não teve coragem de lhe mentir, embora também não se atrevesse a contar-lhe a verdade, por isso decidiu-se por algo intermédio: disse-lhe que estava a chorar porque tinha muita sede e muita fome e porque estava perdida e não tinha um único peso na mala e porque não podia regressar a casa por causa de uma coisa muito má que tinha feito. Não lhe disse que, até àquela tarde, até ao momento em que o condutor do autocarro a deixara sozinha à beira da estrada quando se lhe acabou o dinheiro para pagar a passagem, o seu plano era dirigir-se a Puerto porque recordava tê-lo visitado uma vez durante uma viagem que fizera com a mãe, quando Norma era tão pequena que ainda não tinha nascido nenhum dos seus irmãos, ou

seja, devia ter uns três ou quatro anos, ou, fazendo as contas, talvez nessa viagem a sua mãe já estivesse grávida de Manolo, mas Norma não fazia ideia do que se avizinhava. Aquela visita a Puerto era a última vez que Norma recordava ter estado sozinha com a mãe, só elas as duas, a contemplar o mar do Golfo da sua tenda de campismo, a tomar banho todos os dias no mar morno, a provar pela primeira vez *mojarra* frita e empanadas de caranguejo, que Norma achou deliciosas. Também não lhe disse o que pensava fazer assim que chegasse a Puerto: percorrer aquelas mesmas praias que tinha visitado com a mãe até chegar ao farelhão imenso que se erguia a sul da cidade e depois subir até ao cimo daquela imensidão para se atirar de cabeça às águas escuras e picadas que havia lá em baixo e acabar de uma vez com tudo, com a sua vida e com a da coisa que crescia dentro dela. Não lhe contou nada disso; limitou-se a dizer-lhe que tinha muita fome e muita sede e que estava quase morta de cansaço e de medo, porque não conhecia ninguém naquela povoação e porque além disso tinha sido seguida por uns tipos numa carrinha quando caminhava para o centro de Villa, e tivera de se afastar da estrada para se esconder nuns juncais porque os tipos que iam na caixa aberta a chamavam estalando os lábios como se ela fosse uma cadela, e o homem que ia a conduzir, um sujeito louro de óculos escuros e chapéu de cobói, baixou o som da música que ecoava, *me haré pasar por un hombre normal*, e ordenou a Norma que entrasse para a carrinha, *que pueda estar sin ti, que no se sienta mal*, mas ela teve muito medo e meteu-se por um campo e agachou-se por entre as canas de açúcar até os tipos se cansarem de a procurar e arrancarem; os mesmos tipos que agora, naquele preciso momento, gemeu Norma, se encontravam estacionados do outro lado do parque, no exterior daquela *cantina* que fica junto à igreja, e Norma apontou para a carrinha com o dedo e Luismi, com um sorriso

nervoso, um esgar em que mostrou os dentes tortos, pegou-lhe na mão e envolveu-a entre as suas e sussurrou-lhe que não apontasse para eles, que nunca apontasse para aqueles homens; fora muito sensata ao ter fugido deles, porque toda a gente sabia que o louro do chapéu era *narco*; que se chamava Cuco Barrabás e que raptava regularmente as raparigas só para lhes fazer mal e depois, com o olhar fixo no chão e a voz um pouco trémula, como se tivesse vergonha, Luismi disse a Norma que não tinha dinheiro para a ajudar, mas que se ela pudesse esperar um bocado por ele, talvez fosse capaz de conseguir qualquer coisa, e então poderiam comer umas *tortas* ali em frente do parque; e se Norma quisesse, também podia ficar para passar a noite com ele, na sua casa, até porque ele não vivia ali em Villa, mas sim numa povoação que se chamava La Matosa, a treze quilómetros e meio dali; se ela quisesse, claro, porque era a única coisa que ele podia oferecer-lhe para a ajudar, para que deixasse de estragar os seus olhinhos tão lindos com todas aquelas lágrimas, mas, pronto, se ela não quisesse não havia problema... Só tinha de prometer-lhe que por nada deste mundo ia entrar para a carrinha do tal Cuco, porque todos na terra sabiam que aquele *güero* era um filho da mãe que fazia coisas más às miúdas, coisas horríveis de que ele não queria falar naquele momento, mas o importante era que Norma entendesse que nunca mas nunca podia entrar naquela carrinha, nem mesmo ir pedir ajuda à polícia, porque esses cabrões tinham o mesmo patrão, e afinal de contas eram mais ou menos a mesma coisa. E Norma, com os olhos húmidos de agradecimento e a garganta abrasada pela sede, prometeu-lhe que assim faria, que esperaria por ele, e então Luismi foi-se embora para conseguir o dinheiro e ela ficou ali sentada, com as mãos unidas sobre o regaço e os olhos semicerrados e os lábios apertados, como se rezasse, se bem que na realidade o que fazia era tentar ignorar a

vozinha que, muito dentro dela, vociferava que era uma estúpida por confiar num homem que nem sequer conhecia, um homem que certamente só queria aproveitar-se dela, enganá-la com promessas falsas e frases bonitas, porque eram todos assim, não é verdade? Uns cabrões de merda que só falavam, mas nunca cumpriam. Mas Luismi, sim, tinha cumprido; Luismi tinha provado que a voz se enganava; tinha demorado umas duas horas, mas tinha voltado, quando o parque já estava às escuras e já não restava ali mais ninguém a não ser os da marijuana, e mostrou-lhe o dinheiro que tinha conseguido e levou-a a comer à *tortería* que ficava em frente do parque, e depois conduziu-a pela mão pelas ruas retorcidas daquela terra, ruas poeirentas e silenciosas, patrulhadas por esquadrões de cães vadios que olhavam para eles com desconfiança. Atravessaram depois um imenso pomar de mangueiras carregadas de frutos ainda verdes, e mais adiante, uma ponte suspensa sobre um rio que, naquela altura, na escuridão reinante, já era completamente invisível, e chegaram a um caminho de terra que entrava pelo meio de uns prados sussurrantes. Nessa altura a noite tornou-se tão densa que Norma não via sequer onde punha os pés; o caminho subia e descia e diminuía e aumentava sem que ela compreendesse como podia Luismi ver alguma coisa naquela negrura; a ela parecia-lhe que, a qualquer momento, o caminho desapareceria e cairiam os dois a rebolar até ao fim de um barranco, por isso apertava a mão de Luismi na sua, e de poucos em poucos metros pedia-lhe que não caminhasse tão depressa, e quando tiveram de atravessar um canavial cheio de insetos que zumbiam ameaçadoramente, Luismi passou-lhe um braço pelos ombros e começou a cantar baixinho. Tinha uma voz bonita; uma voz que era já de homem, não como o seu corpo, que ainda era de rapaz, e na escuridão ominosa que parecia estar a engoli-los, o seu canto foi um consolo para os nervos

de Norma, para os seus pés doridos e cheios de bolhas e para a sua cabeça confusa, aturdida por aquela voz interior que não parava de lhe ordenar que se afastasse daquele rapaz, que voltasse à estrada, que chegasse a Puerto fosse como fosse, subisse ao alcantilado e saltasse para a água para ficar desfeita e acabar com tudo aquilo. E depois de um tempo interminável, o caminho rodeado de mato vivo finalmente desembocou numa espécie de lugarejo sem ruas, nem parques, nem igrejas, apenas um punhado de casas iluminadas por candeeiros tristes. Desceram por um valado que os levou até uma pequena casa de tijolo, também iluminada por uma única lâmpada simples pendurada no alpendre. Mas em vez de entrar na casa ou de bater à porta, o rapaz conduziu-a até ao fim daquele terreno, onde se erguia o casebre de madeira que ele se gabou de ter construído com as suas próprias mãos, um refúgio que Norma achou mais que perfeito, de tão cansada que estava, e sem que Luismi lhe pedisse deitou-se logo no colchão e, em sussurros, começou a contar-lhe a sua história, ou melhor, parte da sua história, as partes de que não tinha tanta vergonha, e ele, deitado a seu lado, ouviu-a e em momento algum tentara tocar-lhe noutra coisa que não fosse a cara ou as mãos, nem lhe tinha ordenado que se deitasse de costas e abrisse as pernas, ou que se ajoelhasse para lhe mamar a verga, como Pepe lhe pedia sempre de cada vez que se metiam juntos na cama. Mama-me a verga, dizia ele; mama-me os tomates, mama com força, pequena, com vontade, assim, até lá dentro, não finjas que tens nojo que eu sei bem que gostas, embora não fosse verdade, embora Norma não gostasse absolutamente nada, mas ele continuava a dizer aquilo e ela nunca o tinha desenganado. Porque a verdade era que a princípio ela tinha gostado, sim; a verdade era que a princípio ela até tinha chegado a pensar que Pepe era bonito, e até ficou contente quando a mãe o levou lá para casa para ir viver com

eles, para ser o padrasto de Norma e dos seus irmãos, porque com Pepe as coisas funcionavam melhor, e os irmãos davam-lhe menos luta, e a mãe já não se fechava na retrete a gritar que queria morrer porque não tinha ninguém, nem os deixava encerrados durante a noite para se ir embebedar. Mas Norma não estava preparada para contar a Luismi sobre Pepe; nem sequer queria pensar nele e nas coisas que tinham andado a fazer, porque se chegasse a contar-lhe o que realmente acontecera, ele iria perceber que ela era uma pessoa horrível e arrepender-se-ia de a ter ajudado, correria com ela da sua casa e enviá-la-ia de volta para a escuridão, por isso tinha-se simplesmente limitado a contar-lhe sobre Ciudad del Valle, como era feia, fria e triste, bem como o sítio onde vivia, com a mãe e o marido dela e uma cambada de irmãos chatos que lhe faziam a vida impossível, e que a mãe passava o tempo todo a ralhar com ela por causa deles. Até inventou que tinha namorado: um rapaz que supostamente estudava na mesma escola que ela, mas no sétimo ano e não no quinto; um rapaz muito bonito e muito rebelde, uma espécie de renegado de cabelos compridos e calças de ganga rotas de quem a sua família queria afastá-la a todo o custo; tudo para não ter de confessar a Luismi que na realidade o único homem que tinha beijado até então era Pepe, o seu padrasto, o marido da sua mãe, quando ela tinha doze e ele vinte e nove, daquela vez em que estavam a ver um filme na televisão, enrolados no sofá debaixo de uma manta, e ele tinha troçado dela porque nunca tinha beijado ninguém, e então Norma, só por brincadeira, só por maluqueira, pôs-lhe as duas mãos nos dois lados da cara e pespegou-lhe um húmido e sonoro beijo que roçou os lábios e o bigode que Pepe tentava deixar crescer com pouco êxito nessa altura, e que ele festejou com uma gargalhada e uma sessão de cócegas a que os seus irmãos chegaram correndo. Pepe gostava de a desafiar, de se meter

com ela; colocava a mão com a palma virada para cima precisamente no sítio onde ela ia sentar-se e beliscava-lhe o rabo e depois fingia que não tinha sido ele, e tudo aquilo era divertido, ou tinha sido divertido, a princípio porque toda aquela atenção fazia com que Norma se sentisse importante, porque Pepe insistia sempre em sentar-se ao lado dela quando viam desenhos animados, e passava-lhe o braço por cima dos ombros, acariciava-lhe as costas, os ombros, os cabelos, mas só quando a mãe de Norma estava na fábrica, só quando os seus irmãos estavam no pátio da vizinhança, a brincar com os outros miúdos, e sempre debaixo da manta para que ninguém visse o que as mãos de Pepe estavam a fazer enquanto olhavam para o ecrã, a forma como os seus dedos deslizavam pela pele de Norma e delineavam os contornos do seu corpo, carícias que nunca ninguém lhe tinha feito, nem sequer a mãe, nem mesmo nos bons tempos, quando eram só elas duas e mais ninguém, e Norma não tinha de competir por ela, pela sua atenção e pelo seu carinho. Cócegas que na realidade não faziam cócegas, mimos que a deixavam até trémula, pegajosa por dentro, envergonhada com os suspiros que de repente lhe escapavam, gemidos que tinha de disfarçar a todo o custo porque tinha medo de que os seus irmãos a ouvissem, de que a sua mãe se apercebesse, de que Pepe — que naqueles momentos parecia furioso com ela porque ficava com a respiração pesada e rouca e semicerrava os olhos — a largasse e deixasse de fazer aquilo se chegasse a aperceber-se do muito que lhe agradava, e por isso fixava os olhos no ecrã da televisão e sorria com as partes engraçadas dos desenhos animados e fazia como se na verdade não sentisse nada, como se fosse completamente insensível às carícias de Pepe, até que ele se chateava com ela ou se cansava e saía do sofá para se fechar na casa de banho, e quando regressava punha a palma da mão debaixo do nariz de Norma e obrigava-a a

cheirar o pivete que lhe ficava nas mãos depois de urinar, e então Norma ria-se, porque era tudo cómico e divertido de novo, e Pepe só tinha estado a brincar, e Pepe só tentava demonstrar-lhe o afeto que sentia por ela, um carinho que era maior do que aquele que sentia pelos outros irmãos, até por Pepito, o bebé que ele tivera há uns meses com a sua mãe. E de noite, quando se supunha que estavam já todos a dormir, Norma punha a orelha à escuta do que ele e a sua mãe conversavam, sobretudo quando falavam dela, das inquietações que a mãe sentia de ver como Norma se desenvolvia tão rapidamente, de como se comportava de forma tão estranha ultimamente e do muito que a irritava que Pepe andasse tanto de volta da miúda, e ele dizia-lhe para não ser tonta, que compreendesse que a única coisa que ele tentava fazer era dar carinho à pobre menina que nunca teve a sorte de contar com um pai, e que era normal que a rapariguinha se baralhasse um pouco ao sentir o afeto sincero e totalmente inocente de Pepe, e até que ficasse um bocadinho caída por ele, então, está na idade parva, das hormonas aos saltos, coitadinha, talvez até julgue que eu gosto dela de outra maneira, porque ainda está muito nova para saber como expressar as inquietações que começa a sentir no seu coraçãozinho, e era bom a falar, o Pepe; às vezes nem parecia que não tinha concluído a preparatória; às vezes parecia que tinha estudado leis ou jornalismo, que era licenciado ou professor, porque tinha sempre uma resposta para tudo e usava palavras que mais ninguém conhecia, e a mãe de Norma só o ouvia meio aparvalhada e ficava convencida, e no dia seguinte lá começava ela com a sua ladainha, antes de ir para o trabalho e deixar Norma em casa para que levasse os irmãos à escola e lhes preparasse a comida; Norma, já não és uma menina, dentro de pouco tempo vais ser uma mulherzinha e tens de te comportar como é devido, assumir as tuas responsabilidades nesta

casa e ser um exemplo para os teus irmãos. Ai de ti se eu vier a saber que continuas a andar com a Tere e essas miúdas ordinárias lá de baixo; e também ai de ti se me vierem dizer que te viram entrar no bilhar aonde vão os rapazes do secundário. Deves pensar que me comes as papas na cabeça, que não sei o que se passa lá dentro; até já me disseram que aquilo está cheio de rufias que só estão à espera de meter a mão nas raparigas parvas que os deixam, de se aproveitar delas e deixá-las com o seu *domingo sete*. E Norma abanava a cabeça e dizia: não, mamã, eu não vou a esses sítios, vai em paz e não te preocupes, eu venho sempre direitinha para casa, embora depois, quando ficava sozinha, se pusesse a pensar nas palavras da mãe e não entendia o que era aquilo do *domingo sete*, nem o que isso tinha a ver com as suas vizinhas, ou com o bilhar da esquina, ou com aquilo de meterem as mãos às raparigas, e preocupava-se porque, naquela altura, Pepe estava obcecado e por força que tinha de meter um dedo em Norma até lá dentro, nem que fosse à força o seu dedo do meio tinha de entrar todinho em Norma, mesmo que lhe ardesse, mesmo que acabasse com pontadas no baixo ventre. E ficou ainda mais preocupada, ao ponto da insónia, quando uma tarde entrou na casa de banho da escola com dores e ao sentar-se na sanita percebeu que tinha as cuecas sujas de sangue, um sangue escuro e podre que lhe brotava precisamente do buraco onde Pepe andara a remexer por aqueles dias. Finalmente tinha acontecido, pensou com horror naquele momento; finalmente aconteceu aquilo de que a sua mãe tanto tinha falado e avisado: o fatídico *domingo sete* que destruiria a sua vida e a de toda a sua família, o seu castigo por ter permitido que Pepe lhe metesse os dedos entre as pernas, e seguramente por ela também ter continuado aqueles toques sozinha, de noite, quando ninguém podia vê-la nem ouvi-la, quando os irmãos dormiam a sono solto a seu lado na cama, e Pepe e a sua mãe

estavam demasiado ocupados a fazer ranger as molas da cama para se virarem e ver o que ela fazia: tocar no buraco a pensar em Pepe, nos dedos de Pepe e na sua língua. Foi por isso que decidiu não dizer nada a ninguém sobre aquele sangue: tinha medo de que nessa altura a sua mãe se apercebesse do que estava a acontecer, do que Norma tinha feito, do que Pepe continuava a fazer-lhe quando ela estava no trabalho. Tinha medo de que a pusessem fora de casa, porque a sua mãe estava sempre a contar-lhe o que acontecia às raparigas parvas que apareciam com o seu *domingo sete*; de como as punham no olho da rua e como elas tinham de se desenrascar sozinhas, como bem pudessem, completamente desamparadas, tudo por terem deixado que os homens se aproveitassem delas, por não se terem dado ao respeito porque toda a gente sabe que o homem chega até onde a mulher lhe permite. E a verdade é que nessa altura Norma já tinha permitido muito ao seu padrasto, demasiado, e o pior de tudo é que ainda por cima tinha vontade de lhe permitir ainda mais, permitir-lhe que lhe fizesse o que ele tanto queria, aquilo que estava sempre a murmurar-lhe à orelha, as coisas que os rapazes da escola escreviam e desenhavam nas paredes das casas de banho, coisas que os velhos na rua lhe sussurravam à passagem e que ela queria que lhe fizessem, Pepe ou os rapazes ou os velhos, ou fosse quem fosse, na verdade: tudo desde que não tivesse de pensar nem de sentir aquele doloroso vazio que havia uns meses a fazia chorar em silêncio na almofada, de madrugada, antes de o despertador da sua mãe tocar, até mesmo antes de os primeiros camiões encherem de *smog* o gélido ar plúmbeo das manhãs em Ciudad del Valle; um choro baixinho que lhe saía muito lá de dentro e que ela não entendia, mas que ocultava dos outros porque se envergonhava: na sua idade, a chorar por nada como se ainda fosse uma menina. Porque era isso o que a sua mãe sempre lhe repetia: que já não era

nenhuma menina, que em breve seria uma mulherzinha e que devia dar-se ao respeito e ser um exemplo para os seus irmãos; que não desperdiçasse o tempo na escola, para que valesse a pena o dinheirão que tinham de pagar à dona Lucita, a do sete, para tomar conta de Pepito durante a tarde, que valorizasse o grande esforço que ela e Pepe faziam para que Normita pudesse prosseguir os seus estudos e ser alguém na vida e, sobretudo, que se visse no espelho dela, o que para ela queria dizer que Norma devia tomar sempre em conta os erros que a sua mãe tinha cometido e não tentar repeti-los, embora tivesse de se passar algum tempo para Norma finalmente compreender a que é que a mãe se referia quando falava dos seus erros: a si e aos seus irmãos, claro; mas sobretudo ela, a primeira, a primeira de cinco crianças, seis contando com o pobrezinho do Patricio, que em paz descanse; seis erros que a sua mãe cometeu, um atrás de outro, em cada uma das tentativas desesperadas para reter um homem que em quase todos os casos nem sequer se tinha dignado a reconhecer a paternidade dos meninos; homens que para Norma eram simples sombras com que a mãe se envolvia quando saía de noite a embebedar-se com as pernas à mostra com meias transparentes e sapatos de saltos que nunca a deixava experimentar. Não sejas parva, disse-lhe, na única vez em que a surpreendeu a chinelar com os seus sapatos e a brincar com Natalia a maquilhar-se em frente ao bocado de espelho que tinham pendurado na parede. Para que é que queres que os homens olhem para ti? Para que depois te queiram meter a mão? Entra-te tudo por um ouvido e sai-te pelo outro, não é verdade? Tu não aprendes com os meus erros, Norma. Lava a cara e tira isso e ai de ti se eu te chegar a ver assim na rua, ai de ti se as vizinhas me disserem que te viram com a minha roupa e com o meu batom. E Norma assentia e pedia perdão à mãe e lavava às escondidas as cuecas sujas de sangue para que a mãe não a

expulsasse de casa, para que não visse que o seu pior pesadelo se tinha tornado realidade, até que finalmente um dia compreendeu que tinha estado enganada todo aquele tempo; que o *domingo sete* não era o sangue que lhe sujava a roupa, mas sim o que acontecia no corpo quando esse mesmo sangue deixava de brotar. É que um dia em que regressava da escola, Norma encontrou caído no chão um livrinho de papel tosco com a capa de cartão rasgada, que se chamava *Contos de Fadas para Crianças de Todas as Idades*, e ao abri-lo ao acaso a primeira coisa que os seus olhos viram foi uma ilustração a preto-e-branco onde um homenzinho corcunda chorava aterrorizado ao mesmo tempo que um grupo de bruxas com asas de morcego enterravam facas nas suas costas volumosas, e a ilustração era tão estranha que, sem se importar com a hora nem com a chuva iminente, sem se importar sequer que tinha de chegar a casa para lavar a louça e encarregar-se dos irmãos antes de a mãe chegar da fábrica, Norma pôs-se a ler o conto todo na paragem do autocarro, porque em casa nunca havia tempo para ler nada, e além disso nem se conseguia, com o barulho que os irmãos faziam, o ruído da televisão ligada, os gritos da sua mãe, as brincadeiras de Pepe, e a pilha de tarefas que tinha de fazer depois de esfregar as panelas da comida que ela própria tinha cozinhado ao almoço, antes de ir para a escola; por isso cobriu a cabeça com o capuz do casaco e encolheu as pernas sob a amplitude da saia e preparou-se para ler o conto todo daqueles corcundas, porque era assim que se chamava a história, e que tratava de um corcunda que uma tarde se perdia no bosque próximo da sua casa, um bosque escuro e tenebroso onde diziam que as bruxas se reuniam para fazer as suas maldades, e era por isso que o homenzinho tinha tanto medo de estar ali perdido, sem poder encontrar o caminho de regresso a sua casa, vagueando na penumbra até que se fez de noite e viu uma fogueira ao longe e, pensando que

se tratava de um acampamento, correu até lá, já com a certeza de se ter salvo, e qual foi o seu espanto quando chegou à clareira onde resplandecia a gigantesca fogueira e se apercebeu de que aquilo era um *aquelarre*: uma reunião de bruxas, de velhas horrorosas com garras em vez de mãos e asas de morcego que dançavam macabramente em volta de uma fogueira enorme enquanto cantavam: *segunda-feira e terça-feira e quarta-feira, três, segunda-feira e terça-feira e quarta-feira, três; segunda-feira e terça-feira e quarta-feira, três*, e riam-se estrepitosamente com as suas horríveis gargalhadas de harpias e lançavam uivos à lua cheia, e o corcunda, que tinha conseguido esconder-se atrás de uma enorme pedra perto da fogueira, sem que as bruxas o vissem, escutava aquele cântico repetitivo e, sem saber como, sem conseguir explicar o impulso irresistível que de repente o dominou, quando as bruxas cantaram de novo *segunda-feira e terça-feira e quarta-feira, três*, o corcundinha inspirou, ergueu-se por cima da rocha que o ocultava e, com toda a força dos seus pulmões, gritou: *quinta-feira e sexta-feira e sábado, seis*. O seu grito ecoou naquela clareira com violência inusitada, e as bruxas, ao ouvi-lo, ficaram pasmadas, petrificadas em volta da fogueira que projetava horríveis sombras sobre as suas figuras macabras, e segundos depois já estavam todas a correr e a esvoaçar por entre as árvores do bosque, guinchando e gritando que tinham de encontrar o humano que dissera aquilo, e o pobre corcunda, encolhido atrás da pedra, pôs-se a tremer pensando na sorte que o esperava, mas quando as bruxas por fim o encontraram não lhe fizeram mal nenhum, como ele tinha julgado, nem o converteram em sapo ou em larva, e muito menos o comeram, mas agarraram todas nele e com feitiços fizeram aparecer enormes facas mágicas com as quais lhe cortaram a corcunda, sem derramar uma única gota de sangue nem lhe causarem o menor sofrimento, porque as bruxas

na realidade estavam contentes por o homenzinho ter melhorado a sua canção, que para dizer a verdade já começava a parecer-lhes um pouco monótona, e quando o corcunda viu que já não tinha corcunda, que as suas costas estavam completamente lisas e que não tinha já de caminhar encurvado ficou feliz, tremendamente feliz e contente, e além de o curarem da corcunda, as bruxas também lhe ofereceram uma panela cheia de moedas de ouro, e agradeceram-lhe por ele ter arranjado tão bem a sua canção, e antes de reatarem o seu *aquelarre* indicaram-lhe a maneira de sair daquela parte encantada do bosque, e o homenzinho correu então até sua casa, direitinho a contar tudo ao seu vizinho, que também era corcunda, e a mostrar-lhe as suas costas saudáveis e as riquezas que tinha obtido das bruxas, e o vizinho, que era um homem ruim e invejoso, ficou a pensar que ele merecia mais aqueles prémios do que o outro, porque era mais inteligente e mais importante, e aquelas bruxas deviam ser umas verdadeiras idiotas para andarem a oferecer o ouro assim sem mais nem menos e, quando chegou a sexta-feira seguinte, o corcunda invejoso já estava convencido de que ele devia tentar o mesmo que o outro, e ao cair a noite lançou-se pelo bosque à procura do *aquelarre* das bruxas cretinas, e andou a caminhar muitas horas na escuridão até que acabou também por se perder e, quando estava quase a sentar-se debaixo de uma árvore a chorar de medo e desespero, conseguiu distinguir ao longe, na parte mais espessa e tenebrosa do bosque, a fogueira em volta da qual as bruxas bailavam e cantavam: *segunda-feira e terça-feira e quarta-feira, três, quinta-feira e sexta-feira e sábado, seis; segunda-feira e terça-feira e quarta-feira, três, quinta-feira e sexta-feira e sábado, seis*, e então o vizinho invejoso correu até elas e escondeu-se atrás da pedra enorme, e no momento em que as bruxas cantavam *segunda-feira e terça-feira e quarta-feira, três, quinta-feira e sexta-feira e sábado*,

seis, o infeliz homenzinho, que apesar de se julgar mais inteligente que o seu vizinho era na realidade um sujeito muito pouco engenhoso, abriu bem a boca, engoliu a maior quantidade de ar que pôde, e até colocou as mãos ao lado da cara, para que a sua voz saísse mais potente e gritou: *DOMINGO SETE*, com toda a força de que foi capaz, e quando as bruxas o ouviram ficaram petrificadas a meio da dança, congeladas no sítio pela surpresa, e o idiota do corcunda saiu do seu esconderijo e abriu os braços para se mostrar diante delas, pensando que em breve iriam para junto dele para lhe tirarem a corcunda e entregar-lhe uma panela de ouro ainda maior do que a que tinham dado ao seu vizinho, mas de repente apercebeu-se de que as bruxas estavam furiosas, que dilaceravam o peito e arrancavam tiras de carne com as suas próprias unhas, e faziam cortes nas faces e puxavam pelos cabelos hirsutos que coroavam as suas espantosas cabeças ao mesmo tempo que rugiam como bestas enlouquecidas, gritando quem foi o desgraçado que disse domingo, quem foi o infeliz que arruinou a nossa canção, e de repente deram pela presença do homenzinho mau e voaram na direção dele e com encantos e magias fizeram aparecer a corcunda que tinham tirado ao primeiro homem, e como castigo pela sua imprudência e pela sua cobiça puseram-lha na barriga, e em vez de uma panela de ouro fizeram surgir uma panela de verrugas que saltaram do recipiente e imediatamente se colaram ao corpo daquele infeliz, que não teve outro remédio senão regressar assim à sua terra, com duas corcundas em vez de uma e verrugas na cara e no corpo, e tudo por ter tido a ideia do seu domingo sete, explicava o livro, e na última ilustração da história aparecia o vizinho invejoso com aquelas duas corcundas, uma a deformar-lhe os ombros e a outra fazendo-o parecer grávido, e foi então que Norma por fim compreendeu que tinha sido uma tonta ao pensar que o fatídico domingo sete era o sangue que todos

os meses lhe sujava os fundos das cuecas, porque era óbvio que se referia, sim, ao que acontecia quando o sangue deixava de correr; o que acontecia à sua mãe depois de uma temporada a sair à noite com as suas meias cor de carne e os seus sapatos de salto, quando de um dia para o outro a barriga começava a inchar até adquirir dimensões grotescas para finalmente expulsar uma nova criança, um novo irmão, um novo erro que gerava uma nova série de problemas para a sua mãe, mas sobretudo, para Norma: desvelos, cansaço sufocante, fraldas hediondas, montes de roupa vomitada, choro interminável, inacabável, infinito; uma boca mais que se abria para exigir comida e lançar gritos; um corpo mais a ter que vigiar e cuidar e disciplinar até que a mãe voltasse do trabalho, rebentada, tão faminta, tão maldisposta e suja como o mais pequeno dos seus irmãos, mais uma criança que Norma tinha de alimentar, acariciar e consolar enquanto esfregava e massajava com óleo de bebé os calos duros e os músculos tesos por todas aquelas horas que a mãe passava de pé a executar inúmeras vezes os mesmos movimentos em frente das máquinas de coser. Sobretudo ouvi-la, sobretudo isso: ouvir as dores da mãe, as queixas, os ralhetes, as mesmas admoestações de sempre, e assentir, dar-lhe razão, olhar para ela nos olhos com um sorriso na boca, dar-lhe beijos na testa e palmadinhas nas costas quando chorava, porque se Norma conseguisse que a mãe desabafasse, se Norma conseguisse que a mãe descarregasse as angústias que lhe oprimiam o coração, talvez mais tarde ela já não sentisse tanta vontade de se fechar na retrete a gritar que queria morrer, nem saísse a embebedar-se para procurar o afeto e as carícias dos homens, a deixar que aqueles cabrões lhe fizessem mal, são todos iguais, uns cabrões que nos dão a Lua e as estrelas, mas que dali a pouco nos atiram para o chão como se fôssemos um trapo velho e malcheiroso, mas tu não sejas parva, Norma, tu não podes acreditar neles: não

esperes carinho deles, não esperes nada, são uns filhos da mãe; tu tens de ser mais esperta do que eles, tens de te dar ao respeito porque assim só vão até onde tu deixares, e é aí que deves ser mais inteligente do que eles, reservares-te até chegar o bom, um homem honesto e trabalhador que cumpra a sua palavra, um homem bom como Pepe, que nunca te deixe abandonada com o teu domingo sete, e Norma assentia e dizia que sim, que assim faria, que ela nunca acreditaria nos homens, que nunca sucumbiria perante a sua maldade, perante as asquerosidades que esses cabrões fazem às mulheres para as perder, e de madrugada, quando chorava em silêncio na cama, pensava que tinha de existir verdadeiramente alguma coisa muito má dentro de si, alguma coisa podre e imunda que a fazia ter tanto prazer com as coisas que ela e Pepe faziam juntos, nos dias em que ele fazia o terceiro turno da fábrica e chegava a casa de manhã, precisamente depois de a mãe de Norma já ter saído, e entrava na cozinha, afastava Norma da tarefa que estivesse a fazer e levava-a para junto da cama grande, a que ele e a mãe partilhavam agora, e despia-a apesar de ela ainda não ter tomado banho, e deitava-a, tremendo de antecipação e de frio, sobre os lençóis gelados e cobria-a com o seu próprio corpo nu e apertava-a com muita força contra o seu peito musculado e beijava-a na boca com uma fome selvagem que Norma achava ao mesmo tempo deliciosa e repugnante, mas o segredo era não pensar; não pensar em nada enquanto ele lhe apertava os seios e lhos chupava; não pensar em nada quando Pepe se montava em cima dela e com a sua verga untada de saliva ia aumentando e alargando aquele buraco que ele mesmo lhe tinha aberto com os dedos, enquanto viam televisão, debaixo das mantas. Porque antes de Pepe nada existia ali, só dobras de pele por onde lhe saía o jato da urina quando se sentava na sanita e o outro buraco por onde lhe saía a caca, claro, mas sabe-se lá

como e com que manhas Pepe conseguiu fazer-lhe mais um orifício, um buraco que, com o tempo e os dedos calejados de Pepe e a ponta da sua língua, foi crescendo até ser capaz de albergar completamente a verga do seu padrasto, até ao fundo, dizia ele, até a encher toda, como deve ser, como Norma merecia, como ela mesma lhe tinha andado a pedir em silêncio todos aqueles anos, não era? Porque ali estava aquele beijo que ela lhe tinha dado, como prova de que tinha sido ela quem começou tudo; ela, a que o seduziu a ele, suplicando-lhe com os olhos; ela, a que na cama se mexia saporosamente e se metia sozinha na sua verga tesa, como que desesperada, como que possessa, ansiosa por receber o seu leite. Era por isso que nunca durava quase nada dentro dela: tão apetitosa que ela estava, ainda tão apertada, tão terna entre os seus braços. Desde menina que se notava que ela era fogosa, caramba; desde pequenita que se via que ia ser uma máquina de foder, pela maneira como movia as nádegas quando caminhava, e pela forma como olhava para ele, e por querer estar sempre colada a ele, sempre em cima dele, sempre a espiá-lo quando ele se punha a fazer os seus exercícios ou quando se despia para se meter no duche, com aquele sorrisinho malicioso que não era o de uma menina, mas sim o de uma mulher cheia de desejo, uma mulher que seria sua, mais cedo ou mais tarde seria sua, embora primeiro tivesse de a preparar, não é verdade? Educá-la, ensiná-la, acostumando-a pouco a pouco para não lhe fazer mal; ele não era besta nenhuma, pelo contrário; ele só lhe dava o que ela pedia: uma carícia bonita, um afago, uma massagenzinha naqueles seios que já começavam a ficar inchados pelo contacto diário com os seus dedos, os mamilos bem gordinhos já depois de umas boas chupadelas, e o triângulozinho entre as pernas bem molhadinho de tanto esfregar a pequena campainha, a pequena ostra que ele gostava de sorver com a boca, de tal forma

que quando é preciso a verga entra sozinha e não magoa, pelo contrário: é a própria Norma quem lhe pede, o seu próprio corpo que a reclama. Porque se tu não a pedisses, Norma, a minha verga não entraria toda em ti, estás a ver? Se não gostasses do que te faço não ficarias tão bem molhadinha. E enquanto o seu padrasto lhe dizia tudo isto ao ouvido, Norma mordida os lábios e concentrava todas as suas forças em manter o ritmo furioso com que movia as suas ancas, porque quanto mais se mexesse, mais rapidamente Pepe se viria e então ela poderia aninhar-se na concavidade da sua axila enquanto ele a abraçava e a embalava e a beijava na linha do cabelo até que a verga endurecesse outra vez. Era esse momento que Norma sempre esperava: quando podia fechar os olhos e colar o seu corpo nu ao de Pepe e esquecer por um instante que nunca durava o suficiente, que havia algo de maligno e terrível em si por procurar esse contacto, esse abraço simples, e desejar que pudesse durar para sempre, ainda que isso significasse atraiçoar a mãe, atraiçoá-la apesar de tudo o que ela fazia por Norma e pelos seus irmãos. Porque no fim acabava sempre por sentir um grande nojo de si mesma, um ódio recalcitrante por estar a arruinar a última oportunidade que a mãe tinha de ser feliz com um homem a seu lado, com um pai para os seus filhos, alguém com quem fazer ranger as molas da cama aos sábados à noite, e entre tanto nojo e tanto prazer e tanta vergonha e tanta dor Norma não soube como foi que aconteceu, como foi que engravidou, porque ela pensava que Pepe se encarregava de tudo, que Pepe sabia como fazer as coisas, até fazia as contas ao seu período, e estava atento a toda a hora aos seus sangramentos, e supostamente sabia quando é que podia metê-la e quando não, e durante um tempo até lhe tinha andado a dar uns comprimidos diminutos que faziam com que Pepe pudesse vir-se dentro dela quando queria, mas depois teve medo de que a mãe de Norma os

encontrasse e tinha deixado de lhos dar. Norma não soube quando foi que aconteceu, de repente só lhe pareceu que a vida se tinha tornado ainda mais cinzenta e fria que de costume; que cada vez se tornava mais difícil levantar-se às cinco da manhã para preparar o café da sua mãe e embrulhar-lhe o almoço que levava para a fábrica; que passava a vida na escola a bocejar de sono e que o frio era uma tortura e que tinha fome a toda a hora apesar de a comida lhe parecer horrível e a única coisa que lhe apetecia eram bolos e pão, fresco e acabado de sair do forno ou duro e até bolorento; queria comer pão a toda a hora e o resto da comida, o cheiro do tomate cozinhado, por exemplo, dava-lhe vômitos; o mesmo acontecia com o fedor das pessoas que viajavam coladas a si no autocarro, e com o cheirete a azedo dos seus irmãos, sobretudo o de Gustavo, que naquela idade ainda não tinha aprendido a limpar bem o rabo e que insistia sempre em dormir colado a ela, e aquele fedor a merda suada seguia-o por todo o lado e colava-se ao nariz de Norma não a deixando dormir e dava-lhe vontade de tirar o miúdo da cama a pontapé, de lhe bater e puxá-lo pelos cabelos até que ele aprendesse a limpar-se bem, o raio do javardo; um dia vou deixar-te na rua, pa' te perderes, pa' que te roubem; vou agarrar em vocês todos pelas trufas para que o homem do saco vos leve, para ver se assim deixam de chatear, para ver se assim as coisas voltam a ser como antes, como quando Norma e a mãe viviam sozinhas, antes de irem para Ciudad del Valle, para aqueles quartos sombrios que a mãe arrendava ao dia e onde não podiam fazer a comida e viviam à base de pão de forma industrial, bananas e leite condensado, e mesmo assim a mãe ainda conseguia continuar a engordar e a engordar, até já nem sequer poder agachar-se para atar as correias das sandálias, até que uma madrugada Norma acordou por causa do frio e viu que estava sozinha na cama porque a mãe tinha saído sem lhe dizer para

onde, deixando-a fechada à chave, e por mais que Norma chorasse e chorasse durante horas, durante o que a ela lhe pareceu dias inteiros, a mãe só voltou duas noites depois, toda pálida e olheirenta e com um vulto nos braços: o seu irmão Manolo, um duende enrugado e chorão que vivia agarrado às mamas da mãe e que berrava sem parar cada vez que Norma ficava a cuidar dele enquanto a mãe procurava trabalho. E depois de Manolo chegou Natalia, e depois de Natalia, Gustavo, e depois Patricio, o pobre Patricio, e os quartos arrendados tornavam-se cada vez mais gélidos e mais húmidos, e Norma nunca via a mãe, porque finalmente tinha encontrado um trabalho numa fábrica de casacos, e às vezes fazia dois turnos seguidos para que o dinheiro chegasse, e Norma sentia falta da mãe, mas rapidamente aprendeu que se chorasse quando ela chegava do trabalho, se se queixasse dos irmãos e das maldades que tinham feito, a mãe entristecia-se tanto que logo a seguir tinha vontade de pôr os sapatos de salto e sair à procura de alguém que a convidasse para um copo, por isso Norma calava-se. Não podia falhar à sua mãe, tinha de a ajudar; sozinha, sem Norma, e rodeada por aqueles putos berrões, a mãe enlouqueceria; isso era o que ela dizia sempre, que não podia viver sem Norma, sem a sua presença e a sua ajuda. Por isso é que lhe dava tanta raiva ser tão tonta, as coisas entrarem-lhe por um ouvido e saírem-lhe pelo outro sem dar atenção às suas advertências; chegas cada vez mais tarde da escola, porra: o teu lugar é aqui em casa, Norma. Onde é que raio estavas a estas horas? Porque é que demoraste tanto? Ficaste a ler na rua o quê? Achas que sou louca, que nasci ontem, que não tenho a certeza que andaste feita tonta com algum rapaz? Não tens vergonha de deixar os teus irmãos sozinhos? Não te remorde a consciência continuares a reprovar nas disciplinas? Olha-me só para essas olheiras, para essa barriga, pareces uma baleia, de certeza que estás cheia de lombrigas,

minha porca; comeste o pão dos teus irmãos, e agora o que é que lhes vamos dar ao lanche? Não tens vergonha na cara, a sério. Mas que cabra que tu me saíste. E Pepe: pronto, mulher, aguenta os cavalos, qual é o problema? Esta cabra de merda é o problema, o que é que vamos fazer quando aparecer com o seu domingo sete por ser uma vadia? O que é que vamos fazer? Nada, mulher; porque é que te preocupas assim tanto se são as coisas da vida? É para isso que somos uma família, não é verdade? Para nos apoiarmos, para andarmos para a frente todos juntos, não é? E ainda se atreveu a piscar o olho a Norma quando a mãe não estava a ver. Se Norma tiver um miúdo, pomos-lhe o meu apelido e todos cuidamos dele, não é verdade? E a mãe: se eu venho a saber que andas feita maluca com esses rapazes estúpidos do secundário, corro-te da casa, estás-me a ouvir? Eu e o Pepe não andamos a trabalhar que nem cães para tu depois andares por aí feita desavergonhada. E Norma mordida os lábios, mordida a língua para não responder à mãe, pois preferia morrer a contar-lhe a verdade, a confessar-lhe o que ela e Pepe faziam ali mesmo na sua própria cama, pois estava convencida de que isso destruiria a mãe, se bem que o que realmente a aterrorizava era a possibilidade de que não acreditasse nela. E se Norma lhe contasse a verdade e Pepe a convencesse de que era tudo mentira? Ou mesmo acreditando acabasse por preferir ficar com ele e expulsá-la a ela, mandá-la sem mais nem menos para a rua? Talvez o melhor fosse fugir de uma vez por todas, fugir antes que se notasse mais, fugir de casa, de Ciudad del Valle, daquele frio que mesmo em maio lhe entrava até aos ossos de madrugada; regressar a Puerto, aos tempos em que a mãe e ela tiraram aquelas férias, e escalar novamente a escarpa e atirar-se ao mar com tudo e com aquela coisa que crescia nas suas entranhas. A mãe nunca a encontraria; pensaria que Norma tinha fugido com algum rapaz e

ficaria tão furiosa que talvez nem sequer se desse ao trabalho de a procurar, nem choraria por ela de noite ao pensar em como era boa, no muito que os ajudava, em como a casa estava vazia sem a sua presença; melhor fugir antes de a mãe deixar de precisar dela; melhor morrer que perdê-la. Foi por isso que disse que sim a Chabela, quando já estava havia três semanas em La Matosa e Luismi tinha começado a olhar com ternura para a sua barriga, embora ela ainda não se atrevesse a contar-lhe nada. Eram assim as coisas com Luismi: mal falavam. Ele acordava depois do meio-dia, quando o calor naquele quartinho se tornava infernal, ia tomar banho ao rio depois de ter comido fosse o que fosse que Norma lhe oferecesse, sem nunca se queixar, mas também sem a elogiar, porque sabia muito bem que aquela comida era paga por Chabela. Luismi nunca dava dinheiro a Norma, não lhe dava para as despesas como a sua mãe costumava fazer todos os dias antes de ir para a fábrica; pois não lhe dava nada mais que aquele teto e, às vezes, só se ela lhe pedia, oferecia-lhe a sua verga murcha pela madrugada e Norma, mais para lhe pagar a gentileza do que por apetência, subia para cima dele e inclinava-se a beijar-lhe a boca entreaberta, aquela boca que quase sempre cheirava a cerveja rançosa e a saliva alheia; aquela boca que nunca a rejeitava, mas que também só a procurava para lhe beijar o ventre com doçura. Quem sabe o que pensaria Luismi da coisa que crescia ali dentro; quem sabe se teria a ilusão de que fosse dele, apesar do que Norma lhe tinha já contado sobre aquele rapaz inventado que a seduzira com enganos; quem sabe o que lhe passaria pela cabeça quando acordava ao meio-dia e ficava um grande bocado sentado no colchão, com o olhar fixo na terra gretada pelo sol impiedoso, perdido na algazarra dos quíscalos e das gralhas que faziam ninho nas árvores próximas, com os cabelos alvoroçados e a boca entreaberta. Tão feio que ele era, pensava

Norma ao observá-lo; e tão doce, ao mesmo tempo; tão fácil de gostar, mas tão difícil de compreender, de alcançar: porque é que insistia em dizer a Norma, e a todos os que quisessem ouvi-lo, que trabalhava como segurança num armazém de Villa, se Norma nunca o viu com farda? Se as horas a que ia e vinha da povoação nunca eram as mesmas, nem se ajustavam a um horário laboral sensato? Porque é que nunca tinha dinheiro, mas regressava a casa sempre a cheirar a cerveja, às vezes com uma peça de roupa nova vestida, ou com uma prenda inútil para ela: uma rosa murcha envolvida em celofane, um leque de cartão pintado, uma tiara de fantasia, dessas que oferecem nas festas, obséquios para uma menina tonta, não para uma esposa? Porque é que dizia que Norma era o melhor que lhe tinha acontecido na vida, o mais puro, especial e sincero que tinha sentido até ao momento, se mal lhe tocava, se mal falava com ela, se Norma sentia que o carinho que ele dizia sentir por ela era uma coisa frágil que qualquer ventinho poderia arrancar-lhes das mãos a qualquer segundo? O pai dele era assim igualzinho, tão estúpido como ele, dizia Chabela, brandindo o garfo com comida já fria; mas mais estúpida fui eu por me deixar engravidar por esse idiota. Por ser mesmo tonta, por ser tapadinha; porque Maurilio trazia-me pelo beicinho com a sua lábia, com as suas cantiguinhas, mas sobretudo com a sua verga; porque eu tinha catorze anos quando o conheci, acabada de chegar a Villa, farta até aos cabelos de cortar limões lá no rancho e de o meu pai arrecadar o dinheiro todo e gastá-lo a emborrachar-se e a apostá-lo nos galos; até ao dia em que eu soube que andavam por aqui a construir uma estrada nova, para ligar os poços a Puerto, e que diziam que era uma mina de ouro e que havia muito trabalho, e eu não sabia fazer anda, só cortar limões, mas vim na mesma para cá sozinha, e qual foi a minha surpresa quando vi que esta terra era ainda mais fodida que Matadepita, puta que pariu,

e o único lugar onde me deram trabalho foi lá na *fonda* da dona Tina, maldita puta velha e cara de caralho, avarenta como só ela. Eu quase tinha de lhe pedir por favor que me pagasse, negra de merda, e dizia que eu ficava com as gorjetas — mas quais? —, se naquela barraca de merda não paravam nem as moscas. Ah, mas claro, a filha da mãe julgava-se muito bem na vida, muito burguesa e decente, como se a catrefa de filhos que teve tivessem sido feitos pelo Espírito Santo, vejam lá; como se não tivesse comprado o negócio e o terreno com o dinheiro que ela ganhou a montar os vendedores de comida e outros trabalhadores que se instalaram primeiro deste lado da estrada. Agora a velha *cambuja*^[2] de merda quer armar-se em santa e decente, mas as duas filhas saíram ainda mais *saltapatrás*^[3] e mais putas que ela, já para não falar nas netas, claro. Sempre me olharam de ponta, todas elas, e desde que entrei para a *fonda* que me trataram a pontapé, e pior ainda quando ficaram a saber que eu andava com Maurílio; inventaram logo que eu tinha sida e que tinha matado não sei quantos motoristas de uma empresa de transportes, só calúnias fodidas que elas inventaram por inveja pura. E o raio do Maurílio nunca me defendeu delas: poucos tomates, chulo de merda. Eu não sei mesmo como é que eu pude ser parva a ponto de deixar que ele me fizesse esse rapaz. Eu antes de engravidar era boa como o milho, um dia mostro-te as minhas fotografias; ó miúda, eu fazia parar o trânsito quando mostrava a perna na estrada e se tivesse ido para a Capital, como toda a gente me dizia para ir, de certeza que me teriam contratado para aparecer na televisão, ou na capa das revistas, bonita e boa como eu era, miúda. Eh pá, eu levava o dinheiro que queria nessa época, antes de engravidar, e até me dava ao luxo de fingir que não queria para que eles me viessem parar à mão: bastava baixar a blusa ou mostrar-lhes o cu e ficavam logo com ela tesa como o ferro. Mas o meu grande

erro foi ficar de beijo caído pelo Maurilio. Foi essa a minha perdição. A ele nem lhe levava dinheiro, imagina tu; era parva a esse ponto. As pessoas depois diziam que eu comecei na vida porque ele me exigiu, mas é tudo mentira, até para isso era parvo; nunca teve espírito empreendedor. Eu comecei nisto da putaria sozinha, por assim dizer; sim, a mim isto sempre me saiu natural. E tu de certeza que me percebes, Clarita, porque tu fazes-te assim muito tontinha e muito envergonhadinha, mas não estarias nestes apuros se não gostasses da moca, cabrona. Não te acontecia teres umas cocegazinhas nas partes quando eras miúda? Não tinhas os teus amiguinhos para brincarem aos médicos e às picadas de enfermeiro? Eu percebia e fugia do meu pai para ir para os descampados espiar os casalinhos que fodiam ali e depois fazia o mesmo com os rapazes que havia lá em casa; levava-os para longe, escondíamo-nos nos matagais, eu baixava as cuecas e abria as pernas e fodia com eles todos e até tremia de emoção quando vinham para cima de mim com as suas vergazinhas todas duras, e os cabrões até faziam fila para foder comigo, e nessa altura nem pelos ainda tínhamos. Foi por causa de ser assim quente que fiquei grávida desse maldito rapaz, pelo prazer que me dava foder com Maurilio; com os outros, não, com esses nunca tinha prazer, só com ele, mas pouco me durou o gosto, Clarita, porque aí uns seis meses depois de vivermos juntos meteram aquele estúpido na prisa por matar um pobre cabrão de Matacocuíte e eu fiquei sozinha e tive de começar a fazer o passeio para não morrer de fome, e para poder levar dinheiro ao Maurilio na prisão e continuar a foder com ele lá dentro, na prisa. Foi nessa época que mais dinheiro fiz, porque não penses, eu até sentia um bocado a falta do idiota do Maurilio, mas ao mesmo tempo estava mais livre que nunca, sem ninguém que me estorvasse nem me roubasse o tempo, e eu estava sempre a trabalhar

e ia com todos os que me chamavam, por mais feios e gordos que os cabrões fossem: se pagassem bem, eu oferecia-me logo. No fim de contas, dizia eu para mim, os homens são todos a mesma merda; querem todos o mesmo; todos sonham mostrar-te a sua pilinha e que tu digas: eh pá, tens cá um canhão, e que bem que sabe, mete-o devagarinho para não me aleijares, embora muito no fundo eles saibam que é tudo uma conversa da treta, não é verdade? Porque são todos, todos iguais. Quer dizer, têm as suas diferenças, não é? E é preciso saber prendê-los cada um a seu jeito, porque não é a mesma coisa um rapazito encostar-te o seu pirolito que um bando de motoristas gordos e malcheirosos estarem no mete e mete sem que tu saibas sequer como se chama o que ta mete, não é verdade? E isso é o que dá mais trabalho, a princípio: acostumares-te a lidar com esses gajos, aprenderes a ir ao encontro deles, a suportar os bêbados; mas passado um bocado agarras o jeito, e a verdade é que até o corpo vai ganhando gosto pela coisa, e o melhor de tudo é que com a idade vais ficando menos parva e apercebes-te de que para fazer dinheiro neste negócio, dinheiro de verdade, a única coisa que é preciso ter é umas boas nalgas, e melhor ainda se não forem as tuas, miúda; melhor se forem de uma data de miúdas parvas com o mesmo abanar de ancas com que tu começaste: o negócio a sério está aí. Por isso é que eu já não me ando prá aí a desgastar. Porque é que tu achas que continuo direitinha? Já estou gasta e enrugada, mas olha, olha só para estas nalgas, olha como ainda estão rijas; e olha, não tenho nem uma única estria na barriga, e ainda aperto como se fosse uma juvenzinha. Porque agora já só fodo com quem me apetece, e até me dou ao luxo de manter o meu marido, que aqui entre nós, tal como o vês assim já todo frouxo e fodido, tem uma manha para usar a língua que nem imaginas, Clarita; basta eu sentar-me na cara dele e só paro depois de me vir algumas cinco vezes

seguidas; é uma coisa brutal, o sacana do Munra. É só por isso que não o mando para a puta que o pariu, é só por isso que tenho aguentado o maldito coxo dum caralho todos estes anos. E se visses o bonito que ele era quando era rapaz, todo macho em cima da sua moto, antes desses filhos da puta dos camionistas o terem desgraçado. E Norma olhou para Munra, sentado no cadeirão em frente da televisão, a rebentar com a unha do indicador uma borbulha gigantesca que lhe tinha aparecido no pescoço, e não pôde evitar um calafrio ao imaginar a cara daquele homem metida entre as suas coxas. Pelo menos Pepe era bonito; pelo menos Pepe tinha uns bíceps que conseguia fazer inchar até quase lhe rebentarem as costuras da camisa. Pepe fazia cem flexões, cem agachamentos e cem abdominais todas as manhãs, assim que acordava, e era tão forte que uma vez a carregou durante vários quilómetros pela montanha abaixo, naquela viagem que fizeram aos montes que rodeavam Ciudad del Valle, quando Norma ficou com os pés congelados por não ter posto meias. Eh pá, continuava a dizer Chabela, quando o Munra chegou à minha vida eu já era uma sabidona, e foi por isso que lhe disse que se queria estar comigo tinha de cortar a mangueira dos tomates, porque eu já não queria voltar a ter mais filhos; eu já não estava para surpresasinhas de merda. Já tinha ficado bastante traumatizada com a vinda do puto. Nem tanto pela dor de o parir, mas como tudo correu mal depois de o ter; sentia-me mal como a merda o tempo todo e não podia trabalhar, quase morri de fome, com o Maurilio dentro e eu doente e sem um chavo. Mas agora que penso nisso foi nessa altura que dei a volta à coisa e percebi como tinha sido parva o tempo todo e disse cá para mim: vou mandar o Maurilio prá puta que o pariu; não vou voltar a ir visitá-lo à prisá nem lhe dou nem mais um cêntimo; que a puta da mãe o mantenha a ele e ao filho. Embora não tenha sido

fácil tomar a decisão, porque a verdade é que nessa altura eu ainda andava toda babada pelo Maurilio. Só conseguia gozar com ele; com os clientes digo-te já que não; com eles era só trabalhinho, era só conversa, mais nada, mas com Maurilio era diferente. E é que o cabrão tinha uma moca assim, deste tamanho, miúda, e apesar de não ter jeito para foder, assim que eu chegava, empurrava-o para a cama e trepava para cima dele e sumia-me naquela verga até não a ver; montava nele como se fosse um cavaleiro de feira, como um touro mecânico. É que nessa altura eu era mesmo parva, digo-te; eu não sabia que quando tens gozo com um homem a tua matriz aquece e é nessa altura que é mais fácil a esporra pegar; eu não sabia nada, tinha só quinze anos e não me apercebi de nada senão quando já era demasiado tarde para o tirar. Porque eu nunca quis ter filhos, e o teu marido sabe isso muito bem, porque estas coisas são para se dizer, para quê andar a fazer de mártir, o melhor é dizer as coisas bem claras e sem papas na língua e que toda a gente saiba: isso de ter filhos é fodido; não há maneira de compor o ramalhete, pois no fundo os miúdos são todos um fardo, umas carraças, uns parasitas que nos chupam a vida e o sangue e ainda por cima nem agradecem nunca os sacrifícios que a gente tem mesmo de fazer por eles. Tu sabes bem como é, Clarita, tu viste como a tua mãe se foi enchendo de filhos, um a seguir ao outro, como se fosse uma maldição, e tudo por causa da porcaria do gozo, não digas que não; pela porcaria dos calores, e por ser parva, por acreditar que os homens nos vão ajudar, mas na hora do aperto nós é que temos de nos desenrascar para os tirar cá de dentro e desenrascarmo-nos para cuidar deles e desenrascarmo-nos para os manter, enquanto o cabrão do teu marido dá de frosques e aparece quando lhe dá na gana. Ou achas mesmo que o parvo do Luismi vai mudar se tiveres a tua cria? Nem pensar, eu conheço-o bem! Já te deve ter dito para o teres, que ele te vai

apoiar, que vai ser o pai, e sabe-se lá quantas patacoadas mais, não é assim? Mas ouve o que te vou dizer, miúda, e não me leves a mal, que eu sei como é que ele é; não foi em vão que o pai e deixa-me que te diga que ele é um inútil como o pai, e nunca vai mudar, nunca te irá ajudar porque a única coisa que esse cabrão tem na cabeça é a droga. A droga e a paneleirice. Mesmo que ele te diga que já não, que já a largou; mesmo que ele jure e volte a jurar que só sai para beber umas cervejas, é só uma questão de tempo até voltar ao vício, aos comprimidos, aos bares da estrada. Se ao menos metesse coca, porra, andava desperto e bem vivo, mas do que ele gosta é de andar feito parvo, e sabes bem que te estou a dizer a verdade porque tu não és nenhuma idiota, Clarita; tu não tens culpa de que um cabrão se aproveite e te engane, mas tens de perceber que este rapaz não vai mudar nunca, diga ele o que disser e prometa o que prometer. Tu achas que eu não sei nas merdas em que ele anda metido? Tu acreditas que algum dia ele vai deixar a paneleirice e te vai foder como tu mereces? O melhor conselho que te posso dar é este: deixa-me levar-te à minha amiga; deixa-me ajudar-te nisso, e assim poderás pensar bem no que queres fazer sem a pressão de ter um puto na barriga, porque ainda és muito novinha para saber sequer o que raio queres desta vida, e quando te vejo é como se me visse a mim mesma quando era miúda e penso: quem me dera ter tido naquela altura alguém que me ajudasse a tirar a porcaria do miúdo a tempo, alguém que me tivesse levado à Bruxa. Vais ver que depois nem sequer nos vai levar dinheiro; nem lhe faz falta, milionária como ela é; está cheia de dinheiro, apesar de a veres ali metida naquela espelunca e vestida com trapos. Vais ver como ela te vai logo ajudar; tu, deixa-me ser só eu a falar: vá, amiga, temos de a ajudar, coitadinha, não vês que é uma pobre miúda indefesa? Diz-lhe lá quantos anos tens, minha menina. E Norma: treze. Já viste?

Não me lixes, Bruxa, não te ponhas agora com as tuas tretas, pá; olha que até o rapaz está de acordo com isto. Não vês que estes dois pobres coitados não têm nem para comer? E, além disso, a criança nem é do Luismi; diz-lhe, Clarita; conta-lhe que te entregaste a um filho da mãe de Ciudad del Valle; diz-lhe que não há problema, que tu queres tirá-lo. E a Bruxa, que durante todo aquele tempo esteve de costas voltadas nos seus afazeres naquela cozinha fedorenta, virou-se para olhar para Norma com os olhos a brilhar atrás do véu e, depois de um longo silêncio, disse que antes de mais tinha de fazer uma revista a Norma, apalpá-la para ver até que ponto é que o assunto já estava avançado, e ali mesmo, em cima da mesa da cozinha, deitaram-na de barriga para cima e levantaram-lhe o vestido, e a Bruxa passou as mãos pelo ventre com rudeza, quase com raiva, talvez até com inveja, e depois de um bocado a apalpá-la a Bruxa disse que ia ser muito difícil, que já era muito tarde, e Chabela: pago-te o que tu quiseres, caralho, mas tira-lho, e a Bruxa: não é pelo dinheiro, é por ela, e Chabela: é o Luismi quem te está a pedir isto, tu já sabes como ele é orgulhoso e não se atreve a enfrentar-te; tem vergonha de te pedir o favor depois de vocês terem brigado, tudo isto enquanto Norma permanecia ali deitada, com o vestido subido à altura dos seios e a cabeça junto da maçã podre no prato espetada com uma faca afiada, e quando finalmente ergueu a cabeça viu que a Bruxa se movia pelo aposento à procura de coisas, mexendo em caçarolas, destapando frascos e garrafas e murmurando sabe-se lá que orações ou esconjuros diabólicos com a sua rouca voz aflautada, e durante todo aquele tempo que estiveram à espera Chabela não deixou de encher o ar viciado da cozinha com o fumo dos seus cigarros, e de contar à Bruxa a vida e a obra do seu novo amante, o tal Cuco Barrabás, o tipo acerca do qual Luismi a tinha avisado, o tipo da carrinha preta que andou a rondá-la naquela

primeira tarde em que chegou a Villa, quando se lhe acabou o dinheiro para a passagem e o motorista a obrigou a sair na paragem junto à bomba de gasolina, onde ficou sentada várias horas sem saber o que fazer nem para onde ir e sem sequer saber em que direção se encontrava Puerto, ou se havia de pedir boleia aos camionistas que passavam a cada poucos minutos à frente da paragem e lhe lançavam olhares duvidosos, e uma parte dela sentia medo de que quisessem fazer-lhe alguma coisa, embora uma outra parte dissesse que já nada importava, que de qualquer modo no final acabaria por se atirar da falésia para se afogar, para afogar a coisa que flutuava dentro de si e que ela não imaginava como um bebé em miniatura, mas sim como uma bola de carne, rosada e disforme como uma pastilha elástica mastigada, e que por isso já não tinha importância o que lhe acontecesse no caminho. E assim, lutando consigo mesma, ficou várias horas sentada na paragem junto à estrada, até que o tipo louro da carrinha preta parou e ficou a olhar para ela enquanto sorria e a música ecoava de dentro do carro: *me haré pasar, por un hombre normal, que pueda estar sin ti, que no se sienta mal, y voy a sonreír*; a mesma canção que de repente começou a tocar no telemóvel de Chabela quando já iam de regresso a casa naquela escuridão que a cada minuto se ia tornando mais densa e engolia as cores à sua volta, convertendo as copas das árvores e os canaviais e a tela da noite numa única e sólida mole de xisto na qual brilhavam, como diminutos carbúnculos, as lâmpadas penduradas sobre as portas das casas do lugarejo, ali ao longe. Chabela puxava-a pelo pulso e Norma esfoçava-se ao máximo por lhe seguir o passo, apertando na outra mão o frasco que continha a bebida salvadora, a sua única esperança, com a apreensão crescente de que, em qualquer momento, o caminho se abriria aos seus pés e ela cairia no fundo de um barranco e partiria todos os

ossos, ou pior ainda, o frasco se partiria e a beberagem derramar-se-ia sobre a terra sedenta, ou ainda mais terrível, que da escuridão surgiria um desses seres malignos que habitavam os bosques das histórias, um *chaneque* de rosto enrugado e cabelos ralos que lhes lançaria um esconjuro para as enlouquecer, ou para as fazer caminhar em círculos por aquele caminho escuro por toda a eternidade, entre o zumbido enlouquecedor das cigarras e os alaridos que periodicamente eram lançados pelos curiangos de olhos coloridos. O telemóvel de Chabela começou a tocar: *me haré pasar por un hombre normal* e Norma esteve quase a lançar um grito, *que pueda estar sin ti, que no se sienta mal*, e chocar com Chabela, que lhe tinha largado a mão para procurar o telemóvel entre as roupas e atendê-lo, adúladora: meu querido, como estás? Meu querido, estava a pensar em... Claro, afirmativo, já mesmo... Não, não, mas estou quase a chegar, é que eu andava... Não, não te preocupes, em quinze, sim. E desligou o telemóvel com um suspiro e gritou a Norma: despacha-te, despacha-te, miúda, que temos de chegar antes desses cabrões; vou ter de te deixar sozinha, mas tu não te preocupes; toma esta coisa e pronto, vais ver que amanhã de manhã já estás como nova; eu já fiz isso cem mil vezes e não há problema, mas despacha-te, despacha-te, miúda, que já estou atrasadíssima! E ainda nem tomei banho, Deus da minha vida! Acelera, acelera, Clarita! Norma tentava seguir Chabela na escuridão, mas tinha a impressão de que a voz da mulher se afastava cada vez mais dela, e que se não se apressasse acabaria por ficar sozinha naquelas trevas, a segurar com força o frasco cheio do líquido asqueroso que teve de beber todo, todinho, até à última gota. E a Bruxa tivera razão: custou-lhe imenso conter as náuseas que aquela porcaria lhe provocou, mas mais trabalho lhe custou aguentar a vontade de gritar quando lhe vieram as dores: por momentos parecia-lhe que alguém

de fora lhe puxava as tripas, que as puxava e repuxava até que os tecidos se dilaceravam, e sabe-se lá como teve forças para se levantar do colchão e sair para o pátio e dar a volta à casinha e pôr-se a cavar um buraco na terra com os dedos e com as unhas e com as pedras que ia desenterrando, um buraco onde por fim se meteu e agachou apesar da dor que tinha convertido o seu sexo num corte aberto a golpe de faca, e fez força até sentir que algo se rebentava por dentro, e ainda meteu os dedos para ter a certeza de que não ficava nada lá dentro, antes de tapar o buraco e alisar a terra com as mãos ensanguentadas e arrastar-se de regresso até ao colchão despido e pôr-se em posição fetal e esperar que a dor passasse; esperar que Luismi voltasse do trabalho, completamente bêbado, e a abraçasse por trás sem se aperceber de que ela sangrava sem parar, de que estava a arder em febre, até ao dia seguinte ao meio-dia quando Norma quis levantar-se do colchão e não conseguiu, por mais que o calor se tornasse cada vez mais insuportável, e a única coisa que conseguia dizer a Luismi era dói, dói, e água, água, e quando os seus lábios se humedeceram com o líquido que Luismi lhe levou numa garrafa, Norma bebeu até perder a consciência e sonhou com o buraco que cavara detrás da casita; sonhou que do buraco brotava um peixinho vivo que nadava no ar e que a perseguia pelo caminho, tentando meter-se por baixo do seu vestido, meter-se novamente dentro dela, e Norma gritava aterrada, mas da sua boca não saía qualquer som, e quando voltou a si já não estava no colchão da casita, mas sim deitada de costas em cima de uma maca, com as pernas abertas, e a cabeça de um tipo careca metida entre elas, e o sangue continuava a jorrar e ela não sabia quanto lhe restava ainda no corpo, quanto tempo demoraria a morrer ali sob o olhar enojado da assistente social e o eco das suas perguntas: quem és, como é que te chamas, o que é que tomaste, onde é que o puseste, como é que

pudeste fazer isto? E depois nada, um silêncio negro salpicado de gritos, do choro de bebês recém-nascidos que a chamavam, gritando em coro o seu nome, e acordou vendo-se nua sob a bata de tecido tosco, atada à grade da cama com ligaduras que lhe queimavam a pele dos pulsos, no meio do tagarelar das mulheres e do cheiro rançoso e leitoso do suor dos bebês que berravam no calor da sala e que a faziam querer fugir a correr daquele sítio, rasgar as ligaduras e fugir fosse como fosse do hospital, fugir do seu próprio corpo dorido, daquela massa de carne inchada e cheia de sangue, de pavor e de urina que a mantinha pregada à maldita cama. Queria tocar nos seios para aliviar as pontadas que os atravessavam; queria afastar o cabelo encharcado de suor da cara, coçar a comichão desesperante que sentia na pele da barriga, arrancar o tubo de plástico enterrado na depressão do antebraço; queria puxar e repuxar por aquelas ligaduras até as rasgar, fugir daquele lugar onde todos olhavam para ela com ódio, onde todos pareciam saber o que tinha feito; estrangular as mãos, degolar-se a si mesma num grito elementar que, tal como a urina, já não conseguiu conter por mais tempo: mamã, mãezinha, gritou em coro com os recém-nascidos. Quero ir para casa, mãezinha, perdoa-me por tudo o que te fiz.

VI

Mamãããããããããã, gritava o homem, perdoa-me, mamã, perdoa-me, mamãzinha, e gania como os cães pisados pelas camionetas enquanto se arrastavam, ainda vivos, até à beira do passeio: mamãããããããããããããããã, mamãziiinhaaaaaaaa. E Brando — encolhido no seu canto, o espaço entre a parede e a sanita da cela, o único lugar que conseguiu reclamar como próprio quando os homens de Rigorito o atiraram para o interior dos cubículos — pensou, não sem um certo regozijo, que talvez fosse Luismi quem gritava, Luismi quem gania acometido por uma agonia devoradora, Luismi a berrar até se vomitar todo enquanto lhe rebentavam as tripas com tábuas para que ele confessasse. O dinheiro, queriam saber onde estava o dinheiro, o que é que tinham feito com o dinheiro, onde o tinham escondido, e era isso a única coisa que interessava ao javardo asqueroso do Rigorito e aos filhos da puta dos polícias que bateram em Brando até o fazerem cuspir sangue para depois o atirarem para aquele calabouço que cheirava a mijo, a merda, ao suor azedo que os bêbados infelizes exalavam, encolhidos como ele contra as paredes, a ressonar ou a rir em sussurros ou a fumar enquanto lançavam olhares vorazes na sua direção. Tivera de se defender de

três tipos que lhe caíram em cima assim que passou as grades; três putos que o receberam aos empurrões e lhe ordenaram que tirasse os ténis, então, vais-te armar em mete nojo, ó mata paneleiros?, disse o seu líder, o que gritava mais alto, o que sacudia as mãos roçando pela cara de Brando, um tipo moreno, quase pele e osso, desdentado, barbudo e vestido com qualquer coisa que mais parecia um trapo roto que uma camisa, e um vozeirão que não se percebia de onde lhe saía: eh pá, ó panasca de merda, ou passas para cá os pisos ou vais de cona, e Brando, que mal se aguentava de pé por causa da tarefa que os polícias acabavam de lhe dar, não teve outro remédio senão descalçar-se e entregar os *adidas* ao malandro barbudo, que rapidamente os calçou e começou a executar uma espécie de dança triunfal que incluía pontapés casuais aos bêbados que gemiam em sonhos no chão da cela. O chorão, o cão rebentado, não deixava de berrar um só instante. Os seus gritos ecoavam entre as paredes que separavam as celas e por momentos tornavam-se ininteligíveis quando os outros presos lhe respondiam, também aos berros: cala-te, cão sarnoso! Cala-te, assassino de merda! O puto mata a mãe, todo pedrado, e diz que foi o diabo! Por amor da santa! Umas vergastadas é o que lhe faz falta, para calar a matraca, cão de merda. Brando tinha conseguido encolher-se num canto mijado da cela, com os braços cruzados na barriga e as nádegas o mais coladas à parede possível, encolhido na única posição em que as suas vísceras pareciam manter-se unidas, não dispersas e inchadas na cavidade seguramente sangrante do seu abdómen. Ainda com os olhos fechados conseguia sentir a presença do líder a rondá-lo, sentir o fedor sebento que a pele daquele louco exalava. Mata paneleiros, dizia-lhe o tipo: olha, mata paneleiros, olha... Mas Brando tapou as orelhas com as mãos e abanou a cabeça. Já lhe tinha dado a única coisa de valor que lhe restava. O que queria mais o tipo? As suas

cuecas cagadas? As bermudas salpicadas de sangue e de mijo? Já tinha pagado com os ténis o seu direito de ali estar, não mereceria por acaso uns minutos de tranquilidade em que pudesse gemer um pouco pelas suas inúmeras feridas? O chorão continuava a berrar num sítio qualquer ao fim do corredor, certamente naquela cela diminuta a que os chuis chamavam, carinhosamente, «o buraquinho»: eu não fui, mamã, eu não fui, gritava; foi o diabo, mamã, foi a sombra que se meteu pela janela, eu estava a dormir, mãezinha, a sombra do diabo, e os presos que não estavam bêbados nem espancados voltaram a responder-lhe com troça, obscenidades e assobios. Estavam a passar-se com ele; alguns até se atreviam a dirigir-se ao guarda que vigiava as portas das celas, não dava para emprestar um bocadinho a chave? Só pra lhe dar uma ensinadela e se calhar até uma enrabadela pra que tivesse motivos pra gritar, assassino de merda, filho de um cabrão, como é que pôde matar a mãe, como é que estes bófias de merda não te fizeram num oito, filho da puta malparido. Onde estava Rigorito? Onde estavam os seus lacaios? O balde cheio de mijo pra mergulhar lá este desgraçado? Os cabos e a bateria pra lhe alourar os tomates? Tinha-se pirado, o sacana do comandante, no único carro-patrulha de Villa, na companhia dos seus esbirros; tinha zarpado para casa da Bruxa assim que acabaram de espancar Brando naquele quartinho nas traseiras da esquadra. Onde é que está o dinheiro?, gritava o sacana asqueroso, fala ou afogo-te que nem uma ratazana, que é o que tu és; fala ou corto-te o caralho e meto-to pelo cu acima, paneleirote, maricas de merda, sempre a insistir para que Brando lhe dissesse onde estava o dinheiro embora o rapaz já lhe tivesse jurado que não tinha encontrado nada na casa, que não existia tesouro nenhum, que era tudo mentira, histórias que as pessoas tinham inventado, e até tinha chorado em frente daqueles filhos da puta ao recordar a raiva e

a decepção que sentiu quando não conseguiram encontrar nada naquela casa além de uns miseráveis duzentos pesos todos sujos em cima da mesa da cozinha, e um punhado de moedas espalhadas pelo chão da sala, nada de tesouros, nada de cofres com ouro, só lixo, só merda apodrecida pela humidade e papéis, trapos, porcarias e cagadelas de osga e baratas mortas de fome, porque até os altifalantes que o paineleiro usava para as suas festas estavam destruídos, esventrados e espalhados por todo o andar de baixo, como se, numa das suas histerias, o maricas se tivesse lembrado de agarrar nas consolas e levá-las para o andar de cima só para as atirar da varanda e rebentá-las contra o chão. Não havia nada, nada de nada, disse ele aos polícias, mas quando deixaram de lhe bater nos rins com aquela tábua que Rigorito e os seus rapazes usavam à vez para não se cansarem, quando lhe mostraram os cabos e a bateria com que pensavam electrocutá-lo, e quando lhe baixaram as bermudas mijadas e lhe amarraram as mãos a uma tubagem pendurada do teto, Brando não teve outro remédio senão falar-lhes do quarto fechado: a porta naquele andar alto da casa da Bruxa que estava sempre fechada à chave; que nenhum dos dois conseguiu arrombar naquela tarde por mais que tentassem, mesmo usando uma alavanca. Teve de confessar-lhes também, quando Rigorito lhe pôs os fios descarnados nos tomates, que naquela mesma noite tinha regressado à casa, depois do assassinio, depois de ter atirado o corpo para o canal de rega, já sem Luismi nem Munra, para revistar novamente a casa por si só, pois como era possível que não houvesse nada lá dentro, caralho, e que depois de revolver todo o andar de baixo tinha subido as escadas e revistado novamente os quartos de cima, e tentara mais uma vez arrombar a porta do quarto fechado, e até tinha pensado em parti-la à machadada, porque estava convencido de que tinha de haver forçosamente alguma coisa lá

dentro, alguma coisa de valor, se não para quê tantas precauções para que ninguém entrasse no quarto, para que ninguém subisse. E só depois de lhes confessar isto, depois de choramingar de raiva, de humilhação e das pancadas, é que os porcos danados pareceram satisfeitos e o tiraram daquele quarto, e então atiraram-no para as celas e zarparam na esgalha no carro-patrulha, de certeza que iam direitinhos à casa da Bruxa, para procurarem eles o maldito dinheiro, para arrombarem a porta aos tiros se fosse preciso, embora Brando tivesse quase a certeza de que Rigorito também não ia encontrar nada naquele quarto, e que quando se apercebesse de que tudo tinha sido em vão regressaria à esquadra para se vingar dele e cortar-lhe a verga e as orelhas e depois deixá-lo a esvair-se em sangue no interior daquela cela que mais parecia um caixão em pé: o famoso «buraquinho», talvez na alegre companhia do louco que matara a mãe todo pedrado. Porque a verdade era que o comandante Rigorito se estava bem nas tintas para a morte da Bruxa, e a única coisa que o filho da mãe queria era saber onde estava o ouro: qual ouro?, gritava Brando, e zumba, um murro na boca do estômago; diz-me onde é que o escondeste, e pumba, uma pancada de tábua nos rins antes sequer de poder responder-lhe que não sabia, como se o gajo pudesse ler-lhe a mente, caralho; e posso estar assim a noite toda, mata paneleiros, esta porra é o meu desporto, por isso canta lá: onde é que está o dinheiro? Onde é que o escondeste? Sentia os rins moídos por dentro e a carne das nádegas lacerada pelas pancadas da tábua, mas os grandes cabrões tiveram o cuidado, isso sim, de não lhe bater na cara, para que os jornalistas pudessem tirar-lhe fotos no dia seguinte e não comessem a dizer que o tinham espancado para que ele confessasse. A mãe ficaria a saber de tudo no dia seguinte, ao ver o seu rosto nas páginas de crimes, embora o mais certo fosse alguma vizinha já lhe ter ido contar que alguém o tinha visto quando

os policiais o meteram à força dentro do carro-patrulha, ali mesmo em frente da loja de Don Roque. O javardo do Rigorito chamava-lhe líder do Gupo dos Mata Paneleiros; o filho da puta era um exagerado, só tinham matado um panasca; também não era como se Brando se dedicasse a isso, e aliás, a sério que a Bruxa até merecia: porque era larilas, porque era feio, porque era um cabrão e um abusador. Ninguém ia sentir a falta daquele maricas de merda; Brando nem sequer estava arrependido do que tinha acontecido. Porque é que haveria de estar? Em primeiro lugar, nem sequer foi ele que lhe enterrou a faca; só lhe deu umas vergastadas para que amainasse, não foi?, assim que entraram na casa e depois também quando a meteram na carrinha de Munra. Mas quem a matou foi Luismi; a culpa de tudo era de Luismi; foi ele quem lhe enterrou a faca no pescoço, disse ele a Rigorito. Brando só agarrou no cabo já no fim e atirou-o ao canal. Mas o comandante não queria saber nada disso; a ele só lhe interessava o dinheiro, a porra do dinheiro, e Brando não encontrava forma de o convencer de que não havia dinheiro nenhum, de que nunca houve, de que foi tudo uma enorme decepção e de que se sentia remorsos de alguma coisa era de não ter tido tomates para os matar a todos, o idiota do Luismi e de passagem o coxo de merda metediço do Munra e sair de uma vez por todas daquela terra malcheirosa, cheia de paneleiros; deviam agarrá-los a todos, juntá-los e queimá-los, disse ele aos policiais, queimar todos os maricas de merda da terra, e sangue!, até a bexiga se lhe descontrolou por causa da pancada que lhe deram nailharga. E assim mijado, quase sem conseguir caminhar e com um gosto metálico na boca, meteram-no na cela para que aqueles filhos da puta encardidos o roubassem: os seus ténis novos, caralho; os seus ténis de marca, originais e tudo, que lhe tinham custado uma boa parte dos dois mil paus que ele gamara a Luismi; os famosos dois

mil paus que a Bruxa tinha dado a Luismi para que ele fosse a La Zanja e comprasse cocaína, e o estúpido tinha metido tantos comprimidos que nem se apercebeu de quando Brando lhos tirou do bolso pelo caminho, e no dia seguinte a Bruxa ficou furiosa quando viu Luismi chegar sem coca e sem dinheiro, porque julgou que o puto a queria fazer de parva, como sempre, e correu com ele de casa e disse-lhe que nunca mais queria voltar a vê-lo, num daqueles ataques birrentos de maricas despeitado que a Bruxa andava sempre a armar por tudo e por nada; uma cena ridícula em que o sacana do paneleiro acabou no chão a gritar e a espernear e o parvo do Luismi a gritar que não era ladrão nenhum, que não tinha roubado nada, que devia ter sido outra pessoa a tirar-lhe o dinheiro, ou que talvez lhe tivesse caído sem querer dos bolsos por andar muito queimado, e estavam os dois tão metidos na porcaria da telenovela que nenhum suspeitou de Brando, que na semana seguinte, assim que o Carnaval acabou, foi aos Armazéns Principado de Villa e comprou os seus ténis *adidas* brancos e vermelhos que lhe ficavam mesmo a matar, e a todos os que lhe perguntaram a quem é que ele tinha chupado o caralho disse-lhes que tinha sido o seu cota que lhos oferecera, apesar de o estúpido de merda não ir há anos à terra para os visitar e a custo continuava a mandar uma mensalidade miserável com a qual ele e a sua mãe mal viviam. A ela nem sequer teve de lhe explicar de onde é que tinham saído os ténis; era tão parva que nem sequer reparava que Brando nunca usava os sapatos de merda que ela lhe comprava no mercado, porcarias passadas de moda que dois dias depois já tinham buracos e estavam todos gastos, sapatos de pobre que ela escolhia quando ia às compras àquelas lojas foleiras onde comprava as merdas com que decorava a casa: anjinhos de plástico, postais da Última Ceia, pastorinhos de cerâmica e animais de peluche com os quais enchia o sofá da sala, a ponto de uma pessoa

mal se conseguir sentar ali, porque não havia maneira de assentar as nádegas comodamente na porcaria do móvel com todas as merdas cheias de pó ali a estorvar, e só por isso, quando a mãe não reparava, nas tardes em que passava metida na igreja a rezar o terço com as outras mulheres beatas da terra, Brando escolhia um desses peluches, estripava-o e queimava-o com petróleo no pátio, desejando que fossem animais de verdade, de carne e osso, coelhos e ursinhos, gatos de olhos sonhadores cuja pelagem arderia no meio de gemidos agónicos. Metia-lhe raiva que a sua mãe fosse tão estúpida, tão crédula; que por culpa dela tivessem de comer feijões todos os dias, porque uma boa parte do que o pai de Brando lhes mandava, que não era muito, ela oferecia-o ao seminário. Dava-lhe mesmo muita raiva que a mãe passasse o tempo metida na igreja a dar graxa ao maricas desse padre Casto, que não fazia outra coisa senão lixar Brando quando aparecia para almoçar lá por casa: e porque é que ele já não ia à missa, porque é que já não se confessava, porque é que andava com tão más companhias? De que é que Brando estava à espera para tirar aquela roupa cheia de símbolos satânicos, de diabos, de cadáveres e de blasfémias contra o Senhor? Porque é que não atirava para o lixo aquela música que só o empurrava para o mal, diretamente para as garras da perdição e da loucura? Não tinha vergonha de mortificar a sua pobre mãe daquela maneira? À sexta-feira, em vez de andar com aqueles bandidos a embebedar-se no parque, era melhor ir assistir à missa que o padre Casto dedicava aos endemoninhados da paróquia, a todas as pessoas que por acreditarem em bruxaria ficavam em poder das forças obscuras, das legiões de demónios e fantasmas que andam à solta pelo mundo, espíritos malignos que andam por todo o lado a ver quem é que lhes dava entrada com pensamentos ímpios, com rituais de feitiçaria e crenças supersticiosas que infelizmente abundavam

naquela terra devido às raízes africanas dos seus habitantes, aos costumes idólatras dos índios, à pobreza, à miséria e à ignorância. Brando conhecia bem aquelas missas; a sua mãe costumava levá-lo quando era pequeno, convencida de que o filho estava possuído. O serviço era longuíssimo e aborrecido porque o padre Casto cantarolava tudo em latim, e Brando não percebia a ponta dum corno do que ele dizia, embora no fim a coisa acabasse por ficar meio interessante, porque havia sempre pessoas que se sentavam nos bancos da frente e que começavam de repente a retorcer-se ou a pôr os olhos revirados quando o padre Casto lhes atirava água benta e lhes punha as mãos em cima, e também havia um grupo de mulheres loucas que desmaiavam sempre, e outras que começavam a gritar em línguas estranhas, segundo elas, cheias do Espírito Santo. Brando ainda não tinha doze anos naquela época e não percebia porque é que a mãe o levava ali, porque é que estava tão convencida de que ele estava endemoninhado, se na realidade nunca sentiu desejos de gritar na missa ou de se retorcer como centopeia fumigada como aquelas mulheres idiotas, mas ela dizia que era porque uns tempos antes Brando tinha começado a falar a dormir, a chorar em sonhos, ou a levantar-se para andar pela casa como um sonâmbulo, a falar com presenças invisíveis e às vezes até a rir-se. Se não estava possuído pelo diabo, então por que motivo se tinha tornado tão desobediente e esquivo? Por que motivo nunca olhava para ela nos olhos quando lhe dizia que tirasse as mãos dos bolsos, que deixasse de agarrar o que não devia, que saísse do banho e deixasse de fazer as porcarias que certamente fazia lá dentro? Não tinha vergonha de que Deus o visse pecar? Porque Deus vê tudo, Brando, especialmente o que tu não queres que Ele veja, o que fazes encerrado atrás da porta da casa de banho, com as revistas de gente famosa da tua mãe abertas no chão; o que tu aprendeste sozinho nas

noites de insónia sem que os vadios do parque tivessem nada a ver com isso, embora os cabrões passassem a vida a chatear com: vamos lá ver, puto, quantas punhetas é que já bateste hoje? Já te saem pelos nas mãos, mano, já reparaste? Olha, olha, o estúpido foi ver! Hoje até ia uma punheta, não era? Até esgalhavas uma, não era? Mas a tua picha ainda nem se endireita, não é? E Brando, corado, rodeado de rapazes que fumavam e bebiam, alguns dos quais com o dobro da sua idade, respondia-lhes: os tomates é que não se endireita, pergunta à tua mãe, e os vadios mijavam-se a rir e Brando sentia-se orgulhoso por ser admitido naquele círculo que se reunia no banco mais afastado do parque, embora os parvos passassem o tempo a trocar dele, do seu nome amaricado, da pila seguramente microscópica que ele tinha e, sobretudo, do facto de Brando, aos doze anos, nunca ter afogado o ganso em ninguém. Não vales a ponta de um corno, mano! Se queres saber, eu com a tua idade até fodia as professoras. Que mentiroso, Willy, gritava o Gatarrata. Não me lixes, caralho, não te lembras daquele dia em que o Borrega se lembrou de dar ioimbina à professora do sexto ano, e que a gaja ficou toda maluca e começou a dar-lhe o badagaio no chão? Tinha umas tetas bem boas, pá, mas nesse dia ninguém conseguiu ver-lhas, muito menos fodê-la porque já nunca mais voltou. Aquele que nós fodemos mesmo no sexto ano, agora que me estou a lembrar, foi o Nelson, disse o Mutante. Eh pá, o Nelson, o que é que será feito desse paneleiro? Dizem que foi para Matacocuite e que montou um salão de beleza e que já ninguém o trata por Nelson, agora chama-se Evelyn Kristal. Ganda paneleiro, as nalgotas que ele tinha, lembraste, mano? E de como ele passava à nossa frente a dar ao cu e a fingir que não percebia que nós o estávamos a ver? Ainda era bem novo quando lhe tirámos os três, mas também já estávamos fartos de andar a ver-lhe as nalgas, cheios de tesão, e um dia levámo-lo ali

para os lados da via-férrea e entre todos demos-lhe a foda da vida dele, lembrás-te, mano? O paneleiro até chorava de alegria, não sabia nem o que fazer com tanto caralho! A sério que nunca a meteste em ninguém, Brando? Fogo! Nem a um panisga? A sério? Nem num leitãozinho ou numa borreguinha? Os grandes cabrões partiam-se a rir e Brando, roendo as unhas, só se ria, porque era verdade que aos doze, aos treze, aos catorze anos ainda não tinha fodido com nenhuma rapariga, só batia punhetas no banho, com as revistas dos famosos do espetáculo que a mãe comprava postas no chão; revistas que depois tinha de atirar para o lixo às escondidas porque ficavam todas cheias de meita, o sémen que finalmente tinha acabado por lhe sair, tal qual como os tipos do parque o avisaram, mas isso de a verga lhe crescer mais se a esgalhasse mais não batia certo, e a verdade é que Brando se preocupava um pouco com o tamanho da sua verga, ou melhor, com a largura; ele sentia que era demasiado fina, demasiado escura, a atirar quase para o roxo na base, e pronto, a verdade é que também lhe parecia pequena, sobretudo se a comparasse com os grandes canhões que tinham os gajos que apareciam nos filmes porno que ele comprava ao Willy, quando já estava farto das gajas em biquíni nas revistas cor-de-rosa da mãe. A loja do Willy ficava escondida ao fundo de um bloco de apartamentos perto das casas de banho do mercado de Villa; era um armazém onde o tipo guardava todos os filmes piratas que vendia nas bancas, embora o seu verdadeiro negócio fosse o dos filmes porno e o dos cigarros de marijuana já enrolados que guardava num dos potes de aveia. Willy rira-se muito da primeira vez que Brando lá foi para lhe comprar porno: vais ficar com pelos na mão, mano, dizia-lhe ele; por isso é que estás cheio de borbulhas, por isso é que estás tão magricelas, por bateres tantas pívias, e Brando respondia-lhe: tens alguma coisa a ver com isso?, e aguentava a raiva e as

troças desde que Willy lhe permitisse meter-se nas traseiras da loja e escolher os filmes guiando-se pelas fotografias das capas mal impressas em papel brilhante, e, depois de dar umas passas no charro de Willy, que este sempre lhe oferecia, regressava a toda a velocidade para casa e punha os vídeos na consola da sala e excitava-se enquanto a sua mãe ia à missa ou rezar o terço, o que podia durar várias horas e que lhe permitia masturbar-se em frente do ecrã, olhando várias vezes para as cenas dos filmes que mais lhe agradavam: aquela onde um negro imenso fodia uma loira gordinha em cima do capô de um carro; ou aquela outra onde duas mulheres se fodiam uma à outra ao mesmo tempo, cu com cu, com um dildo gigante; ou a parte daquele filme onde uma chinesinha chorava e revirava os olhos como as endemoninhadas da missa do padre Casto enquanto dois tipos a fodiam amarrada à cama. Cenas que depressa o aborreciam e das quais muito rapidamente se cansava, até que um dia, por mero acaso, por um erro do Willy ou do pessoal que pirateava os vídeos na Capital, viu pela primeira vez aquela cena que mudaria tudo, o vídeo que para ele marcaria um antes e um depois na vida das suas fantasias: o clipe que surgiu metido entre duas cenas de filmes diferentes e no qual aparecia uma rapariguinha muito magra, de cabelo curto e cara de menino, completamente nua e com sardas claras a cobrir-lhe os ombros e os seios pequenos e pontiagudos, e com ela também um cão preto enorme, um cruzamento de *grand danois* que tinha um par de meias calçadas nas patas dianteiras; um bruto baboso que não deixava de perseguir a rapariga por todo o quarto, de a encurralar contra os móveis para meter o seu focinho negro entre as pernas da rapariga e lambe-la com a sua língua cor-de-rosa a cona também cor-de-rosa daquela menina sorridente que se ria que nem uma tonta e que fingia ralar com o cão numa língua que Brando não percebia. O filme acabava dois

minutos depois, quando a rapariga fingia cair de costas num cadeirão e o cão saltava sobre ela e punha as suas patas calçadas com aquelas ridículas meias amarelas sobre os ombros da rapariga, que aproximava o rosto da verga latejante do animal e, precisamente no momento em que ela abria os lábios de morango para envolver a ponta do membro do cão, a cena cortava-se bruscamente com um segundo de ecrã azul e o que se seguia era uma cena entre um tipo bem constituído cuja cara nunca se via e outra dessas louras de tetas operadas. Brando lançou um gemido de frustração e apressou-se a avançar o filme para ver se a rapariga e o cão voltavam a aparecer, mas foi inútil; teve então de se conformar com aqueles dois minutos, que reproduziu em *loop* durante horas, embora do que verdadeiramente teria gostado era ver como é que o cão fodia a mulher: como é que depois de lhe mamar a verga, a mulher dava a volta e o cão a montava sem piedade até lhe encher a cona rosada de leite pegajoso, leite de cão quente a escorrer pelas coxas pálidas da rapariga que gemia e se retorcia tentando afastar-se daquele cão asqueroso; uma cena imaginária que Brando não conseguiria deixar de reproduzir na sua mente nos meses seguintes, até quando se encontrava em situações e lugares onde realmente era inoportuno que a verga se lhe pusesse assim dura ao recordar a cena: na escola, por exemplo, onde bastava que uma das suas colegas se agachasse para apanhar um lápis do chão para Brando se imaginar a si mesmo convertido no cãozarrão preto que saltava sobre a colega e lhe arrancava as cuecas à dentada e a submetia contra o chão para lhe espetar a sua cruel e desumana verga negra. Às vezes acordava a meio da noite e tentava masturbar-se para aplacar a recordação do vídeo, mas como as imagens mentais não chegavam e àquela hora era impossível reproduzi-lo na sala, com a sua mãe a dormir no outro quarto com a porta aberta, Brando escapulia-se para o pátio da

casa, trepava até ao terraço e descia para a rua usando as proteções da casa ao lado como escadinha, e punha-se a vaguear pelas ruas vazias da povoação, procurando os sinais propícios — os latidos abafados, os gemidos silenciosos — que o conduziam ao sítio onde se celebrava aquele ritual cíclico, primitivo: no beco atrás da loja de Don Roque, ou entre os alegretes do parque em frente da igreja, ou ao fundo dos terrenos baldios que se estendiam pelos arredores da povoação, os lugares onde as sombras fugazes dos cães sem dono se congregavam para fornicar em sagrado silêncio, com as línguas de fora, os sexos inchados e os caninos à mostra que exigiam respeito a uma hierarquia imposta pelo desejo arquejante da cadela. Como fazia ela para escolher o primeiro? Porque para Brando eram todos igualmente belos, livres, belos e seguros de si mesmos como ele não era nem seria nunca. Observava-os a uma distância prudente para não os assustar nem os provocar e, com a ajuda da mão direita, participava de longe na orgia e derramava sobre a terra até à última gota aquele veneno que lhe queimava as veias, para depois regressar a casa e meter-se na cama, embalado pelo torpor paralisante do vazio divino, a calma que o invadia quando conseguia finalmente libertar-se da peçonha que lhe enchia os tomates. Talvez aquela fosse a prova, a demonstração irrefutável de que tinha o diabo metido no corpo, embora nunca conseguisse detetar as marcas que supostamente, segundo o padre Casto, apareciam no rosto de todos os endemoninhados, por mais que as procurasse no reflexo do espelho, quando de noite e às escuras, parado em frente do lavatório, olhava longamente para o seu reflexo sem encontrar a menor presença do satânico, do demoníaco, só a sua cara olheiranta e bochechuda, o olhar turvo de sempre, a imagem banal do quotidiano. Gostaria de ter descoberto um brilho maligno nos olhos, uma cintilação colorida no fundo das pupilas, ou o assomo de uma

cornadura na testa, ou a súbita aparição de caninos, de qualquer coisa, fosse o que fosse, porra, qualquer coisa menos aquela cara ridícula, de miúdo cada vez mais lingrinhas e sumido, em parte pelas escapadas noturnas, cada vez mais frequentes, e em parte também pela quantidade desmedida de marijuana que mais ou menos por essa mesma época começou a fumar habitualmente, já não só quando ia à loja do Willy aos sábados, mas também na sua própria casa, antes de se masturbar, e também com os vadios no parque, com o Willy, o Gatarrata, o Mutante, o Luisimi e outros rapazes com quem passava agora as tardes depois da escola, bebendo aguardente e fumando charros e às vezes a inalar cola, ou cocaína, quando tinham dinheiro e Munra acedia a levá-los aos Pablo, no bairro de La Zanja, quase a chegar a Matacocuite, onde compravam coca barata e demasiado cortada com outra treta qualquer que Brando preferia fumar, para não dilacerar o nariz por dentro, na beata de um cigarro de tabaco ou de marijuana. Brando gostava muito do sabor a plástico derretido daquele vapor adocicado que lhe enchia os pulmões e lhe entorpecia agradavelmente os sentidos, mas já tinha percebido que quando estava a curtir a coca não conseguia vir-se, nem sequer a olhar para o clipe da rapariga e do cão. Podia passar horas inteiras a esgalhar a verga enquanto no ecrã decorria aquela perseguição fingida entre o animal e a rapariga, a rapariga sardenta muito gira e com cara de menino, e a sua racha rosada que não se parecia com nenhuma cona que ele tivesse visto ao vivo, com nenhuma das duas conas que, com os seus quinze, dezasseis anos, tinha conseguido penetrar, embora sem se vir. Por causa das drogas, claro, da coca, sobretudo da coca, que lhe adormecia a mente e o corpo, e por causa também daqueles parvos que se riam nas suas costas e, sobretudo, por causa daquela cabra de merda, com quem quase não conseguiu metê-la, porque a picha não

se lhe endireitava, que vergonha, mas tudo por causa da coca, do álcool e da falta de sono daquela manhã, na primeira vez que passou a noite toda na paródia com o grupo de amigos; na primeira vez que Brando desobedeceu às ordens da mãe e aos sermões do padre Casto acerca da natureza pagã e perdulária do Carnaval de Villa, uma festa que não era outra coisa senão um *aquellarre* desenfreado que levava os jovens da terra à fornicção e ao vício. Brando estava farto de passar aqueles dias fechado com a mãe, só a ouvir ao longe a música dos desfiles, a algazarra dos que passavam a noite inteira a beber e a dançar na rua, o estrondo dos petardos e das garrafas partidas nas broncas da madrugada, o choro interrompido pelo vômito dos bêbados perdidos, as músicas repetitivas dos divertimentos mecânicos que se instalavam todos os anos junto à igreja, monstros metálicos que Brando só tinha a oportunidade de contemplar quando já estavam desmontados no asfalto, com as suas luzes e os seus néones opacos à luz do dia, na manhã de Quarta-Feira de Cinzas quando a mãe o obrigava a levá-la à missa pelas ruas ainda cheias de lixo, de latas de cerveja, de garrafas de aguardente vazias, de famílias inteiras de camponeses maltrapilhos a ressonar sobre os alegretes do parque, os passeios cobertos de confetes, e Brando sempre se tinha perguntado como era possível que toda aquela excitação que percorria a povoação nos dias anteriores ao Carnaval, toda aquela cintilação e aquelas luzes de artifício, acabassem naquele esterqueiro apocalíptico de trogloditas desmaiados em charcos de vômito, até ao ano em que fez dezasseis anos e decidiu ir gozar o Carnaval sem se ralar com a mãe chorar ou chamar-lhe crápula e libertino e ameaçar que ia denunciá-lo ao pai, uma ideia tão ridícula que Brando não conseguiu aguentar as gargalhadas, porque havia anos que o pai nem sequer contava como autoridade naquela casa; porque havia anos já que o tipo nem sequer se dignava

fazer-lhes uma chamada, menos ainda aparecer na terra, e além disso porque parecia que a mãe de Brando era a única pessoa em toda Villagarbosa que não sabia que o pai já tinha outra casa lá em Palogacho, outra família com outra mulher e filhos pequenos, e que era só por pena que o tipo continuava a mandar-lhes dinheiro, para que não morressem de fome, enquanto a parva da mãe passava o tempo metida na igreja, tentando negar o que lhe acontecia, pensando que com rezas e promessas as coisas se resolveriam por si só, por intervenção divina; que Brando voltaria a ser o menino dócil e calado, quase autista, que um dia tinha sido, o parvinho submisso que ia com ela de braço dado pela rua, como se fosse o seu marido em miniatura, enquanto os vadios do parque se riam dele ao longe, e gritavam: Brandi, o menino da mamã, ela ainda te limpa o cu, Brandi? Ainda te dá banho, põe-te pozinho de talco e faz-te festinhas na pilinha para que durmas com os anjinhos? Quando é que vais deixar de ser um menino parvinho, Brando? Não tens vergonha de continuar a bater punhetas? De nunca a teres metido numa gaja? Tens aí a tua oportunidade, mano, disseram-lhe aqueles cabrões; mete-lha, mete-lha a quente, antes que ela acorde, na noite em que saiu para festejar o Carnaval com eles no seu primeiro desfile; ou melhor, na manhã da primeira noite em que saiu com eles, porque Brando nunca tinha ficado antes fora de casa até amanhecer com os seus amigos, foi essa a primeira vez que passou a noite inteira na companhia deles, vagueando pelas ruas da terra transformadas pelo bulício das diferentes músicas que ecoavam ao mesmo tempo nos altifalantes dos carros alegóricos. Os olhos de Brando deslizavam, ébrios e dilatados, pela pele nua das raparigas do desfile, pelos rostos anónimos da multidão reunida nos passeios, pelas máscaras grotescas das crianças que surgiam de repente para rebentarem os seus ovos recheados de farinha e confetes contra as

cabeças dos adultos distraídos; o ar com fumo de fevereiro cheirava a espuma de cerveja, a gordura derretida das barracas de *tacos*, a fritos deliciosos, a charros, a lixo, a mijo e a fezes espalhados pelos pavimentos e ao suor dos corpos que se apinhavam em volta do seu. A praça de Villa estava também cheia de polícias trazidos da Capital expressamente para conter, embora sem muito êxito, a multidão que se aglomerava em volta do trono da rainha, uma garota ainda, envolta em tules e brocados como uma princesa de outro século; uma miúda de olhar perdido e sorriso falso que sacudia os membros graciosos ao ritmo sincopado que ecoava na parede de altifalantes atrás de si: *A ella le gusta la gasolina*, com uma mão na cintura e a outra a segurar a coroa, *dale más gasolina*, e aquele olhar vazio, quase espantado, *cómo le encanta la gasolina*, pelas obscenidades que os ébrios a seus pés lhe gritavam com algo mais parecido com fome do que com luxúria, *dale más gasolina*, talvez dispostos a devorá-la, a cravarem os dentes naquela carne suave, quase colada ao osso, se porventura os polícias permitissem que a rainha ficasse ao seu alcance. E Brando nunca se tinha rido tanto em toda a sua vida, a ponto de verter lágrimas históricas e de ter de se agarrar às paredes e aos amigos para não cair ao chão, com o cérebro enevoadado pelos charros e pela cerveja e a barriga dorida de tanto se rir do espetáculo oferecido pelas loucas, a legião de maricas, travestis e transexuais, vindas de todos os lados da república só para aparecerem no famoso Carnaval de Villagarbosa, para se reboarem livremente nas ruas da povoação enfiadas em apertadas malhas de *ballerina*, disfarçadas de fadas com asas de borboleta, de sensuais enfermeiras da Cruz Vermelha, de chefes de claque e ginastas musculosas, polícias *gay* e Cat Women barrigudas com botas de salto de agulha; loucas bem loucas vestidas de noiva a perseguirem os rapazes pelas ruelas; loucas burlescas com nádegas e mamas

gargantuescas a tentar beijar os *rancheros* na boca; loucas empoadas como gueixas, com antenas de alienígenas e garrotes cavernícolas, loucas capuchinhas e escocesas; loucas disfarçadas de tipos bem machos, tão homens como qualquer um, até que levantavam os óculos escuros e se viam as sobrancelhas depiladas, as pálpebras cheias de brilhantes com cores, o olhar lascivo; loucas que pagavam as cervejas se dançassem com elas; loucas que andavam à porrada por favores, que arrancavam as perucas e as tiaras e reboavam pelo chão no meio de gritos, deixando sangue e lantejoulas regadas enquanto a multidão ria. Brando não soube como foi que o tempo passou tão depressa naquela loucura demencial, mas quando se deu conta já tinha amanhecido havia bastante tempo e os seus amigos insistiam que deviam comprar coca para continuar a festa, que Munra os levaria a Zanja para comprarem o pó, e de um momento para o outro Brando já estava dentro da carrinha de Munra, a ver como o raio do coxo conduzia aos esses pela estrada em direção a Matacocuite, e na realidade fora tudo por causa de tanto charro e tanta bebida e tanto bulício, porque Brando também não soube a que horas é que a tipa do vestido verde se tinha juntado ao grupo; a que horas é que tinha entrado com eles para a carrinha. Ninguém a conhecia, ninguém sabia o seu nome, mas ela não parecia importar-se; estava mais que bêbada, bastante aturdida e, segundo parecia, muito ardente, porque estendia as suas mãos desajeitadas em todas as direções, tentando agarrar na verga dos seus amigos. Willy foi o primeiro a querer despi-la: tirou-lhe as mamas para fora do vestido e começou a puxar-lhe pelos mamilos com rudeza, como que a querer tirar-lhes leite ou coisa parecida, mas a tipa adorou aquilo e começou a emitir gemidos e a pedir para a foderem, para a foderem todos, ali mesmo no assento da carrinha, e foi precisamente isso o que os cabrões fizeram: todos a foderam, primeiro Willy, o sacana, e

depois o Mutante, o Gatarrata, o Borrega e o Canito, todos menos Munra, que estava a conduzir e via tudo pelo espelho retrovisor com má cara porque lhe iam sujar os assentos com a meita, grandes porcos; todos menos Luismi, também, que por ser parvo e ter metido comprimidos até aos ossos tinha adormecido com a cabeça colada ao vidro da janela, no assento da frente, enquanto Brando olhava para a cena com uma mistura de fascinação e de espanto. O cheiro exalado pela cona grisalha e peluda da mulher revolveu-lhe o estômago. Era assim que cheiravam as partes da mulher? Cheiraria também assim a delicada racha da rapariga do vídeo do cão? Caralho! Preferiu então virar a cabeça para a janela, olhar para o céu azul pálido sobre os canaviais, mas passado um bocado os seus amigos começaram a chamar por ele: Brandi, oh, Brandi, só faltas tu, Brandi; mete-lha de uma vez por todas, mano, mete-lha a quente, gritava Willy, antes que ela acorde, porque a puta da gaja tinha desmaiado ou sofrido uma overdose de verga, ou sabe-se lá o que era, mas todos riam e gritavam: mete-lha, Brando, mete-lha a quente, e Brando, de muito má vontade, mas incapaz de se recusar, passou para o assento traseiro e procurou a verga dentro da braguilha, sem baixar as calças porque nem louco ia deixar o cu a descoberto à frente daqueles degenerados, fincou-se entre as pernas levantadas da mulher e pediu, com toda a fé que já nem tinha, que a verga ficasse pelo menos um bocadinho dura, para poder fingir que estava a fodê-la e assim não fazer figura de ridículo em frente dos seus amigos, e já estava quase a conseguir, com os olhos fechados e a pensar na sua rapariga, no cão e acariciando disfarçadamente a pila com a mão direita ao mesmo tempo que conseguia meter a ponta do seu membro naquele buraco viscoso, quando de repente sentiu que um esguicho quente lhe molhava a barriga. Baixou o olhar, viu como a braguilha das suas calças e a ponta da sua *t-shirt*

escureciam subitamente e lançou um grito de nojo, caiu de costas contra a porta de correr da carrinha e todos os presentes ficaram mudos por um segundo, e depois irromperam em gargalhadas selvagens e gritinhos ao mesmo tempo que apontavam para a braguilha de Brando e para o esguicho de mijo que a porca da mulher ainda continuava a soltar. Mijou-o!, gritaram os estúpidos. Mijou-o enquanto ele estava a fodê-la! Ganda porca nojenta, ganda javarda de merda! Ninguém deteve Brando quando este se atirou à mulher e lhe desferiu um grande murro na cara; estavam todos demasiado ocupados a rir-se. Por isso foi uma sorte Munra ter parado a carrinha naquele momento, a cinquenta metros das terras dos Pablo, e ter-se posto a rezingar pelo cheiro a mijo e exigir que deixassem a mulher ali na estrada, porque se assim não fosse Brando teria continuado a bater-lhe, até lhe desfazer a cara, partir-lhe os dentes e até matá-la, por lhe ter sujado a verga e a roupa com os seus mijos asquerosos, mas sobretudo por o ter posto a ridículo diante do grupo, diante daqueles cabrões de merda que anos depois do incidente continuariam a partir-se a rir à sua pala, e Brando aguentava porque sabia que gozariam ainda mais se chegasse sequer a insinuar os remosques o punham lixado, e talvez por isso, para os distrair, para que se esquecessem do incidente, se bem que também porque depois de tantos anos a bater punhetas todos os dias já estava farto das suas mãos, é que Brando se tornou amante de Leticia, aquela negrita de cu grande, uns dez anos mais velha que ele, que lhe deitava a escada cada vez que se encontravam na loja de Don Roque. Leticia era casada com um empregado da petrolífera que ia e vinha diariamente de Palogacho; passava o dia sozinha e aborrecia-se horivelmente, ou pelo menos era isso o que ela contava a quem quisesse ouvi-la quando ia comprar cigarros. Brando não falava com ela; ignorava os olhares que a mulher lhe dirigia quando ele ia à

loja, pois estava quase sempre demasiado ocupado a tentar derrotar algum puto do bairro na máquina de videojogos que Don Roque tinha no passeio. Não falava com ela, mas olhava para o traseiro dela, descaradamente e sem disfarçar, e ela apercebia-se porque até exagerava no menear das suas nádegas arredondadas, nádegas que pareciam ter vindo a este mundo para serem açoitadas, mordidas, castigadas. Um dia piscou-lhe um olho e fez-lhe sinais, em frente dos idiotas do parque, e Brando não teve outro remédio senão segui-la até casa. Gajo com sorte, disseram-lhe eles, quando voltou para lhes contar que a tipa lhe abrira a porta e o convidara a entrar, e que de seguida, sem quase dizer nada, puxou a saia por trás para lhe mostrar que não tinha cuecas por baixo. Fodera-a ali mesmo, contou-lhes, primeiro de pé no *hall* de entrada, e depois nas costas do cadeirão da sala, e mais tarde com ela a espreitar pela janela do segundo andar, a espiar por entre as cortinas não fosse casualmente ser aquele o dia de o marido chegar cedo do trabalho. A tipa recusava-se a foder na cama onde dormia com o marido. Recusava-se também a mamar a verga do Brando; dizia que não gostava, que tinha nojo do cheiro do sémen. Eu tenho nojo do fedor da tua cona, pensava o rapaz, mas nunca lhe dizia nada. Sentia um grande prazer ao fornicar a negra, sempre por trás ou à canzana em cima dos cadeirões da sala. Ela pedia-lhe, entre gemidos, que lhe puxasse o cabelo, que lhe desse apertões nas nádegas, que lhas separasse para que pudesse penetrá-la mais profundamente, que lhe metesse a verga pelo cu e a bombeasse. O único problema era que Brando não conseguia vir-se. Mas isso não contava ele aos amigos, claro. A própria Leticia não se tinha apercebido disso, ou talvez a grande cadela nem sequer se importasse: ela ficava feliz desde que Brando fosse vê-la, lhe metesse a verga e a fizesse chegar ao orgasmo. Dizia que ele era o melhor amante que tinha tido, o mais generoso, o que

aguentava mais tempo; vinha-se noventa e nove vezes enquanto Brando a empurrava por trás, cada vez mais cansado e transpirado, cada vez mais farto. O prazer que sentia quando acabava de a penetrar ia-se transformando pouco a pouco em repugnância à medida que o fedor de Leticia ganhava força com cada orgasmo, se lhe metia pelo nariz e lhe dava vômitos. Tanto fazia fechar os olhos e pensar na rapariguinha do cão, na sua racha de menina, naquela coninha delicada e inofensiva que certamente saberia a mel de framboesa: a picante realidade da pachacha de Leticia e o seu cheiro a drenagem de peixaria acabavam por lhe fazer murchar a verga, e então ele tinha de fingir que se vinha. Saía de dentro dela e fechava-se a toda a pressa na casa de banho, e tirava o preservativo seboso, mas vazio, atirava-o para a sanita e lavava as mãos, a verga, os testículos e toda a pele que tivesse entrado em contacto com a cona de Leticia, e mesmo assim havia vezes que chegava a casa e tinha de tomar vários duches porque lhe parecia que a peste o tinha seguido. Mas ao grupo do parque não contava isso. Ao grupo do parque descrevia com todos os pormenores a sensação daquelas nádegas pretas a baterem-lhe no baixo-ventre enquanto ele investia contra elas. E muitas vezes contava-lhes cenas que nunca aconteciam, como, por exemplo, quando descrevia a suposta maneira como Leticia lhe mamava a verga, ou como ela lhe suplicava que lhe ejaculasse para a cara e as mamas, cenas que tirava dos filmes porno que tinha visto. Também não lhes dizia que muitas vezes sentia vontade de mandar a negra à merda; de nunca mais ir a casa dela nem voltar a fodê-la, mas a verdade era que precisava dela; precisava da realidade das suas nádegas bamboleantes, dos seus gemidos dengosos e da sua cona apertada, mas pestilenta, para continuar a contar histórias aos amigos, para os entreter com aqueles relatos porcos e para que deixassem finalmente de gozar com ele por causa da puta javarda

que lhe mijara na verga. Porque eles ainda o chateavam com aquele episódio, malditos fossem; eles, porra, que fodiam tudo o que se mexesse e que até tinham relações com as bichas loucas a troco de dinheiro, dinheiro para comprar álcool e drogas, mas às vezes também por simples diversão, pelo prazer de foder os maricas que vinham por vagas até Villa durante as festas carnavalescas. Coisa que a Brando lhe pareceu, a princípio, monstruoso e humilhante, mas a que acabou por se acostumar, quando se viu implicado na lógica irrefutável dos argumentos do grupo: Eh pá, mano, não me digas que um maricas nunca te mamou a picha, dizia o Willy, com o maxilar preso pela coca. Nem sabes o que perdes, mano, continuava o Borrega; fazem-te um broche e ainda por cima dão-te guito e oferecem-te umas bebidas. Basta fechares os olhos, dizia o Mutante, pensares numa gaja qualquer e aproveitar a mamada, caralho. A sério que nunca foste ao cu a um maricas?, perguntavam com sorrisos trocistas. Um mariquinhas terno e apertadinho que até geme que nem um cãozinho quando se ajoelha para te chupar os tomates? Os cabrões de merda encontravam sempre uma maneira de dar volta ao assunto com Brando; se ele tentava gozar com eles para que se vissem como uns maricas por andarem com paneleiros, os seus amigos acabavam sempre por fazê-lo ver-se como um coitado sem experiência nenhuma, catano. E um pobre coitado a quem uma puta de merda lhe tinha mijado na verga! Porra! Mas aquilo com os paneleiros não era tudo só rosas e Brando apercebia-se disso. A maior parte dos larilas com os quais Willy e os outros (até o parvo do Luisimi, quem diria!) andavam metidos era uma data de velhos pançudos e amaneirados que iam às *cantinas* de Villa de quinta a sábado à procura de carne jovem e picha fresca. Velhos feios e meio pirados, como a tal Bruxa, foda-se; a traveca de La Matosa que vivia encerrada naquela casa sinistra no meio dos canaviais e que punha

Brando com os cabelos em pé devido a uma cena muito louca que não tinha nada a ver com aquelas confusões, mas com uma coisa que lhe diziam quando era pequeno, quando brincava na rua e a mãe por força queria que ele se metesse em casa, mas ele não queria, e então a mãe dizia-lhe que se ele não entrasse imediatamente a bruxa o levava, e um dia — foda-se, acasos da vida! — quem é que havia de passar pela rua? A tal bicha louca que de vez em quando aparecia em Villa toda vestida de negro, com aquele véu que lhe cobria o rosto por completo e a quem chamavam a Bruxa, e a sua mãe apontou para ela e disse a Brando: já viste? Vem aí a bruxa para te levar e Brando levantou os olhos, deu de caras com aquele espectro grotesco e desatou a correr a toda a bisga para dentro de casa, para se esconder debaixo da cama, e passou bastante tempo até se atrever a brincar na rua outra vez, tão grande foi o medo que a Bruxa lhe meteu; um medo que, com o tempo, conseguiu enterrar nos fundos da memória, mas que ressurgia sempre que tinha de soltar a franga com os seus amigos em casa daquele maricas de merda. Porque a Bruxa estava sempre a oferecer jolas, álcool e às vezes até droga, se para isso a malta ficasse em sua casa, de onde ela quase nunca saía. Um casarão que se erguia no meio dos canaviais de La Matosa, precisamente por trás do complexo do Engenho, uma construção tão feia e repelente que a Brando até lhe parecia a carapaça de uma tartaruga morta mal sepultada na terra; uma coisa cinzenta e sombria para onde se entrava por uma portazinha que ia dar a uma cozinha imunda, e depois avançava-se por um corredor até se chegar a um salão muito grande, cheio de bugigangas e sacos de lixo, com umas escadas que iam dar a um segundo andar, para onde ninguém podia ir porque o paneleiro ficava fulo se via que alguém ia lá para cima, e precisamente por baixo das escadas havia uma espécie de cave onde a Bruxa fazia as festas; uma sala com cadeirões e altifalantes e até

luzes coloridas como as dos *sonideros* dos bailes de Matacocuitle, uma cena bem marada porque depois de os receber e de os instalar naquela espécie de masmorra, o sacana do maricas desaparecia e regressava sem o véu, todo maquilhado e até punha perucas coloridas com brilha-*brins*; quando todos já estavam no ponto, quando todos já estavam bem bêbados ou bem charrados com a marijuana que a Bruxa semeava na sua horta e com os cogumelos que cresciam debaixo das bostas das vacas na temporada das chuvas, e que a bicha recolhia e conservava em xarope para pôr os rapazes que a visitavam bem loucos, bem tripados e bem passados, com as pupilas como as de uma caricatura japonesa e a boca aberta à conta de tudo o que alucinavam — que as paredes se derretiam, que as caras se enchiam de tatuagens, que nasciam cornos e asas à Bruxa, e a pele começava a ficar vermelha e os olhos amarelos —, então a música começava a brotar dos altifalantes e o paineleiro ia para aquela espécie de palco que estava montado ao fundo da divisão, rodeado de refletores, e começava a cantar, ou melhor, a lançar berros com aquela porcária de voz que nunca conseguia alcançar as notas altas das canções que Brando conhecia bem, porque eram as mesmas cantigas que a mãe gostava de ouvir enquanto tratava da casa; as que eram transmitidas na estação de música romântica da terra, canções tristes que diziam coisas como: *y la verdad es que estoy loca ya por ti, que tengo miedo de perderte alguna vez*; ou: *seré tu amante o lo que tenga que ser, será lo que me pidas tú*; ou: *detrás de mi ventana, se me va la vida, contigo pero sola*, e até fazia gestos quando as cantava, a danada da Bruxa, com o microfone na mão e o olhar perdido no vazio, como se estivesse num palco a sério, a cabra, num estádio, rodeada de admiradores, e sorria e às vezes parecia que ia desatar a chorar, e Brando não acreditava que todos os seus amigos, e também os

outros tipos que chegavam sozinhos, rapazes dos ranchos próximos sobretudo, ainda que também um ou outro velho meio efeminado saído sabe-se lá de onde, ficassem todos como que aparvalhados a olhar para ela, como que extasiados, ou talvez assustados, mas nunca ninguém se atrevia a assobiar-lhe, nem a gritar-lhe que calasse o bico, que cantava pior que o deus me livre; e a verdade é que Brando nunca gostou de ir àquela casa, porque quando andava bem cheio de coca e todo acelerado o que menos queria era fechar-se dentro daquela carapaça tétrica a ouvir a mesma porcaria de música foleira que a mãe ouvia, ficava todo paranoico e imaginava que todos os que estavam ali reunidos queriam pô-lo todo passado para se aproveitarem dele, para o violarem, se porventura chegasse a fechar os olhos ou a adormecer, como acontecia a muitos depois de tomarem os comprimidos que a Bruxa distribuía como se fossem caramelos e que punha toda a gente bastante zonza, completamente idiota, era só rir e rir com os olhos quase fechados. Uma vez o mariconço tinha insistido tanto para que Brando metesse um daqueles comprimidos de merda que ele tivera de fingir que o fazia, que engolia o comprimido, mas cuspira-o logo a seguir e metera-o na beirinha do cadeirão onde estava sentado, e ficou ali só a ver como todos se iam derretendo nos seus assentos e a cair ao chão, tão idiotizados que já nem conseguiam aplaudir a louca de merda que se saracoteava sob as luzes coloridas do palco como uma horrível e gigantesca boneca de corda, um manequim de pesadelo que de repente adquirira vida. Mas o mais lixado veio depois, quando o painelero se cansou de ladrar as suas canções de merda e quem começou a cantar ao microfone foi o raio do Luismi, e sem que ninguém lhe dissesse nada, sem que ninguém o obrigasse a fazer aquilo, como se o chavalo tivesse estado toda a noite à espera daquele momento para agarrar no microfone e começar a cantar com

os olhos semicerrados e com a voz um pouco rouca por tanta aguardente e tantos cigarros, mas mesmo assim, foda-se, cabrão do Luismi, quem é que ia dizer que aquele tipo sabia cantar assim tão bem? Como era possível que aquele magricelas com cara de ratazana, com comprimidos até aos tomates, tivesse uma voz tão bela, tão profunda, tão impressionantemente jovem e ao mesmo tempo masculina? Até ali, Brando não fazia ideia de que lhe chamavam Luismi pelas parecenças que a sua voz tinha com a do cantor Luis Miguel; ele tinha pensado que a alcunha era mais uma paródia cruel pelo aspeto do rapaz, que, com os cabelos encaracolados, queimados pelo sol, os dentes tortos e o corpo esquelético, era totalmente o contrário do elegante e famoso cantor. *No sé tú*, cantava o chaval, *pero yo no dejo de pensar*, com aquela voz que era límpida como cristal, *ni un minuto me logro despojar*, trémula como uma corda vibrando, *de tus besos, tus abrazos, de lo bien que la pasamos la outra vez*, e Brando ficou com um nó na garganta, com pele de galinha, e por momentos, ao sentir uma espécie de arrepio nas tripas, pensou que talvez não tivesse conseguido cuspir o comprimido a tempo, que tudo aquilo era uma alucinação, um pesadelo estranho, uma má tripe causada por toda aquela aguardente barata que beberam, por ter fumado tanto charro e passado tantas horas encerrado naquela casa horrível com aquela bicha louca assustadora. Nunca disse a ninguém o muito que a voz de Luismi o tinha comovido; e preferia morrer a ter de aceitar que a verdadeira razão pela qual continuava a ir às festas da Bruxa era para o ouvir cantar. Porque a verdade era que, depois de vários anos a frequentar aquele sítio, Brando ainda ficava com os cabelos da nuca em pé quando tinha de falar com a bicha louca de merda: por ser tão feia e estranha, com aquela forma esquisita e rígida que tinha de mover os membros magros, como uma marioneta sem cordas à

qual de repente tivessem insuflado vida; e se tivesse sido por ele, nunca lhe teria dirigido a palavra; ele só ia àquela casa para acompanhar o grupo, apesar de numa ocasião ter tido que deixar a Bruxa chupar-lhe a verga, ali mesmo num dos cadeirões da cave, enquanto Luismi cantava, ainda por cima, porque se não deixasse, o cabrão do maricas teria corrido com ele da festa e a Brando não lhe apetecia regressar sozinho a Villa a pé pelo meio dos canaviais àquelas horas da madrugada, por isso, chegado o momento, *no sé tú*, tinha sacado da verga, *pero yo quisiera repetir*, e tinha deixado que a bicha lha mamasse, *el cansancio que me hiciste sentir*, e tinha fechado os olhos e ouvido o canto de Luismi, *con la noche que me diste*, mas sem tocar na Bruxa, *y el momento que con besos construiste*, e só fez como o Borrega e o Mutante diziam, que uma pessoa só tinha de fechar os olhos e pensar noutra coisa enquanto aquela língua lhe envolvia o membro, e nunca, nunca, nunca permitiu que o paneleiro lhe tocasse na cara nem que lhe desse um beijo; porque uma coisa era deixar que as bichas gostassem dele, deixar que lhe pagassem uns copos e umas jolas e ganhar umas notas por suportar as suas paneleirices, ou até fodê-los um bocado no cu ou na boca, e outra coisa era ser um porco nojento como Luismi quando beijocava e apalpava a Bruxa. Sabe-se lá porque é que dava a Brando tanta repulsa ver aquilo; nem mesmo o espetáculo do bexiguento javardo do Mutante a ir ao cu à bicha lhe parecia tão espantoso. Talvez porque no fundo tudo aquilo de beijar os *gays* lhe parecia um pouco nojento, um atentado ignóbil à sua masculinidade, e como era possível que Luismi se atrevesse a beijar aquela bicha à frente de todos, se Brando sempre tinha pensado que Luismi era um gajo mesmo à maneira, mesmo macho, mesmo fixe; um gajo que apesar de ser apenas um ou dois anos mais velho do que ele já fazia o que lhe dava na real gana e não prestava contas a

ninguém, muito menos a uma mãe histérica e beata que chorava todos os dias e batia no peito ao vê-lo chegar bêbado a casa. Luismi metia o que queria e fazia o que lhe dava na gana e ninguém se ria dele porque uma puta porca lhe mijara na verga durante uma noitada. Ninguém se metia com Luismi e Brando invejava isso, embora não tardasse a aperceber-se, na época em que começou a frequentar as *cantinas* da estrada com os seus amigos, à caça de bichas e *gays*, que na realidade Luismi tinha uma sombra que o perseguia por todos os lados: a sua prima Lagarta, uma tipa feia, magra e nariguda que entrava frequentemente nos bares toda enfurecida para o tirar de lá puxado pelos cabelos depois de o ter esbofeteado em frente de toda a gente. Ninguém entendia o que é que acontecia àquela gaja louca, nem porque é que parecia odiar tanto Luismi; ele só se ria com tristeza quando a malta o gozava por causa da prima, mas nunca dizia nada. Dizia-se que a prima o espiava porque queria apanhá-lo no meio das paneleirices; que estava obcecada com conseguir que a avó do rapaz o deserdasse. E Luismi tinha cara de parvo, mas não era assim tanto, porque conseguia sempre fugir da Lagarta para ir ter com os maricas sem que ela o apanhasse, até àquela noite em que a maluca da prima apareceu em casa da Bruxa; na noite em que Brando, por mero acaso, tinha saído para fumar um charro com coca no pátio, debaixo de um tamarindo com muita folhagem que havia junto à porta da cozinha. Tinha saído para fumar no pátio porque a *vibe* da festa tinha ficado demasiado ríspida para os seus nervos, e chegou a um ponto em que já não conseguiu suportar os berros da Bruxa ao microfone nem os guinchos dos sintetizadores das suas canções de merda, nem o brilho das luzes coloridas, e saiu para o pátio para estar uns momentos sozinho e a fumar o seu charro em silêncio enquanto contemplava a noite com as pupilas dilatadas, sem mais

companhia a não ser o canto dos insetos e o assobio do vento forte que atravessava a planície, um vento chato que queria arrancar-lhe a brasa onde a coca em pó se fundia com as grenhas de erva apertadas na mortalha, e cujos vapores lhe causavam uma pedra deliciosa. Talvez tenha sido a coca a apurar-lhe a visão, ou talvez as suas pupilas se tivessem habituado à escuridão do pátio, mas precisamente depois de atirar a beata acesa para as profundidades sussurrantes do caniçal, Brando distinguiu uma figura que se aproximava vinda da vereda, uma sombra esquálida que avançava, silenciosa e encurvada, pelo caminho de areia, e ao semicerrar os olhos reconheceu logo quem era: a prima de Luismi, aquela tipa a quem chamavam Lagarta. Ela ainda não o tinha visto, certamente, porque os ramos do tamarindo o encobriam, ou talvez porque o candeeiro que estava pendurado por cima da porta da cozinha a tivesse encandeado tal como aos insetos gigantes que voavam enlouquecidos em volta da lâmpada, mas a verdade é que Brando, por simples maldade repentina, aguentou a vontade de falar com a mulher até a ter bem pertinho, e precisamente quando ela estava prestes a tocar no portão para o abrir é que lhe atirou, com a sua voz mais grave e sinistra: Aonde vais?, e a mulher soltou um grito de pássaro ferido e fez uma tal cara de espanto que Brando desatou a rir. De certeza que tinha borrado as cuecas com o susto, a parva, porque não deixou de olhar para o tamarindo com cara de absoluto pavor até que Brando saiu do meio das ramagens e a luz do candeeiro lhe iluminou a cara trocista. Só então Lagarta pareceu reconhecê-lo, embora nunca ninguém os tivesse apresentado. O que é que tens na cabeça, ó estúpido?, grunhiu ela, com a voz ainda abafada pelo susto, ou pela raiva. Por pouco não me provocas um enfarte, estúpido, e Brando não pôde evitar dar outra gargalhada. A mulher virou-lhe as costas e abriu o portão da cozinha, e Brando

teve de dar um passo em frente para a deter. Aonde vais?, voltou ele a dizer-lhe. Ela tirou-lhe a mão do ombro com um esticão violento e mostrou-lhe os dentes: Que caralho tens tu a ver com isso, ó estúpido? E Brando, sem perder a calma, com uma espécie de cólera fria, sorriu para ela com lábios tensos, ergueu as mãos e mostrou-lhe as palmas: sim, sim, tens razão, eu aqui não sou ninguém, disse-lhe ele; podes passar, mas depois não saias aos gritos... Ela olhou para ele com ódio e entrou na casa, mas antes de se perder nas sombras da cozinha, virou-se por uns instantes para lhe dizer: és o diabo, puto de merda. Brando não quis segui-la, manteve-se ali junto à porta, agarrado às barras com as duas mãos porque de repente tinha-se sentido tonto e o coração batia-lhe no peito com força, certamente por causa da coca. Ou talvez porque na realidade morria de vontade de ver a bomba que estava quase a rebentar ali dentro, quando a prima de Luismi conseguisse entrar na cave e visse o que acontecia ali e caísse em cima do primo entre gritos e pancadas, como quando o surpreendia nas *cantinas*. Mas naquela noite Brando ficou à espera em vão, porque lá de dentro não saía nenhuma queixa, nenhum alarido a não ser o da Bruxa a cantar: *tu amante o lo que tenga que ser, seré*, enquanto ali fora, no pátio, a noite se tornava cada vez mais espessa, *lo que me pidas tú*, o restolhar das folhas e do mato vibrando sob o sopro insistente do vento suão, *reina, esclava o mujer*, mal apaziguava a serenata que os sapos e as cigarras ofereciam à Lua, *pero déjame volver, volver contigo*... E quando menos esperava, o portão foi sacudido com violência, e a figura da Lagarta emergiu da escuridão da cozinha, afastou-o com um empurrão e fugiu para o caminho, não a gritar como ele a tinha avisado, mas sim a correr como se o próprio demónio a perseguisse. A música não tinha deixado de tocar nem um só segundo, por isso Brando decidiu entrar e ver o que tinha acontecido, mas antes de

chegar ao corredor deu de caras com Luismi. O chavalo vinha sem camisa e tinha o maxilar descaído com o espanto: nem acredito, foi a primeira coisa que disse: acho que vi a minha prima, mano; e Brando, pousando uma das mãos no ombro direito de Luismi, tentou acalmá-lo: estás-te a passar, mano, nem penses, disse-lhe ele; eu estava lá fora e não vi ninguém. E Luismi, confuso: mas eu vi-a muito bem; vi muito bem a cara dela a espreitar para a sala, e Brando, ainda sorridente: o que acontece é que já estás a delirar; de certeza que imaginaste, mano; eu estava ali fora, digo-te eu, e não vi ninguém, e Luismi: mas, mas... E já nem conseguiu dizer nada, com os nervos, e naquela noite não quis cantar no palco e passou o tempo a beber e a beber até que perdeu a consciência, e tiveram de passar vários dias até Brando vir a saber que Luismi já não vivia com a avó e as primas, mas que tinha ido para casa da mãe, com quem não se dava nada bem e por isso mais parecia que tinha ido viver com a Bruxa, porque o chavalo estava o tempo todo ali metido na casa dela, quando não estava nas *cantinas* da estrada, ou para os lados do caminho de ferro de Villa, por trás do velho armazém abandonado, embora isso fosse só um rumor, na verdade; um rumor bastante grave, é certo, porque uma coisa era ir fazer broches aos paneleiros quando era preciso dinheiro para uma linha de coca, mas aquilo de se ir meter atrás do armazém abandonado, onde a qualquer hora do dia se podia ver tipos a levar no cu entre os arbustos, a foder e a fazer broches só pelo prazer de serem *gays*, era uma coisa muito diferente, uma coisa francamente nojenta porque toda a gente sabia que ali na via-férrea ninguém pagava nada, e a verdade é que Brando tinha uma enorme curiosidade mórbida de um dia seguir Luismi para ver se era verdade que o chavalo ia para o caminho de ferro foder de graça com os soldados que vinham do quartel de Matacocuite, ou para ser fodido em grupo por eles como uma cadela

em cio, mas continha-se porque tinha horror a que por andar por aqueles sítios o confundissem a ele com um paneleiro, por isso só imaginava. E às vezes, quando as bichas levavam Brando aos mijadouros de El Metedero para lhe chuparem a picha por dinheiro, ele fechava os olhos e imaginava que a língua que lhe acariciava a glande era a língua de Luismi, e ficava com a verga duríssima, e o maricas que estivesse com ele dava suspiros fascinados e chupava-o com mais sofreguidão, e Brando ejaculava pensando nos olhos de Luismi, naquele olhar desavergonhado que o chavalo punha quando via chegar o seu engenheiro, o velho pançudo e meio careca que trabalhava para a Companhia Petrolífera e que todas as sextas-feiras ao sair do trabalho aparecia em El Metedero para se sentar com Luismi a beber uísque, e era muito estranho vê-los a emborcar juntos, em completo silêncio, como aqueles casais de há muitos anos ou aqueles amigos de há muito tempo que já não precisam de conversar para fazer companhia um ao outro, o engenheiro todo senhor de camisa impecável de manga comprida e corrente de ouro no pulso peludo e o telemóvel de última geração metido no cinto das calças, e o parvo do Luismi a olhar para ele como uma adolescente embevecida, com os cabelos despenteados e os pés sujos de andar o tempo todo de sandálias, e de repente uma pessoa distraía-se e quando voltava a olhar para eles já não os encontrava, e sabia que tinham saído na carrinha do engenheiro para foder num descampado ou no interior de um dos quartos do motel Paradiso, ali mesmo na estrada. Brando só conseguiu vê-los uma vez a beijarem-se, num canto do pátio de El Metedero, a apalparem-se no escuro como um caszinho de amantes clandestinos, com as bocas bem coladas, os olhos fechados e as mãos do engenheiro a apalparem o cuzinho do Luismi com a luxúria de quem agarra as nádegas a uma gaja com quem se tem ainda um bocado de prazer. Foda-se, mano!, exclamou

a malta em uníssonos, quando Brando entrou a correr no bar a contar-lhes o que acabava de ver: o Luismi é a puta do engenheiro! O Luismi é um paneleiro de merda, quem diria! Foda-se! Agora vamos lá ver quem é que o fode primeiro, riu-se o Borrega, e brindaram com as garrafas de cerveja e começaram a especular acerca de como seria meter a verga no Luismi, se porventura teria o cu apertado ou então relaxado, ou como seriam os seus broches, e Brando, em silêncio, permitiu-se imaginar aquilo até que a ansiedade lhe sufocou o peito e, perante a falta de bichas com tesão naquela noite, teve de sair do bar, sem esperanças já de encontrar ainda Luismi no apalpanço com o velho, e masturbou-se com a palma da mão molhada na baba, entre grunhidos culpados enquanto imaginava como seria enfiá-la em Luismi por trás ao mesmo tempo que o masturbava devagarinho para que ele também pudesse vir-se ao mesmo tempo, vir-se à canzana como o cão que era, como a cadela magra e javarda que era, uma cadela em cio que dava ao rabo com luxúria de cada vez que via chegar o seu engenheiro, o seu engenheiro maricas; porque até a Bruxa se tinha apercebido de que o Luismi andava maluco por aquele velho, que nunca parava de falar dele e de como ele era fixe e do trabalho que, segundo ele, lhe ia arranjar na Companhia Petrolífera; só devaneios mentais seus, porque o Luismi tinha concluído a escola primária com esforço e não sabia fazer mais nada senão foder e deixar-se foder, e ninguém no seu perfeito juízo lhe daria trabalho, nem sequer de varredor. E sabe-se lá quem terá ido contar o mexerico à Bruxa, mas de repente aquela aberração começou a ficar mesmo filha da puta quando Luismi ia com eles, por causa da porcaria dos ciúmes, claro, e uma noite até o mandou para o caralho, dias antes do Carnaval, porque, segundo ela, lhe tinha roubado dinheiro, e Luismi dizia que não, que não era verdade, que o que se tinha passado era que tinha ficado

muito pedrado e alguém lho tinha roubado, ou talvez lhe tivesse caído, não tinha a certeza, e começaram a discutir mesmo à frente de todos, com gritos e acusações muito sentidas, e a Bruxa de repente deu uma bofetada a Luismi e este atirou-se para cima dele e agarrou-o pelo pescoço e começou a estrangulá-lo, até que os outros os separaram e a Bruxa ficou a chorar no chão, a espernear como uma personagem de caricatura enquanto Luismi fugia da casa, com Brando a correr atrás dele, a segui-lo até à porta do Sarajuana, onde acabou por apanhá-lo e acalmá-lo pagando-lhe umas jolas com o dinheiro que lhe tinha roubado, uma parte dos dois mil paus que a bicha tinha dado a Luismi para que comprasse uns gramas de coca para o pessoal da festa que iria a sua casa e que precisaria de um aliciante para suportar as suas canções horrorosas, a sua música de merda, a sua atuação patética e ridícula. E depois, quando o Sarajuana ficou vazio por volta das três da manhã, quando Luismi tinha a voz já bastante rouca de tanto se queixar da Bruxa e das suas merdas, saíram do bar e caminharam os quinhentos metros que os separavam da casa de Luismi, a barraca suja que o cabrão dizia que era a sua casa e ali mesmo se deitaram os dois no colchão do chão, e Luismi adormeceu logo enquanto Brando, deitado de barriga para cima, o ouvia respirar e fazia festas na verga por cima da roupa, até que a ânsia, a maldita ânsia de o possuir, se tornou tão intensa que o obrigou a baixar as calças e ajoelhar-se junto do rosto de Luismi e aproximar a ponta da verga dos lábios entreabertos do seu amigo, aqueles lábios cheios que o grande maricas abriu de repente para o deixar entrar na sua boca, entrar todo até lá dentro, até ao fundo, e vir-se no momento de sentir a língua de Luismi a envolver-lhe o freio, vir-se em espasmos tão intensos que até se tornaram dolorosos. Aquilo era a última coisa que recordava daquela noite; a última coisa que desejava recordar porque de certeza que desmaiou

depois de se vir; de certeza que a sua mente ficou em branco depois de ter sofrido a intensidade devastadora daquele primeiro orgasmo na boca de Luismi, e por isso foi um terrível choque acordar no dia seguinte em cima daquele colchão, com uma dor de cabeça monstruosa, as calças enroladas nos tornozelos e a mão direita enredada nos cabelos de Luismi, cuja cabeça descansava ternamente sobre o ombro de Brando. O seu primeiro instinto foi afastar-se de um salto de Luismi, cuja cabeça caiu inerte sobre o colchão sem que o cabrão acordasse. A sua segunda reação foi puxar as calças e tirar a tábua que servia de porta e correr até ao caminho, até à estrada, e apanhar a primeira camioneta com destino a Villa, pedindo que ninguém, sobretudo Munra, o mexeriqueiro do Munra, o tivesse visto a sair da casinha de Luismi. E foi só quando chegou a casa, depois de ter tomado um duche para tirar os restos de sémen que se lhe colavam aos pelos do entrepernas, quando jazia nu sobre a sua cama, que se apercebeu do erro tremendo que tinha cometido: que em vez de ter fugido como um maricas cobarde o que deveria ter feito era montar Luismi e aproveitar a desproteção do seu sono para o estrangular com as mãos, ou melhor ainda, com o cinto das calças, tudo menos ter de passar todo o Carnaval fechado em casa com a mãe (para alegria dela), com medo de se encontrar com os amigos e que estes, sabedores com todos os pormenores do que tinha acontecido entre ele e Luismi, gozassem com ele em frente de toda a gente da terra chamando-lhe paneleiro, larilas, maricas, e o caralho. Ainda esperou uma semana depois da Quarta-Feira de Cinzas para aparecer no parque, com as mãos metidas nos bolsos, o estômago revirado pelos nervos e os pés calçados nos seus ténis *adidas* novinhos, para comprovar, aliviado, que ninguém sabia de nada, que Luismi não contara nada a ninguém, talvez por o chavalo estar com uma pedra descomunal naquela noite e nem sequer se lembrar do

que tinha acontecido entre eles, as coisas que tinham feito em cima daquele colchão hediondo, ou pelo menos foi isso que Brando pensou até duas semanas mais tarde, já no início do mês de março, ter dado de caras com o famoso engenheiro de Luisimi, num bar que acabavam de inaugurar na estrada, o Caguamarama, e embora nunca tivesse trocado uma palavra com o tipo, o engenheiro sabia como ele se chamava e insistiu em oferecer-lhe uma garrafa de uísque e, quando iam a meio, o velho pediu-lhe que o levasse a arranjar coca, e Brando conduziu-o até La Zanja na *pickup* do engenheiro, e até lhe fez o favor de sair para lhe arranjar uns gramas com os Pablo, e depois foram para um descampado onde meteram a cena — Brando sempre a fumá-la na ponta de um cigarro, como gostava —, e quando a terminaram o velho maricas lançou um suspiro e virou-se para Brando e pediu-lhe, com um sorriso coquete, se por favor baixava as calças porque tinha vontade de lhe lamber o cu, e por segundos Brando ficou calado porque pensou que não tinha ouvido bem; pensou que o engenheiro queria era que ele baixasse as calças para lhe chupar a verga, e já estava a levar as mãos ao cinto para abrir a fivela quando percebeu o que se estava a passar, o que o engenheiro queria, e com a voz abafada pela raiva disse-lhe que fosse para o caralho, que fosse lamber o cu à avó dele, que ele não gostava daquelas paneleirices, e o engenheiro partiu-se a rir, com aquele risinho meio asmático que ele tinha, e tentou confundi-lo com palavras: vamos lá ver, rapaz, como é que sabes que não gostas que te lambam o cu se nunca to lamberam? E Brando voltou a mandá-lo para o caralho, desta vez com mais raiva, mas o engenheiro continuava na dele; continuava a insistir que fizesse, que ia gostar, vá, não te faças difícil, como se Brando fosse uma daquelas bichas murchas que só precisam que lhes peçam um bocadinho para oferecerem logo logo as nádegas, para baixarem as

calças e ficarem de gatas no assento para que o engenheiro lhes passasse a língua pelo ânus e depois certamente lho metesse, aproveitando já tê-lo ali a jeito. Vá lá, vais gostar do que eu fizer, dizia o maldito velho pançudo, e até lambia os bigodinhos, e foi a visão daquela língua pálida que fez com que Brando explodisse: vai para o caralho, maricas dum cabrão, repetiu, abriu a porta da carrinha e virou-se para sair, e o engenheiro riu-se e disse: tu sabias muito bem ao que vinhas, não te armes em parvo: pois o Luismi contou-me que ficas toda doida quando te passam a língua pelo buraquinho... E Brando já tinha um pé no chão quando ouviu aquilo, e em vez de acabar de sair do veículo, regressou ao assento, aproximou-se do engenheiro e deu-lhe uma cabeçada na cara que lhe partiu os óculos contra o focinho e o nariz também, a julgar pelo estalido que Brando sentiu contra a linha do seu cabelo, e a julgar também pelos gritos que o cabrão do maricas perfumado começou a dar, mas não quis ficar a contemplar os danos que tinha causado: saltou da *pickup*, atravessou a estrada a toda a velocidade, meteu-se pelo campo e correu e correu pelos prados até sentir que tinha o peito a arder, e só então parou. Ele também tinha sangrado um pouco da testa, mas a ferida já estava seca quando regressou à povoação, e era tão pequena que ninguém notou nada, e nem mesmo a mãe lhe perguntou o que é que lhe tinha acontecido. Velho de merda; estúpido do Luismi, porque é que meteu a boca no trombone, porque é que não foi capaz guardar o segredo? Porque é que teve de contar aquilo ao maricas do engenheiro de merda? Porque é que ele não matou Luismi naquela mesma manhã, quando acordou ao lado dele no colchão? Devia tê-lo matado e fugido com o dinheiro que lhe tinha roubado, por pouco que fosse. Era só nisso que pensava ultimamente: em matar e em fugir, só isso; a escola era uma seca filha da puta, uma perda de tempo; as drogas e o álcool enojavam-

no, já nem sequer era capaz de desfrutar dos seus efeitos; os seus amigos eram todos uns pobres coitados e a mãe uma maluca que continuava a acreditar que o pai dele regressaria um dia para viver novamente com eles, uma pobre mulher parva que preferia fingir que não sabia que o pai de Brando já tinha outra família em Palogacho e que só lhes mandava dinheiro todos os meses porque se sentia culpado de os ter mandado pró caralho como se fossem lixo, mãe, como se fôssemos merda, acorda de uma vez por todas, porra: de que é que te serve rezar tanto, de que é que te serve se não és capaz de reconhecer a verdade, já toda a gente sabe, minha estúpida! Mas ela fechava-se no seu quarto e começava a rezar as suas ladainhas quase a gritar para não ter de ouvir as palavras dele nem os pontapés que Brando dava contra a porta, pontapés e murros que teria gostado de lhe dar a ela na cara, para ver se assim finalmente percebia, para ver se assim finalmente morria e ia de uma vez por todas para a porcaria do seu céu e deixava de o foder com as suas rezas, os seus sermões, os seus queixumes e as suas malditas choraminguices de meu Deus, o que fiz eu para merecer um filho assim? Onde está o meu menino adorado, o meu Brando tão doce e tão bom? Como é que permitiste que o diabo entrasse no seu corpo, Senhor? O diabo não existe, estúpida, ladrava ele, do outro lado da porta. O diabo não existe e o teu maldito Deus também não, e a mãe lançava um gritinho agónico e as rezas sucediam-se, com mais intensidade e devoção, para contrariar as blasfémias do filho, e Brando dava a volta e entrava na casa de banho, parava em frente do espelho e olhava para o reflexo do seu rosto até lhe parecer que as suas pupilas negras e as íris também negras dos seus olhos cresciam e se dilatavam até velar completamente a superfície do espelho, e uma escuridão terrível invadia tudo: uma escuridão onde nem sequer existia o consolo do brilho das chamas incandescentes do inferno;

uma escuridão desolada e morta, um vazio de que nada nem ninguém poderia alguma vez resgatá-lo: nem as bocas ávidas dos maricas que o abordavam nos bares da estrada, nem as fugas noturnas à procura das orgias de cães, nem sequer a recordação do que ele e Luismi tinham feito, nem sequer isso. *No se tú, pero yo te he comenzado a extrañar*, cantava a rádio do Sarajuana, *en mi almohada no te dejo de pensar*, mas Luismi já não cantava as palavras, nem sequer as cantarolava distraidamente como sempre que punham uma das suas músicas favoritas, *con las gentes, mis amigos*, já nem sequer falava, de tão pedrado que estava, *en las calles, sin testigos*, porque o engenheiro deixou de lhe responder às chamadas e ninguém voltara a vê-lo nos bares da estrada, e corria o rumor que o cabrão tinha sido transferido para outra estação devido à crescente insegurança que reinava na zona dos canaviais, e Brando nunca contou a Luismi o que tinha acontecido com o engenheiro naquela vez que o velho maricas lhe propôs chupar-lhe o cu, nem sequer reclamou pela sua indiscrição relativamente ao que se tinha passado entre eles, porque fazê-lo teria sido como que admitir que aquela noite tinha acontecido verdadeiramente e Brando não estava preparado para enfrentar isso, se bem que na verdade também não estivesse preparado para enfrentar a estupidez que Luismi cometeu depois de passar dias inteiros a chorar pelo engenheiro e a drogar-se nas casas de banho dos bares e na berma da estrada, na noite em que chegou feliz e radiante ao Sarajuana a anunciar-lhes a todos que... Se tinha casado! Não me fodas, mano! A sério? Casado, bem casado? Sim, senhor, assentiu o idiota. Chama-se Norma e é de Ciudad del Valle. Não me digas! A miúda que estava no parque no outro dia? Já vários do grupo tinham deitado o olho à miúda quando o Luismi passou a perna a todos e a levou para casa, para La Matosa, e agora era a sua gaja, pois claro, sua mulher, e... Agarrem-

se bem com mais esta, seus rabetas!: Norma está grávida e daqui a uns meses Luismi será pai! O quê? Não me fodas, mano! Felicidades, então!, gritou a malta e depois para festejar o casamento naquela mesma noite apanharam uma bebedeira asquerosa e o Luismi andava feliz da vida, o maricas de merda, e todos os paneleiros da terra brigavam por mamarem a picha ao recém-casado, e Luismi voltou a ter saída e até dizia que já não ia meter mais comprimidos, e os olhos brilhavam-lhe pela primeira vez em imenso tempo; Brando só lhe dava raiva pensar no que tinham feito juntos, naquela noite que nunca mais se voltou a repetir e cuja recordação o atormentava a ponto de querer arrancar aquilo do cérebro, e não deixava de se perguntar quem mais conheceria o segredo, a quem mais é que ele o teria contado. Ou talvez o engenheiro nem sequer soubesse nada e só lhe disse aquilo para ver se pegava, para o baralhar...? Porque ninguém troçava de Brando, ninguém o chateava por causa de Luismi nem se atrevia a insinuar nada, e até o próprio Luismi se comportava como sempre, como se tudo o que aconteceu naquela noite fosse a porcaria de uma alucinação da mente de Brando, como se nunca na vida se tivessem tocado, beijado e fodido, e tratava-o com toda a normalidade do mundo, como sempre: cumprimentava-o levantando as sobrancelhas quando o via chegar ao parque, e batia o punho no dele como exigia o protocolo, e a meio da noite oferecia-lhe umas passas do seu charro no pátio de El Metedero, passas que Brando consumia sem falar com ele, sem olhar para ele e, claro, sem lhe tocar, como se nada tivesse acontecido, como se Brando tivesse imaginado tudo, embora, claro, isso não fosse possível: ele não era nenhum maricas de merda, não é verdade?, para andar para ali a imaginar aquelas bichices fodidas... Mas então porque é que tinha de fazer um esforço tremendo para tirar os olhos de Luismi quando bebiam com

a malta, ou quando iam divertir-se com os paneleiros? Porque é que tinha a impressão de que Luismi estava à espera do momento preciso para contar a toda a gente o que tinha acontecido? Porque é que Brando estava cada vez mais obcecado com matá-lo antes de que aquilo acontecesse? Tudo o que tinha de fazer era conseguir uma arma, o que era fácil; e matá-lo, o que também não era complicado; e desfazer-se do corpo, e talvez pudesse deixá-lo nalgum canal de rega, e por fim sair da terra, partir para onde nunca mais ninguém pudesse voltar a encontrá-lo, muito menos a estúpida da sua mãe; talvez tivesse de matá-la a ela também antes de se ir embora; dar-lhe um tiro quando ela estivesse a dormir, ou coisa assim, algo rápido e discreto para a mandar para o seu querido céu, acabar-lhe de uma vez por todas com o sofrimento. Porque a verdade era que a mãe não servia para nada: não trabalhava, não ganhava nem um cêntimo, passava a vida na igreja ou espedada em frente da televisão a ver as suas novelas e a ler as suas revistas de bisbilhotices do espetáculo, e a sua única contribuição para o mundo era o dióxido de carbono que exalava a cada respiração. Uma vida completamente ociosa e inútil. Matá-la seria fazer-lhe um favor; um ato compassivo. Mas antes de levar a cabo tudo aquilo precisava de conseguir dinheiro, dinheiro suficiente para poder chegar a outra cidade e encontrar um sítio onde viver, e poder manter-se até conseguir um trabalho, arranjar uma vida nova, uma vida tão livre como a que certamente o seu pai construiu quando a Companhia o transferiu para Palogacho e pôde finalmente livrar-se deles, da mãe beata e frígida, e do rapaz parvo que não fazia outra coisa senão obedecer cegamente ao que a mãe dizia, ao que a mãe queria, o cabrão do puto que todos os domingos ajudava o padre Casto nas missas, vestido de acólito, e que julgava que bater uma punheta era pecado e que iria para o inferno se tentasse. Pró caralho, pensava;

pró caralho toda a gente desta terra filha da puta, enquanto lambia os lábios inchados porque era muita fixe o pó de coca na ponta de um cigarro, era do melhor a entrar nos pulmões, que tripe fenomenal quando a brasa ainda viva se reacendia, isto é do caralho, mano, estava Brando os dedos, do caralho, uma curte, não queres?, oferecia ele a Luismi, mas este ria-se com os seus dentinhos tortos e dizia que ná, que já tinha largado tudo, os comprimidos e tudo, que agora só uma jola ou um charrozinho. Willy falava das suas aventuras em Cancun, como tinha vivido bem depois de sair de casa aos dezassete e de ter ido trabalhar como empregado de mesa na Península. Brando tinha vontade de lhe perguntar quanto dinheiro seria preciso para começar uma vida nova lá, mas cortou-se, não fossem os outros pensar que ele estava muito interessado, não fossem pensar que andava a tramar alguma. Uns trinta mil paus devem-me chegar, calculou; trinta mil paus devem ser suficientes para chegar a Cancun, arrendar um quarto e começar a procurar trabalho; fosse o que fosse, empregado de mesa, ajudante de empregado de mesa, lava-pratos se fosse necessário, o que fizesse falta, a princípio, para se instalar, e depois aprender um pouco de inglês e procurar trabalho nos hotéis, onde nunca faltava o gringo maricas à procura de quem lhe desse, mas nunca ficar no mesmo sítio, sempre em movimento, beber, foder, divertir-se diante daquele mar azul-turquesa quase verde. O que é que achas?, perguntara ele a Luismi, quando saíram para uma passa no pátio de El Metedero. De repente, sabe-se lá como, ocorrera-lhe uma ideia para conseguir o dinheiro, os trinta mil paus: sacá-los à Bruxa. A cena era aparecer na casa dela e pedir-lhe o guito emprestado, ou até gamá-lo se a gente vir que vale a pena; dizem que tem ouro lá escondido, Luismi, daquelas moedas velhas que valem uma pipa de massa; dizem que uma vez um chavalo encontrou uma moedinha metida debaixo da

perna de um móvel que a Bruxa queria que pusessem noutro lado e quando foi vendê-la ao banco disseram-lhe que valia aí uns cinco mil paus, a tal moedinha toda suja, e o paneleiro tinha-a ali atirada para o chão sem saber, sem se aperceber de quando ela rolou por baixo do móvel; porque de certeza que num lugar qualquer daquela casa havia cofres ou sacos cheios dessas moedas; de que é que a Bruxa havia de viver senão disso, nem trabalhava nem nada e os cabrões do Engenho já lhe tinham tirado as terras; donde é que ela ia sacar então o dinheiro para continuar a pagar o álcool e a droga aos rapazes que iam lá a casa para se pedrarem, ouvirem as suas canções da treta e às vezes enfiar-lha lá nos cadeirões? Pensa lá bem, Luismi, que mesmo que a gente não consiga encontrar o dinheiro há coisas de valor naquela casa: os altifalantes e as consolas da cave, o ecrã gigante e o projetor, tudo aquilo vale dinheiro e podemos perfeitamente levá-lo na carrinha de Munra, que se lhe oferecermos dinheiro nos levará sem problema a casa da Bruxa; pensa nisso, de certeza que alguma coisa terá escondida no quarto de cima, senão para que é que está sempre tudo fechado, porque é que ela ficava toda furiosa sempre que alguém subia as escadas, sempre que alguém lhe perguntava o que é que ali tinha guardado? O que é que esconderia? Brando não sabia. Valeria a pena? Brando não fazia a mais pequena ideia; mas o que sabia, sim, era que não podiam deixar testemunhas, embora nunca tenha dito isso a Luismi, para que ele não comesse a magicar antes de tempo. Matar o paneleiro e deixar o estúpido do Munra entalado, e depois ele e Luismi zarpavam, e Brando teria de se livrar dele também, mais tarde ou mais cedo, mas só faria isso quando estivessem longe da povoação, longe de Villa, de tudo o que conheciam, só então Brando faria com que Luismi pagasse pela humilhação e pela angústia que lhe tinha feito sentir aquele tempo todo, especialmente desde que Brando o

viu com aquela miúda que, segundo Luismi, era a sua esposa, uma gaiata com cara de índia, espigadota mas barriguda que nunca dizia nada e que corava sempre que lhe dirigiam a palavra. Era tão parva que nem se apercebia de que Luismi lhe dava a volta; o cabrão tinha inventado que trabalhava como segurança em Villa, para poder continuar a andar na farra com os velhos pançudos de sempre: os motoristas, os operadores e os que diziam que eram engenheiros, mas que nem a preparatória tinham terminado e que se armavam em muito influentes por usarem uma camisa bordada com o logo da Companhia e beber *Buchanans*. Mano, dizia Brando ao Luismi, quando o apanhava sozinho no parque, vamos gamar esse dinheiro, vamos cair em cima da Bruxa, agarrar no guto e desaparecemos daqui para sempre, tu e eu, juntos, mas o Luismi abanava a cabeça e dizia que ele já não queria ver a Bruxa, que ainda não lhe tinha perdoado ela não ter acreditado naquilo do dinheiro: ela que vá para o caralho se julga que vou a andar a arrastar-me, depois de me ter chamado ladrão e traidor; e Brando insistia com ele, todos os dias, cada vez que o via insistia porque já tinha urgência em desaparecer dali e pensava que a única maneira de a Bruxa lhe abrir o portão era se visse Luismi ali especado, porque toda a gente sabia que a maluca da bicha ainda chorava pelo Luismi, passava a vida a perguntar por ele e a sentir a sua falta, e que se Luismi pedisse desculpa de certeza que ela lhe perdoaria e talvez até lhe desse o dinheiro sem necessidade de terem de a matar; mas Luismi continuava teimoso a dizer que não, que não queria ver a Bruxa, e além disso qual era a cena de sair de La Matosa, o melhor era ficarem, alguma coisa haveria de aparecer ali mais para a frente, não era preciso desesperar, e além disso a Norma está grávida e ele não podia arriscar que lhe acontecesse alguma coisa pelo caminho; e Brando assentia solidariamente e dizia: claro, tens razão, enquanto por

dentro pensava: filho da puta, puta que te pariu, odeio-te, cabrão, odeio-te! E prometia a si mesmo não voltar a dizer nada a Luismi, mas no dia seguinte voltava a vê-lo e as palavras brotavam-lhe sozinhas dos lábios: vá, Luismi, vamos mas é fazer aquilo, vamos bazar daqui, porque já não conseguia pensar noutra coisa; pensava noite e dia na forma como iriam matar a Bruxa, como fugiriam com o dinheiro, no que fariam para poderem trocar aquelas moedas de ouro sem levantar suspeitas, como finalmente acabariam o que tinham começado naquela noite no colchão de Luismi, e como iria matar o cabrão quando ele estivesse a dormir. As férias da Semana Santa terminaram e Brando já nem sequer se deu ao trabalho de voltar à escola; não via qualquer sentido em continuar a estudar e de qualquer modo não conseguia concentrar-se em nada. A mãe não se atreveu a ralhar com ele e até parecia contente por tê-lo em casa ali com ela; já nem sequer se importava que Brando não parasse de beber todas as noites até amanhecer desde que ele ficasse com ela a ver a novela das nove; o que ele fizesse depois já não lhe interessava: ela rezava por ele, ela rezava e punha tudo nas mãos de Deus, de Jesus e de Nossa Senhora, e que acontecesse o que tivesse de acontecer, que se fizesse a Sua Santíssima Vontade. E Brando estava cada vez mais farto dela, da novela das nove, dos risinhos imbecis das personagens das comédias e da música foleira dos anúncios e do rangido da ventoinha a girar a toda a velocidade no teto. Estava farto da terra, farto também da parva da Leticia e dos escândalos que ela armava ao telefone porque Brando já não queria fodê-la. A maldita preta tinha ficado obcecado com ter um filho dele; dizia que o marido era um estúpido com poucos tomates que não conseguia fazer-lhe um miúdo mesmo fodendo-a todos os dias, por isso queria que Brando fosse vê-la, lhe metesse a verga e ejaculasse dentro dela para a deixar grávida. Ela criaria a criança

como se fosse filho do marido, dizia ela; Brando não tinha de se preocupar com mais nada senão encher-lhe a pachacha com a meita dele e fazer-lhe um filho, dizia ela. Mais nada senão encher-lhe a pachacha com a meita dele, dizia ela, a estúpida! Fazer-lhe um filho! Ela que fosse para o caralho: a última coisa de que Brando precisava era deixar alguma coisa sua naquela terra de merda. Não, nem pensar, não lhe daria o prazer, por mais que ela pedisse, por mais que ela até lhe oferecesse dinheiro. Ele podia conseguir o dinheiro de outra maneira; partiria depois para Cancun, trabalharia como empregado de mesa e andaria a divertir-se com os gringos, sem nunca deixar de andar de um lado para o outro: para não se aborrecer, para que não os apanhassem. Vá lá, Luismi, voltava ele a insistir, quando mais ninguém os ouvia, porque Brando não queria testemunhas: vamos esta segunda-feira, esta terça-feira, na próxima semana, e aparecemos lá, Munra leva-nos se lhe dermos dinheiro; chegamos e batemos à porta e tu convence-la a abrir-nos o portão e uma vez lá dentro conseguimos o guito, emprestado ou roubado, tanto dá, e nesse momento zarpamos daqui, sem malas nem nada para não despertar suspeitas, sem avisar ninguém, só tu e eu, vamos, Luismi; e Luismi: mas temos de levar Norma, e Brando sacudia a cabeça e pensava: como se a miúda te importasse mesmo, maldito paneleiro, mas depois recuperava e sorria e em voz alta dizia: claro, é verdade, não podemos ir sem a tua esposa, não é? E a palavra «esposa» sabia-lhe a merda na boca. Tantas negas de Luismi frustravam-no. Durante um certo tempo até julgou que Luismi tinha farejado as suas intenções de o foder, de o matar quando estivessem longe, e durante alguns dias ponderou seriamente a ideia de se ir embora sozinho, sem dinheiro, até que numa sexta-feira à tarde Luismi, coisa rara, foi ter com ele a sua casa. O chavalo estava feito num oito: não dormia há dois dias porque Norma — e Brando mal

conseguia entender o que Luismi lhe contou porque não deixava de cerrar os dentes, tal era a fúria que o sufocava —, a sua esposa, estava muito mal no hospital e a culpa era da Bruxa, de qualquer coisa que a Bruxa tinha feito à pobre rapariga, e por isso o chavalo agora, sim, queria que fossem a casa dela e fizessem o que tinham planeado naquele mesmo dia: hoje, agora, cabrão, a quente, meu, hoje, Brando, tão mocado com os comprimidos que mal se conseguia manter em pé e Brando esteve quase a mandá-lo para o caralho, de lhe dar uns murros para que ele se apercebesse das merdas que estava a dizer, mas depois pensou que talvez aquela fosse a oportunidade de que tinha estado à espera. Que importava quando o fizessem e os motivos de Luismi, o que é que perdia em tentar se talvez nunca mais voltasse a surgir uma ocasião como aquela? Por isso disse-lhe que sim, que iam, mas que antes tinham de beber mais, para se prepararem, para ganhar coragem, e entrou no quarto e vestiu uma *t-shirt* preta — para ocultar o sangue que pudesse salpicar, pensou prudentemente — e depois por cima vestiu uma do Manchester, pegou em todo o dinheiro que tinha e, sem dizer nada à mãe, saiu de casa, agarrou em Luismi pelo braço para que ele não lhe escapasse e levou-o até à loja de Don Roque, onde compraram dois litros de aguardente de cana e misturaram-nos numa garrafa de bebida com sabor a laranja, água açucarada com tinta e veneno que os quatro beberam, porque a caminho do parque Willy juntou-se a eles, e depois Munra chegou ao volante da sua carrinha, e Brando na realidade não acreditava que Luismi estivesse a falar a sério; tinha a impressão de que a qualquer momento o chavalo iria fraquejar, ou de que cometeria a estupidez de alardear tudo diante de Munra e de Willy, e o plano iria pelo cano abaixo, e por isso ficou surpreendido que Luismi, idiota como andava, tivesse o tino de esperar que Willy ficasse tombado em cima do banco do

parque, antes de pedir a Munra que lhes fizesse o favor de os levar a La Matosa. Talvez o chavalo não estivesse tão drogado como Brando julgava, ou então a sua vontade de vingança era a sério. O idiota do Munra disse que os levaria aonde eles quisessem se lhes dessem guito, pelo menos cem paus para ir à povoação, e Brando disse cinquenta agora e cinquenta no regresso, depois de ele lhes fazer o favor, é o que tenho, depois dou-te o resto e vamos divertir-nos com o que lhe sacarmos, e Munra disse: está no ir, e partiram, e aconteceu aquilo, aconteceu aquilo, aconteceu aquilo de não ter noção da força das suas mãos e aconteceu que não devia ter batido com tanta força na bicha maldita com a muleta quando deu a volta para sair da cozinha a correr, e precisamente naquela parte do crânio, porra, porque caiu redonda no chão e Luismi ainda começou a dar-lhe pontapés na cara, e depois disso a Bruxa não voltou a dizer nem uma só palavra, nem mesmo quando Brando lhe deu uns bofetões para que confessasse onde é que tinha escondido o dinheiro; só se queixava e babava no chão da cozinha ao mesmo tempo que o sangue jorrava da ferida e lhe encharcava os cabelos, e tiveram de pôr-se eles sozinhos à procura do tesouro. Sabe-se lá quanto tempo demoraram a revistar toda a casa, porque Munra disse que tinha sido só perto de meia hora, mas Brando sentiu que passaram dias inteiros ali dentro, cada vez mais dececionados à medida que percorriam os quartos do andar de cima; quartos desabitados, pouco mobilados, quatro paredes e dois móveis, uma cama e uma cómoda, ou uma cama e uma cadeira, ou uma mesa no centro de uma divisão vazia; uma casa de banho pequena e escura como uma latrina; cortinas penduradas diante das janelas fechadas, paredes cinzentas, desenhos incompreensíveis e um fedor animalesco, desumano, a morte velha. E quem sabe, pensava Brando com horror, qual daqueles quartos seria o da Bruxa, onde era que a

bicha se deitava todas as noites, porque todos os quartos daquele andar pareciam desabitados, desolados até, como se ninguém nunca tivesse descansado sobre aquelas camas de aparência rígida, cobertas por edredons poeirentos. Passou revista aos quartos e aos armários cheios de roupa traçada, sacos de lixo, papéis podres, até chegar ao fundo do lúgubre corredor, onde se erguia a única porta fechada à chave, ao que parecia trancada por dentro, e por mais pancadas que Brando lhe tenha dado com o ombro e por mais pontapés que tenha descarregado no puxador, aquela porta continuou fechada, e fechada permaneceu quando Luismi subiu para o ajudar, se bem que na verdade naquele momento Luismi já não servisse para nada; a aceleração que tinha para lixar a Bruxa já tinha acalmado e agora o tipo parecia pasmado, e Brando começou a perceber que tudo aquilo tinha sido uma estupidez tremenda, porque não havia nada naquela casa a não ser uma nota de duzentos pesos em cima da mesa da cozinha e mais um punhado de moedas normais espalhadas na sala, moedas que Brando teve de recolher como um pedinte porque as mãos de Luismi tremiam e tudo lhe caía: no meio da loucura que trazia finalmente estava a aperceber-se do que tinham feito, de que a Bruxa estava acabada, mais pra lá do que pra cá, e respirava sabia-se lá como, entre sopros e arquejos, via-se que estava a sofrer, pela maneira como gemia, e Brando disse a Luismi que tinham de a levar para outro lugar, atirá-la para o monte, para que não fosse tão fácil encontrarem-na; que se a deixassem ali em casa as mulheres que ainda apareciam às sextas-feiras poderiam encontrá-la e encontrá-los a eles e que por isso tinham de sair depressa daquele lugar, naquele mesmo instante, e envolveram como puderam a Bruxa nas próprias saias e com o véu asqueroso que ela usava sempre envolveram-lhe a mona para que os miolos não lhe saíssem pela ferida, e assim a levantaram os dois e a

meteram na carrinha, e levaram-na pelo caminho que sobe para o Engenho, mas antes de chegarem ao rio viraram para um carreiro que ia dar a uma curva do canal de rega, e foi aí que a tiraram e a arrastaram até à beira do canavial e Brando deu a faca a Luismi, a faca que tinha tirado da cozinha da Bruxa, a mesma que estava ali há anos na mesa, desde que Brando conseguia lembrar-se, em cima do prato de sal grosso, e que Brando apertou no punho durante todo aquele tempo enquanto orientava Munra que ia ao volante da carrinha, e ali naquela hora Luismi recusou-se a pegar na faca e Brando teve de lha colocar na mão e fechar os seus dedos em volta do punho de Luismi, para que apertasse bem o cabo. Ele também não queria olhar para a Bruxa, mas Brando precisava de o convencer de que a coitada da bicha estava a sofrer, de que era urgente acabar-lhe com a dor e dar-lhe a estocada final, ou seja, o tiro de misericórdia, só que como não tinham pistola nem balas teriam de usar a faca, enterrá-la no maricas que tremia e gemia sobre a erva, com a cara suja de sangue e daquela porcaria amarela que lhe saía da ferida da nuca e que cheirava tão mal. Enterra-lha no pescoço, disse a Luismi, enterra-lha bem dentro do pescoço, para que acabe de se esvair em sangue, mas o maldito mariconço do Luismi tudo o que fez foi um corte tosco que não conseguiu cortar-lhe nenhuma veia importante, só levou a Bruxa a abrir muito os olhos e a arreganhar-lhes os dentes cheios de sangue, e Brando já não conseguiu suportar mais aquilo, ajoelhou-se ao lado de Luismi, voltou a envolver o punho deste com as suas próprias mãos e, com toda a força do seu corpo, conduziu a lâmina para a garganta da Bruxa, uma vez, e depois outra, e uma terceira vez mais, não fosse o diabo tecê-las, agora sim atravessando as camadas de pele e de músculo, as paredes das artérias e a cartilagem da laringe e até os ossos das vértebras, que se partiram à terceira facada com um

estalido seco que pôs o paneleiro do Luismi a chorar como uma criança, com a faca ainda apertada no punho e o sangue a salpicar por todo o lado, sujando-lhes as mãos, as roupas, os sapatos, o cabelo, até os lábios, e Brando teve de lhe tirar a faca das mãos e atirá-la para o canal, embora tivesse preferido limpá-la e conservá-la, talvez para a usar de novo, nessa mesma noite, contra a sua mãe e contra Luismi, porque ele tinha de voltar a La Matosa naquela mesma noite: tinha de regressar a casa da Bruxa, depois da novela das nove, depois do noticiário e a meio do programa de variedades que a mãe via já a dormir; voltaria de bicicleta, a lutar contra as moscas que tentavam meter-se-lhe na boca entreaberta por causa do esforço, e contra as raízes das árvores que cresciam por cima do chão e contra o vento forte que lhe agitava os cabelos e que lhe arrancava da testa as grandes gotas de suor que salpicavam a terra ressequida. Tinha voltado a casa da Bruxa para procurar o dinheiro, e uma vez mais não tinha encontrado a ponta de um corno: a sala estava vazia como o interior de um caracol morto, cheia de ecos e de um silêncio chocante, e o mesmo acontecia na cave e nas divisões do rés do chão e do andar de cima, onde não encontrou nada apesar de ter revirado todos os móveis e de ter remexido o lixo e até rompido alguns dos sacos de plástico que se acumulavam contra as paredes, sem encontrar nada. Nada de nada. Por fim, dirigiu-se à porta fechada que não conseguiram abrir à tarde porque estava completamente cerrada, e ajoelhou-se diante dela para espreitar por baixo da fresta que se abria entre a madeira e o chão, mas não distinguiu mais nada a não ser pó e escuridão e aquele cheiro a morto que impregnava o corredor. Pensou que nalgum lugar daquela casa tinha de haver um machado, mesmo que enferrujado, e que se o usasse contra a fechadura talvez conseguisse fazer saltar o metal, ou pelo menos partir a madeira que o sustinha, e desceu a correr pelas

escadas e ao chegar ao umbral do corredor parou em seco ao dar com os olhos amarelos de um imenso gato preto que olhava para ele do gonzo da porta da cozinha, e Brando não sabia como é que aquele animal que olhava para ele tão descaradamente tinha podido entrar, se ele próprio tinha fechado a porta da cozinha com tranca, para que ninguém tentasse entrar enquanto ele revistava a casa. O maldito gato não se mexeu quando Brando ergueu uma perna para fingir que lhe dava um pontapé, não se mexeu nem pestanejou sequer, mas do seu focinho fechado começou a ouvir-se um bramido furioso que fez com que Brando desse um passo atrás e passasse o olhar pela superfície da mesa, pedindo que houvesse outra faca ali em cima, e naquele momento as luzes da cozinha e da casa inteira apagaram-se de repente, e Brando soube então que aquele animal raivoso, aquela besta que bufava na escuridão era o diabo, o diabo encarnado, o diabo que o seguia havia tantos anos, o diabo que finalmente vinha para o levar para o inferno, e soube também que se não corresse, que se não fugisse da casa naquele instante, ficaria preso com a besta horrível naquela escuridão para sempre, e deu um salto para a porta da cozinha, levantou a tranca, empurrou-a com todas as suas forças e caiu de bruços sobre a terra dura do pátio com o bramido do demónio a perfurar-lhe os ouvidos. Arrastou-se pelo pó até que encontrou a sua bicicleta e partiu desesperado através da noite sussurrante, a pedalar enlouquecido pelos caminhos que atravessavam os canaviais, transpirando por causa do medo, por causa da terrível convicção de estar perdido no meio do nada, pedalando em círculos por caminhos que acabariam, mais tarde ou mais cedo, por desembocar no canal de rega, onde a Bruxa o esperava com a garganta aberta, os miolos de fora e os dentes cheios de sangue... e já quase tinha perdido as esperanças de se salvar, quando finalmente avistou as primeiras luzes de Villa, aquelas das

casas próximas do cemitério. Pedalou até chegar à avenida principal, completamente vazia, e chegou a sua casa meia hora depois. Verificou se a mãe estava a dormir antes de se meter na casa de banho para lavar a cara e as mãos cheias de terra, mas quase soltou um grito quando ergueu os olhos para se olhar no espelho embaciado e viu o seu próprio reflexo, e em vez de olhos o seu rosto mostrava dois aros luminosos que brilhavam sobre o espelho suado. Demorou vários minutos a acalmar-se, vários minutos em que se manteve imóvel em frente do lavatório, com os olhos fechados, os cabelos em pé e as mãos levantadas em frente do rosto, como que temendo um ataque do seu reflexo, até que conseguiu recuperar a sanidade suficiente para dar uma olhadela no espelho e verificar que sob a camada de orvalho gorduroso que cobria a superfície do vidro não havia dois aros de luz demoníaca, mas sim os seus próprios olhos de sempre, afundados e avermelhados, olheirentos e desesperados, mas totalmente normais, e acabou de lavar a cara, o peito e as mãos, voltou para o quarto e deitou-se em cima da cama e olhou para o teto durante várias horas, incapaz de adormecer. *No sé tú*, tinha quase a certeza de que naquela noite Luismi também não tinha conseguido dormir, *pero yo te busco en cada amanecer*, de que Luismi esperava por ele acordado em cima do colchão da sua casa, *mis deseos no los puedo contender*, de que aguardava que Brando viesse para junto dele para acabarem o que tinham começado, *en las noches cuando duermo*, naquele colchão seberto, *si de insomnio*, a questão que tinham pendente, *yo me enfermo*: foderem e matarem-se, talvez as duas coisas ao mesmo tempo. Pensou também no fracasso do dinheiro, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas de humilhação. Pensou por fim em fugir de qualquer modo; procurar refúgio nalgum outro lado. Talvez, se conseguisse comunicar com o seu pai em Palogacho, talvez ele pudesse dar-lhe refúgio por uns

dias... Palogacho não ficava longe de Villa, mas ao menos era um primeiro passo no caso de a polícia se pôr a procurá-lo... E pensando em tudo aquilo, e em como seria estar por fim longe daquela maldita terra e da sua mãe, o céu foi-se iluminando e quando se deu conta as aves já cantavam nos ramos das amendoeiras, e sem ter dormido um único segundo, Brando levantou-se da cama e foi até à sala, para procurar o número do pai na agendazinha que a mãe guardava sempre ao pé do telefone, e ligou-lhe, e o telefone tocou e tocou durante um bom bocado, até que o velho em pessoa lhe respondeu com um «estou sim?» sem vontade, e Brando cumprimentou-o nervoso — havia anos que não falava com o pai e era possível que o velho já não lhe reconhecesse a voz de homem e que até desligasse pensando que era uma daquelas chamadas feitas por extorsionistas —, e desculpou-se pelas horas que eram e balbuciou algumas frases de cerimónia que lhe souberam a falsas, mas que nem sequer conseguiu terminar porque o pai o interrompeu: o que é que querem? Diz à tua mãe que não posso mandar-lhes mais dinheiro, tenho muitas despesas... Um bebé começou a chorar do outro lado da linha. Brando disse: eu percebo, mas olha... E já está a ficar na hora de tu começares a sustentar a tua mãe, não achas? Que idade é que tu tens já, dezoito anos? Dezanove, respondeu Brando. A mãe tinha entrado na sala, vestida com aquela camisa de dormir velha que se recusava a deitar para o lixo, e com sinais frenéticos tentou que Brando lhe passasse o auricular, mas ele preferiu desligar a chamada sem se despedir do velho. A mãe quis saber o que é que se passava e Brando disse-lhe para fechar a boca, que não se passava nada, que voltasse para a cama e tentasse dormir, e ele regressou ao seu quarto, vestiu-se com a primeira coisa que encontrou no chão e pegou nos duzentos pesos e nas moedas que tinha tirado à Bruxa, e sem fazer caso do choro da

sua mãe no corredor, meteu mais alguma roupa limpa na mochila, saiu de casa batendo com a porta, e subiu pela rua principal até à saída de Villa, até à bomba de gasolina, disposto a pedir boleia ao primeiro camionista que ali parasse. Tinha de o fazer naquele preciso momento porque a ponte do Primeiro de Maio iria tornar o trânsito mais lento e os motoristas dispostos a levá-lo tornar-se-iam mais escassos, e talvez se se apressasse pudesse fugir a tempo, nem que fosse com aqueles duzentos paus na bolsa, dependendo da generosidade dos camionistas e da sua própria capacidade de agradar aos maricas até chegar a Cancun, ou à fronteira, ou fosse onde fosse, tanto fazia já. Mas enquanto caminhava pensou também em Luismi, no muito que queria vê-lo antes de partir, encerrar aquela conta pendente que tinham, e a cada minuto que passava Brando sentia mais e mais raiva, mais e mais tristeza, e antes mesmo de chegar à estrada, deu a volta e empreendeu o caminho de regresso a casa. Eram quatro da tarde quando abriu a porta da entrada, e sem dirigir palavra à mãe que rezava ajoelhada em frente do altar da sala, entrou no apartamento e foi para o seu quarto, tirou a roupa cheia de pó e transpirada, deitou-se na cama e dormiu perto de doze horas seguidas, sem sonhos nem pesadelos, e acordou quando ainda estava escuro, com o corpo coberto de suor frio. Levantou-se da cama e foi até à cozinha, onde bebeu um jarro inteiro de água fervida, espreitou para dentro de uma panela que a mãe guardava no frigorífico sem que os feijões que continha lhe apetecessem mesmo nada, antes de voltar para a cama e dormir outras doze horas seguidas. Quando voltou a acordar sentia-se desorientado e o corpo todo tremia-lhe sob os lençóis, como se fizesse frio. Tinha a sensação de que as paredes da casa lhe caíam em cima se não desandasse dali, por isso vestiu-se e saiu para a rua, com o estômago vazio e os ouvidos a zumbir. Sentia o corpo como

que entumecido, e o ar que lhe entrava nos pulmões tinha uma consistência densa, quase líquida. Caminhou na direção da esquina do quarteirão e ao dar a volta para a loja de Don Roque deu de caras com um espetáculo conhecido: um miudinho do bairro, um rapazinho de cara pálida e cabelos muito lisos e escuros, jogava sozinho na máquina de jogos que havia no passeio, ao lado do caixote de hortalça, já murcha àquela hora, que Don Roque expunha à entrada da loja. Brando não se lembrava do nome daquele menino, mas conhecia-o bem de vista. Há anos que andava a observá-lo no bairro, sobretudo porque o achava parecido consigo quando era criança, embora mais branquinho: uma versão melhorada de si mesmo, portanto; um miúdo a quem a mãe permitia sair para jogar sozinho nas máquinas de Don Roque, e o malandro não o fazia nada mal, ou pelo menos parecia que lhe dava com gana, a julgar pela maneira feroz como investia nas alavancas e nos botões da máquina, a sacudir o cuzinho arrebitado ao ritmo da música. Os lábios daquele menino eram rosados; era isso que mais chamava a atenção de Brando; nunca tinha conhecido outra pessoa com os lábios daquela cor, com exceção da rapariguinha do vídeo do cão. Certamente que os mamilos do menino, ocultos sob o tecido da sua *t-shirt*, seriam do mesmo tom rubicundo, e certamente saberiam a morango, fantasiou Brando; certamente derramariam xarope de framboesa e não sangue se alguém se atrevesse a mordê-los. Apercebeu-se de que estava parado no meio da rua, por isso acabou de a atravessar, aproximou-se do menino e esteve um bocado a vê-lo jogar até que o rapazinho — não devia ter mais de dez anos, calculou Brando, acariciando com os olhos aquelas faces completamente lisas — se virou para ele e o desafiou a jogar contra si, coisa que Brando aceitou logo, embora nem sequer conhecesse aquele jogo de lutas em particular; havia muitos anos que já não se

interessava por máquinas de jogos. Entrou na loja e comprou um maço de cigarros para trocar a nota de duzentos e pôs-se a jogar com o menino, limitando-se a mover à maluca as alavancas da máquina, deixando-o ganhar sempre e atirando o corpo para cima dele, disfarçadamente, para aferir até que ponto ele era forte, qual a dificuldade que ia ser dominá-lo assim que conseguisse levá-lo até ao caminho de ferro, e já estava prestes a convencê-lo a ir consigo, com o pretexto de lhe oferecer um gelado — se bem que depois daquela série de derrotas voluntárias já não lhe restassem mais moedas, porra —, quando três homens fardados lhe caíram em cima por detrás, lhe deram com os bastões e o atiraram ao chão para depois o algemarem e meterem-no no carro-patrolha. Onde está o dinheiro, mata paneleiros?, perguntavam-lhe eles, e davam-lhe um murro no estômago, e Brando: qual dinheiro, não sei do que estão a falar, e Rigorito: estás-te a fazer de parvo, mata paneleiros, diz-me onde escondeste o dinheiro ou queimo-te os tomates, e Brando tinha aguentado a porrada porque não queria dizer-lhes que naquela mesma noite tinha voltado a casa da Bruxa e não tinha encontrado mais que o maldito de um gato fantasma, até que começou a cuspir sangue e eles puseram-lhe aqueles cabos descarnados nos tomates e não teve outro remédio senão dizer-lhes tudo: aquilo da porta fechada, o único quarto onde não conseguiram entrar e no qual certamente se encontrava o tesouro da Bruxa, e assim que ele lhes disse aquilo os javardos dos chuis foram-se embora e atiraram-no a ele para o fundo do calabouço, para aquela cela cheia dos últimos bêbados do desfile do Primeiro de Maio, e de ladrões como aqueles três doidos que lhe roubaram os ténis, e Brando mal tinha visto a cara de um deles, o rosto enxuto e barbudo do líder, ao qual faltavam todos os dentes da frente, antes de se arrastar para o único espaço livre, junto à sanita imunda da cela, ficar em posição fetal e

abraçar ternamente as suas pobres vísceras moídas enquanto o barbudo magro dava voltas no centro da cela, pisando os bêbados com os seus ténis novos ao mesmo tempo que rugia como um animal enjaulado, excitado pelos bramidos daquele outro infeliz que gritava como um cão ferido, o matricida toxicodependente que tiveram de encerrar no «buraquinho» para que os outros presos não pudessem matá-lo. Cala-te, cão!, gritava o líder a plenos pulmões. Cala-te, assassino de merda!, gritavam da outra cela. Mataste a tua velha! Arde no inferno, cão! O líder chamava por Brando e dava-lhe suaves pontapés nas costelas moídas, como querendo mais chamar-lhe a atenção do que magoá-lo, e cantarolava: mata paneleiros, mata paneleiros, olha, olha, e Brando tapou os ouvidos e apertou as pálpebras, mas aquele louco continuava a chatear: olha, mata paneleiros, olha, o inimigo, tu acreditas no inimigo?, e o cheiro daquele homem era até pior que os mijos que impregnavam o chão da cela, e Brando fez um esforço por se desenrolar, por erguer o olhar para o sujeito que o chamava com insistência e murmurar: mano, o que é que queres, caralho? Já não tenho nada, e seguir a direção para a qual apontava o dedo magro do homem: para a parede em que Brando se tinha aninhado, para o espaço por cima da sua cabeça naquela parede cheia de garatujas e riscos feitos com pregos que representavam nomes, alcunhas, datas, corações, caralhos e conas do tamanho de monstros mitológicos e todo o tipo de cenas abomináveis, e na qual se destacavam umas linhas vermelhas que formavam a figura de um diabo. Como é que não tinha visto aquilo ao entrar na cela? Aquele demónio gigantesco que presidia ao calabouço como um soberano. O inimigo, mano, dizia o demente barbudo; o inimigo está em todo o lado. Tinham-no pintado com tijolo ou outro pigmento encarnado, e tinha uma cabeça enorme com cornos e focinho de porco, olhos redondos e vazios, rodeados

por raios tortos, como sóis pintados por uma criança perturbada, e atarracadas patas de bode e um par de mamas penduradas até à cintura daquela monstruosidade, mesmo por cima de uma longa verga ereta que jorrava o que parecia ser sangue seco, sangue verdadeiro, e o tipo barbudo, o líder da cela, tinha-se posto a gritar a plenos pulmões e dava pontapés aos bêbados para os acordar, para que presenciassem o milagre que iria ter lugar: O inimigo!, gritava que nem um energúmeno, o inimigo reclama mais servos, a escória chama pela escória! Preparem-se, filhos da puta! E os bêbados gemeram e cobriram as cabeças com os braços, e outros benzeram-se junto das grades, mas ninguém se atreveu a afastar o olhar do líder, da sua dança macabra, os golpes de boxe alucinado que exibiu no centro da cela antes de se atirar aos gritos a Brando, não para lhe bater a ele, mas sim para desferir dois murros rápidos na parede, precisamente sobre a barriga do diabo pintado, dois murros secos que ecoaram no súbito, quase místico silêncio que se fez no calabouço. Dois murros, dois, murmuraram os sequazes do líder, alarmados; dois, dois, repetiram os mais lúcidos de entre os bebedolas; dois, dois, começaram a gritar os prisioneiros da outra cela, contagiados, e até o cão ferido que chorava pedindo perdão à mãezinha se juntou, com a sua voz alquebrada, ao canto coletivo: dois, dois, gritavam todos; dois, dois, sussurrou Brando, apesar de lhe custar. Os gritos reverberavam entre as paredes do calabouço e enchiam-lhe os ouvidos, e talvez tenha sido por isso que não ouviu o ranger da porta da cela a abrir-se, nem o barulho de passos a aproximarem-se das grades, pois foi só quando separou o seu olhar daqueles sóis cegos na cara do diabo é que se apercebeu de que havia três figuras paradas em frente das grades da cela. Afastem os cus, seus bandalhos, gritava o guarda, brandindo o bastão; é do caralho, nunca sei como é que vocês fazem para saber sempre

quantos é que vos trago, bandalhos, endemoninhados, e logo a seguir empurrou os dois novos prisioneiros para o interior da cela: um homem baixo, de bigode grisalho e notoriamente coxo, que mal conseguia segurar-se em pé, e um rapaz magro, espigado, de cabelos encaracolados com sangue colado, a boca toda roxa e os olhos fechados a murro, porque a ele, sim, os javardos de Rigorito deram-lhe a sério, sem se importarem com os jornalistas, as fotografias e o caralho dos direitos humanos: Luismi em pessoa, o filho da puta maricas de merda do Luismi, ali em frente dos olhos húmidos de Brando; seu, finalmente, seu, porra; seu para esmagá-lo entre os seus braços.

VII

Dizem que na realidade nunca morreu, porque as bruxas nunca morrem tão facilmente. Dizem que, no último momento, antes de aqueles rapazes a apunhalarem, ela conseguiu lançar um esconjuro para se transformar noutra coisa: num lagarto ou num coelho que correu a refugiar-se no mais profundo do monte. Ou no milhafre gigante que apareceu no céu dias depois do assassinio: um animal enorme que voava em círculos sobre as plantações e que depois poisava sobre os ramos das árvores, a olhar com olhos coloridos para as pessoas que passavam por baixo, parecia que com vontade de abrir o bico e falar com elas. Dizem que muitos se meteram naquela casa à procura do tesouro depois da sua morte. Que assim que souberam de quem era o corpo que apareceu a flutuar no canal de rega se atiraram com pás, picaretas e martelos a partir o chão e as paredes e cavaram verdadeiras trincheiras, procurando portas falsas, câmaras secretas. Os homens de Rigorito foram os primeiros; por ordem do comandante atreveram-se até a rebentar a porta do quarto no fim do corredor, aquele quarto que pertenceu à Bruxa Velha e que desde o desaparecimento da feiticeira permanecia fechado à chave. Dizem que nem Rigorito nem os seus homens suportaram o

espetáculo que descobriram ali dentro: a múmia negra da Bruxa Velha no meio da pesada cama de carvalho, o cadáver que começou a descamar-se e a desfazer-se ali mesmo em frente dos seus olhos e que ficou convertido num monte de ossos e de cabelos. Dizem que os cobardolas fugiram dali e que já nunca mais quiseram voltar àquela terra; embora outros digam que não, que não é verdade, que o que aconteceu foi que finalmente Rigorito e os seus homens encontraram o famoso tesouro escondido no quarto da Velha — moedas de ouro e de prata, joias valiosas e aquele anel que parecia de vidro, tão grande era a pedra que tinha engastada —, e que pegaram em tudo e fugiram dentro do único carro-patrolha de Villa. Dizem que a dado momento depois de passar por Matacocuite, a avidez fez enlouquecer Rigorito e que ele decidiu matar os seus homens antes de ter de partilhar o saque com eles. Dizem que lhes pediu primeiro as armas e que depois lhes atirou pelas costas; que lhes cortou as cabeças para que as autoridades pensassem que foram os narcos, e que fugiu com todo aquele dinheiro rumo ao desconhecido. Embora também digam que não, que aquilo era impossível, que era mais certo que os homens de Rigorito, seis contra um, o matassem a ele primeiro; que o que certamente aconteceu foi que os polícias encontraram a linha da frente da Raza Nueva, que vinha do norte a varrer a confusão que o Grupo Sombra deixara nas estações petrolíferas e que foram eles que liquidaram os polícias e certamente também o próprio comandante, cujo cadáver já não tardará a aparecer no sítio de algum tiroteio, talvez também esquartejado e com marcas de tortura e cartazes com mensagens dirigidas a Cuco Barrabás e restante gente do Grupo Sombra. Dizem que a praça anda quente, que já não tardará muito em mandarem os fuzileiros para porem ordem na comarca. Dizem que o calor está a enlouquecer as pessoas, que não é possível que nesta altura de maio

ainda não tenha chovido uma só gota. Que a temporada de furacões vem com força. Que as más vibrações são as culpadas de tanta desgraça: decapitados, esquartejados, enrolados, ensacados que aparecem nos recantos dos caminhos ou em fossas cavadas à pressa nos terrenos que rodeiam as comunidades. Mortos por tiroteios, choques de automóvel e vinganças entre clãs rivais; violações, suicídios, crimes passionais como dizem os jornalistas. Como aquele rapaz de doze anos que matou a namorada grávida do pai, por ciúmes, em San Pedro Potrillo. Ou o camponês que matou o filho aproveitando o facto de andarem à caça e que disse à polícia que o confundiu com um texugo, mas já se sabia de antes que o velho queria ficar com a mulher do filho e que até se encontrava com ela às escondidas. Ou aquela louca de Palogacho, a que dizia que os seus filhos não eram seus filhos, que eram vampiros que queriam chupar-lhe o sangue, e que por isso matou as crianças à pancada, com as tábuas que arrancou da mesa e com as portas de um armário e até com o ecrã da televisão. Ou aquela outra desgraçada que sufocou a filhinha, com ciúmes por o marido não lhe ligar a ela, mas à menina, sim, por isso agarrou numa manta e pô-la na cara da menina até que ela deixou de respirar. Ou aqueles cabrões de Matadepita, que violaram e mataram quatro empregadas de mesa, e que o juiz soltou porque a testemunha que os tinha identificado a eles como assassinos nunca compareceu, dizem que lhe deram cabo do canastro por se andar a chibar, e aqueles filhos da mãe andam livres, como se nada fosse... Dizem que é por isso que as mulheres andam nervosas, sobretudo as de La Matosa. Dizem que se reúnem à tarde nos alpendres das suas casas a fumar cigarros sem filtro e a embalar as crianças mais pequenas nos seus braços, soprando o fumo picante sobre as suas cabecinhas ainda tenras para espantar os mosquitos, e a saborear o pouco fresco que consegue subir do rio,

quando a povoação fica por fim silenciosa e só se ouve ao longe a música dos bordéis à beira da estrada e o rugido dos caminhões que se dirigem para os poços petrolíferos e os uivos dos cães a chamarem-se como lobos de uma ponta à outra da planície; a hora em que as mulheres se sentam a contar histórias enquanto vigiam com mais atenção o céu, à procura daquele estranho animal branco que poisa sobre as árvores mais altas e contempla tudo com cara de querer avisá-las de alguma coisa. Que não entrem na casa da Bruxa, seguramente; que evitem aquele sítio e não se atrevam sequer a passar em frente da fachada, que não espreitem por entre as aberturas que agora abundam nas suas paredes. Que contem aos seus filhos porque é que não devem entrar à procura do tesouro, e muito menos ir lá em grupo com os amigos percorrer os quartos em ruínas e subir ao andar de cima para ver quem é o valente que se atreve a meter-se no quarto do fundo e tocar com a mão na mancha deixada pelo cadáver da Bruxa sobre o colchão imundo. Que lhes contem como alguns saíram espantados dali, agoniados pela pestilência que ainda se respira lá dentro, aterrorizados pela visão de uma sombra que se descola das paredes e que começa a persegui-los. Que respeitem o silêncio morto daquela casa, a dor das infelizes que ali viveram. É isso o que dizem as mulheres da terra: que não há nenhum tesouro ali dentro, que não há ouro nem prata nem diamantes nem nada mais que uma dor pungente que se recusa a dissolver-se.

VIII

O Avô fumava sentado em cima de um cepo enquanto os empregados da morgue acabavam de descarregar a ambulância. Foi-os contando a todos, um por um, até mesmo os que não estavam completos, os que eram apenas bocados de gente, sem rosto nem sexo: o pé calejado de algum camponês que certamente se empenhou em cortar o mato de uma lomba enquanto estava bêbado, e dedos e bocados de fígado e tiras de pele que sobravam das cirurgias do hospital dos empregados do petróleo. O primeiro morto inteiro que eles tiraram parecia claramente um indigente: tinha a pele encardida e encarquilhada de quem passou meia vida a delirar sem rumo sob o sol inclemente. Depois seguiu-se aquela pobre rapariga esquartejada; pelo menos não ia nua, coitadinha, mas embrulhada em celofane azul-céu, para que os seus membros cerceados não se espalhassem no chão da ambulância, supôs o Avô. Depois seguiu-se a recém-nascida, a criaturazinha com a cabeça diminuta como uma anona, que os pais seguramente abandonaram nalguma clínica local mesmo antes de a pobre criatura acabar de morrer. E, por último, o mais pesado e complicado de todos, o que os empregados tiveram de segurar com bocados de lençóis pela

forma como a sua pele se desprendia de cada vez que tentavam atá-lo de pés e mãos; aquele que certamente iria dar mais que fazer ao Avô que todos os outros juntos, inclusivamente mais que a coitadinha esquartejada, porque além de ter morrido esfaqueado e com violência, o cabrão ainda estava inteiro; podre, mas inteiro, e esses eram sempre os que davam mais trabalho: como que não se resignavam à sua sorte, como se a escuridão da cova os aterrasse. Mas aqueles dois cretinos da morgue não queriam saber. Eles só queriam cravar cigarros ao Avô; dizer meia dúzia de parvoíces, para ver o que é que lhe sacavam. Vem aí mais trabalho, disse o mais magro. Há um bocado encontraram os polícias de Villa que andavam desaparecidos: todos nus e sem cabeça. O Avô continuou a fumar com passas longas e lentas, o olhar fixo nos corpos que aqueles dois lançaram para a cova, calculando a quantidade de areia e de cal que teria de lhes atirar. O melhor será cavar outra vala, disse o outro, o *güero*, o que quase nunca falava e ficava só a olhar para o Avô com o seu sorrisinho parvo. Nessa ainda cabem mais uns vinte, respondeu o velho. O magro deu uma gargalhada: em Villa disseram o mesmo, Avô, e está a ver? Temos de lhe trazer os corpos para aqui porque lá não cabem. As covas do cemitério parecem montinhos de um lançador de beisebol. O Avô limitou-se a olhar para ele com os olhinhos entrecerrados. Não era melhor enterrá-los de pé?, sugeriu o *güero*, atirando a beata para o fundo da cova. O parvalhão dizia aquilo a brincar, mas o Avô sabia que isso nunca funcionava. Davam muito trabalho se não estivessem deitadinhos, bem acomodados um sobre o outro. Eles mesmos se sentiam incómodos e remexiam-se e as pessoas não conseguiam esquecer-los e eles ficavam presos neste mundo e depois andavam a fazer más figuras, aos tropeções por entre as sepulturas, espantando as pessoas. O Avô acendeu outro cigarro e apenas abanou suavemente a cabeça enquanto os

empregados da morgue de Villa olhavam para ele com expectativa. Queriam que ele lhes contasse uma das suas histórias, tinha a certeza, mas o velho não lhes ia dar o prazer. Para quê? Para depois andarem a dizer que o caraças do Avô já estava xexé? Pois que fossem à merda! Sobretudo aquele magricela, o que começou o boato de que o Avô falava com os mortos, e tudo por uma coisa que o próprio velho lhe contara de boa-fé, pensando que o merdoso entenderia, mas não: saiu do cemitério a dizer a meio mundo que o Avô ouvia vozes e que estava tonto, quando a única coisa que o velho tinha querido explicar-lhe era a necessidade de falar com os cadáveres enquanto os enterrava, caralho; porque pela sua experiência as coisas corriam melhor dessa maneira; porque os mortos sentiam que uma voz se dirigia a eles, que lhes explicava as coisas, e ficavam um pouco consolados e deixavam de chatear os vivos. Por isso esperou que os dois maqueiros se fossem embora na ambulância vazia antes de se atrever a dirigir a palavra aos novos. Era preciso acalmá-los primeiro, fazer-lhes ver que não havia qualquer razão para ter medo, que o sofrimento da vida já acabara e que a escuridão não tardaria a dissipar-se. O vento atravessava a planície e revolia as folhas das amendoeiras nas copas e formava remoinhos de areia entre as campas distantes. Já aí vem a água, contou o Avô aos mortos, enquanto contemplava com alívio as nuvens grossas que carregavam o céu. Abençoada seja, já aí vem a água, repetiu, mas vocês não temam. Uma grande gota solitária caiu-lhe na mão que segurava a pá. O Avô aproximou as costas da mão à boca para lambe-la a doçura da primeira chuva da temporada. Tinha de se apressar, acabar de cobrir os corpos, primeiro com uma camada de cal e depois com outra de areia antes que caísse o aguaceiro, e depois colocar a rede de galinheiro sobre a cova, e as pedras por cima para que os cães sem dono não fossem desenterrar

os corpos durante a noite. Mas vocês fiquem tranquilos, continuou a dizer-lhes, num murmúrio que era pouco mais alto que um ronronar. Vocês não tenham medo nem desesperem, fiquem aí calminhos. O céu acendeu-se com o fogo de um raio, e um estrondo surdo sacudiu a terra. A água já não vos pode fazer nada e o escuro não dura pra sempre. Já viram? A luz que brilha ao longe? Aquela luzinha que parece uma estrela? É para lá que têm de ir, explicou-lhes; é para lá que fica a saída deste buraco.

AGRADECIMENTOS

A Fernanda Álvarez, Eduardo Flores, Michael Gaeb, Miguel Ángel Hernández Acosta, Oscar Hernández Beltrán, Yuri Herrera, Pablo Martínez Lozada, Jaime Mesa, Emiliano Monge, Axel Muñoz, Andrés Ramírez e Gabriela Solís, pela generosidade com que leram e comentaram as várias versões deste romance. A Martín Solares pelo mesmo motivo, e por me recomendar *O Outono do Patriarca* no momento preciso. A Josefina Estrada, pelas pistas que inadvertidamente me ofereceu com a sua admirável crónica *Señas particulares*. À memória da escritora e ativista social costa-riquenha Carmen Lyra, autora de inúmeros contos, entre eles *Salir con domingo siete*, a sua versão encantadora deste conto popular de origem desconhecida, no qual me baseei para escrever a que aparece nestas páginas.

Aos jornalistas Yolanda Ordaz e Gabriel Hugué — assassinados em Veracruz durante o governo do infame Javier Duarte de Ochoa —, cujas notas policiais e fotografias inspiraram algumas das histórias que povoam esta *Temporada de Furacões*.

A Lourdes Hoyos por todo o seu carinho. A Uriel García Varela pela luzinha que brilha ao longe como uma estrela.

A Eric, Hanna e Gris Manjarrez, por serem a melhor família do universo e por me permitirem fazer parte dela.

SOBRE OS TRADUTORES

Cristina Rodríguez e Artur Guerra

Cristina Rodríguez e Artur Guerra são um casal de tradutores cuja colaboração, desde 1990, já produziu mais de duzentos títulos, sobretudo de tradução literária. Foi-lhes atribuído, em conjunto, em 2011, o Prémio Literário de Tradução da Casa da América Latina, pelo livro 2666, de Roberto Bolaño, e Artur Guerra recebeu o Prémio Internacional de Tradução Ramon Llull, pela tradução do catalão da obra *Tirant lo Blanc*, de Joanot Martorell. Embora Cristina Rodríguez traduza fundamentalmente do castelhano, inglês e francês, e Artur Guerra, do castelhano, italiano e catalão, não distinguem o trabalho de um e de outro, e no fim leem tudo em voz alta, para os retoques finais. Cristina Rodríguez, filha de pai espanhol, é natural de Lisboa, onde se licenciou em Línguas e Literaturas Modernas, e trabalhou vários anos numa editora. Artur Guerra viveu em Valência (Espanha) vários anos, onde fez estudos de Teologia, e em Itália, onde concluiu os estudos de Filosofia. Em Portugal foi professor de Filosofia e Psicologia no Ensino Secundário e professor bibliotecário.

SOBRE ESTE LIVRO



A Bruxa está morta. Um grupo de crianças encontrou o seu corpo mutilado a flutuar num canal de irrigação. Esta descoberta macabra leva a polícia de La Matosa, um lugar perdido no México, a procurar os envolvidos no crime. Cada um contará a sua versão dos acontecimentos, abrindo as portas de um inferno de violência e abandono, onde as drogas, o sexo, a pobreza e o desespero convivem com a superstição e a mitologia, traçando o retrato assustador de um México sem lei nem esperança.

Aclamado pela crítica internacional, que o compara a obras de Cormac McCarthy e de Roberto Bolaño, com ecos da melhor tradição da literatura sul-americana, de Gabriel García Márquez a Juan Rulfo, *Temporada de Furacões* é um romance originalíssimo, escrito no limite da oralidade, que subverte as convenções da crónica e do romance negro, revelando um lirismo inesperado.

SOBRE FERNANDA MELCHOR

Fernanda Melchor nasceu em 1982, em Veracruz, no México.

É autora de um volume de contos e de três romances, que lhe granjearam o reconhecimento da crítica internacional e um lugar de destaque na atual literatura sul-americana.

O aclamado *Temporada de Furacões* foi vencedor dos importantes prêmios International Literature Award, PEN Mexico Award for Literary and Journalistic Excellence e Anna-Seghers-Preis, nomeado para o National Book Award e finalista dos prêmios International Booker e Dublin International Book Award, entre outras distinções.

- [1] Parte de uma expressão muito comum no México, que na sua versão completa se diz «Matanga dijo la changa», algo dito quando se obtém ou se arrebatava alguma coisa porque se foi mais esperto e mais veloz. [N. T.]
- [2] *Cambuja*, mestiça de pele escura, não necessariamente afro-americana. [N. T.]
- [3] *Saltaatrás*, termo pejorativo com o qual queriam designar uma pessoa mestiça que ao casar-se com um negro retrocedia na raça. [N. T.]